NOVAS EVIDÊNCIAS DA SOBREVIVÊNCIA HUMANA

CHARLES DRAYTON THOMAS

NOVAS EVIDÊNCIAS
DA
SOBREVIVÊNCIA HUMANA

Rev. CHARLES DRAYTON THOMAS

COM UMA INTRODUÇÃO POR

SIR WILLIAM F. BARRETT, F.R.S.

Traduzido por Vitor Moura Visoni *em 22 de Novembro de 2017.*

LONDON: 48 PALL MALL
W. COLLINS SONS & CO. LTD.
GLASGOW MELBOURNE AUCKLAND

MEU PAI

O Rev. John Drayton Thomas, cuja cooperação tornou
os experimentos possíveis e a evidência aqui registrada.

NOTA DO AUTOR

Agradeço a muitos que prestaram assistência em assuntos ligados a este livro. Especialmente a Lady Glenconner por sua permissão em incluir os incidentes registrados no Capítulo XII. E a Sir William Barrett, não somente por

seus conselhos, e sua orientação em arranjar material, mas também por sua gentileza em escrever a Introdução.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO POR SIR WILLIAM F. BARRET, F.R.S.

PARTE I

TESTES DE LIVRO

CAP.
I. OBJETIVO E MÉTODO
II. TESTES DE LIVRO DESCRITOS
III. TESTES DE LIVRO COM REFERÊNCIAS PESSOAIS
IV. MAIS EXEMPLOS DE TESTES DE LIVRO
V. ATÉ ONDE A CHANCE DE COINCIDÊNCIA PODE EXPLICAR OS FACTOS?
VI. UM CONLUIO PODE EXPLICAR? EXPERIMENTO COM UM LIVRO SELADO
VII. EXPERIMENTO COM UMA ESTANTE DE LIVROS NÃO VISTA
VIII. EXPERIMENTO COM UM PACOTE FECHADO
IX. OS TESTES DE LIVRO PODEM SER ATRIBUÍDOS AOS PODERES SUPRANORMAIS DA MÉDIUM?
X. INDICAÇÕES DE IDENTIDADE
XI. RESUMO DOS RESULTADOS
XII. UM OUTRO DESENVOLVIMENTO DOS TESTES DE LIVRO

PARTE II

TESTES DE JORNAIS

CAP.
XIII. TESTES DE JORNAIS ILUSTRADOS
XIV. EXAME DAS MENSAGENS DE TESTE PARA 14/02/1920
XV. A POSSIBILIDADE DE COINCIDÊNCIA FRACASSA PARA EXPLICAR OS FACTOS
XVI. TESTES RECEBIDOS POR OUTROS E ENVOLVENDO FACTOS DESCONHECIDOS AO ASSISTENTE
XVII. TESTES DADOS ANTES QUE A MÁQUINA DE DATILOGRAFIA ESTIVESSE EM POSIÇÃO
XVIII. EXEMPLOS DE TESTES DE JORNAIS, INCLUINDO ALGUNS DOS PRIMEIROS RECEBIDOS
XIX. A SIGNIFICÃNCIA DOS TESTES BEM SUCEDIDOS E NOTA SOBRE A PSICOMETRIA
XX. TESTES DE JORNAIS COMO VISTOS PELO OUTRO LADO
XXI. A IDENTIDADE DO COMUNICADOR
XXII. OBSERVAÇÕES FINAIS SOBRE A EVIDÊNCIA PROPORCIONADA PELOS TESTES DE JORNAIS, E SUA SIGNIFICÂNCIA

APÊNDICE A. REFERÊNCIAS PASSADAS E ATUAIS AOS FENÔMENOS ASSOCIADOS
APÊNDICE B. TESTES DOS TÍTULOS DOS LIVROS

INTRODUÇÃO

POR

SIR W. F. BARRETT, F. R. S.

Nos últimos anos, os leitores foram inundados com livros sobre a pesquisa psíquica e sobre a vida após a morte; mas como a maioria destes livros tem pouco ou nenhum valor probatório, um livro novo sobre o assunto está apto a ser julgado com desdenhosa impaciência. O presente volume é de um caráter muito diferente, e representa, em minha opinião, uma das mais significativas contribuições já feita rumo a uma solução experimental do problema da sobrevivência após a nossa vida na terra.

É, claro, fácil para os vociferantes saduceus de hoje dar de ombros e afirmar que, como nenhuma evidência pode estabelecer uma crença tão impossível, eles se recusam a perder o seu tempo em ouvir tais disparates. Eles ignoram todo o assunto com um ar superior, afirmando confiantes que o que não pode ser explicado por meio de fraude, engano, ou memória subconsciente, é simplesmente devido à 'vontade de acreditar'. Mas, certamente, esses agnósticos podem se lembrar do antigo provérbio; 'Quem responde antes de ouvir comete insensatez e passa vergonha'[1].

Permitam-me, portanto, pedir deles que não persistam no 'desejo de *descrer*' antes de lerem as provas aqui expostas. Eles irão, espero, encontrar a sua engenhosidade posta à prova severamente na tentativa de explicar a presente adição à crescente massa de evidência experimental em favor de um corpo espiritual que sobrevive à estrutura do corpo natural.

Mesmo a arduamente trabalhada hipótese de telepatia — embora esta descoberta não seja ainda aceita pela ciência oficial — é invocada agora por alguns céticos. Eles se esquecem dos ataques ferozes feitos sobre o presente autor 45 anos atrás, por trazer perante a Associação Britânica a primeira evidência em nome da telepatia; e por se atrever a pedir que um comitê de peritos científicos fosse formado para investigar a possibilidade da transmissão de impressões e ideias de uma mente para outra, independentemente de qualquer órgão sensorial conhecido.

Tendo em vista a hipótese da telepatia, é interessante registrar o facto, que, em 1876, o presente autor pediu que antes que pudéssemos chegar a qualquer conclusão definitiva quanto à origem de alegadas mensagens espíritas, devemos primeiro saber o quão bem elas eram explicáveis por algum *poder perceptivo transcendental* por parte do psíquico ou médium — e, portanto, era necessário verificar *in limine*, se tais poderes como transferência de pensamento e clarividência realmente existiam. Eu acredito que todos os estudantes sérios da pesquisa psíquica irão concordar que estas faculdades supranormais foram agora estabelecidas, embora evidência adicional seja necessária antes que possam ser amplamente aceitas pela ciência, devido à sua natureza rara e fugidia. Por uma razão semelhante, e à dificuldade de uma explicação adequada, certos fenômenos físicos, *e.g.* bolas de fogo, geralmente não são aceitas pela ciência, e um século atrás, a existência de meteoritos foi negada.

[1] Provérbios, XVIII, 13.

O grande mérito do presente volume reside no facto de que o autor mostra de forma conclusiva que qualquer explicação baseada na telepatia ou clarividência por parte da médium, ou qualquer outra pessoa na terra, ou qualquer conhecimento subliminar possuído pela médium ou assistente, não dá conta de todos os factos que ele registrou com tanta paciência e cuidado e examinou com perspicácia crítica. A hipótese de fraude, intencional ou não, pela médium é obviamente insustentável; e resta apenas, como um último recurso, as possibilidades de recordação imprecisa, interpretação forçada e, finalmente, o braço longo do acaso.

Mas essas hipóteses eu creio que o Sr. Drayton Thomas eliminou com sucesso; em primeiro lugar, tomando notas completas em cada sessão e enviando cópias duplicadas para outras pessoas no mesmo dia, e, em segundo lugar, através da análise de inúmeros livros e papéis, diferentes dos indicados pelo comunicador invisível, e provando que a coincidência, embora possa explicar (como sempre faz) alguns acontecimentos improváveis, não explica a grande massa das provas.

Isto me leva à natureza dos elementos para a sobrevivência apresentada neste volume. Ela pode ser dividida em duas partes: (1) os assim chamados '*testes de livro*', que ocorreram antes perante outros assistentes, e foram completa e criticamente discutidos pela Sra. Henry Sidgwick na Parte 81 dos *Proceedings of the Society for Psychical Research*, e (2), os assim chamados '*testes de jornais*', os quais eu acredito o Sr. Drayton Thomas foi o primeiro a receber, e que foi capaz de confirmar a precisão em muitos casos.

Nos *testes de livro* são ditas a posição exata de algum livro na biblioteca do assistente ou de outra pessoa, a página, e certas palavras que, afirma-se, serão encontradas na página aplicável à pergunta feita, ou adequadas ao comunicador invisível. Esses testes estão mais ou menos corretos, sendo assim temos de assumir, se rejeitamos a hipótese espírita, alguma incrível faculdade supranormal para explicar o conhecimento possuído pela médium, que em todas as sessões foi a Sra. Osborne Leonard. A conclusão muito cautelosa que a Sra. Henry Sidgwick chegou em relação a estes testes de livro é que 'no geral, eu acho, a evidência perante nós se trata de um caso *prima facie* razoável para a crença' — em clarividência telepática, *i.e.*, 'a percepção de coisas externas desconhecidas a qualquer pessoa presente, mas conhecidas por alguém em algum lugar'[2].

Se isso significa alguém na Terra, ver-se-á que em muitos dos testes de livro do Sr. Drayton Thomas a evidência vai muito além disso, e envolve um escopo mais amplo. No entanto, para aqueles que estão dispostos a admitir uma nova e vasta extensão da faculdade humana, e não querem admitir a sobrevivência e ação dos amigos desencarnados, isso pode parecer uma explicação provável. De qualquer modo, não sabemos nada sobre o *modus operandi* da telepatia ou da clarividência. Ambas podem ser devido a uma ação transcorpórea da alma, no que eu acredito; mas se há um poder errante possuído pela alma, se esta pode perceber e funcionar independentemente do cérebro, então isso implica que é provável que ela sobreviva à dissolução do corpo e do cérebro.

[2] Proc. S.P.R., Part LXXXI., April, 1921, p. 377.

Em alguns destes testes de livro, no entanto, certas informações dadas parecem inexplicáveis, exceto na hipótese de que elas foram obtidas da memória do comunicador invisível ou falecido. Tome-se, por exemplo, alguns dos notáveis testes de livro dados através do Sr. Drayton Thomas para Lady Glenconner, e pretendendo vir de seu galante e brilhante filho, o Tenente Tennant, que foi morto na guerra. Além disso, um dos factos mais significativos nos testes de livro, que pretendiam vir do pai do Sr. Drayton Thomas, que também foi um ministro wesleyano, é um registrado pelo autor no capítulo X, p. 91. De 209 referências a diferentes livros, nada menos do que 110 foram para obras religiosas, e apenas dois testes estavam entre os numerosos volumes científicos na biblioteca do Sr. Drayton Thomas: o pai tinha muito pouco interesse em ciência, mas profundo interesse e conhecimento da literatura teológica. Mais impressionante ainda é o facto de que, dos quatro volumes de uma obra religiosa, bem conhecida pela última geração, e que pertenceram e sem dúvida foram cuidadosamente lidos por seu pai, quinze testes foram selecionados, treze de um único volume. O Sr. Drayton Thomas tem uma extensa biblioteca, e de sete prateleiras de livros que ele dá especial importância e frequentemente se dirige, nem um único teste foi realizado. Estes livros são sobre assuntos que não teriam recorrido ao seu pai quando na terra.

Agora, esses factos são de grande valor, proporcionando uma pista para a origem desses testes. Não é a memória ou a mente consciente ou inconsciente do assistente ou do médium que eles se referem; eles indicam a mente ou a memória da pessoa invisível que pretende ser o comunicador. Além disso, eles nos ajudam a vislumbrar o processo que ocorre naquela mente; livros familiares são recordados, passagens nesses livros são mais facilmente encontradas do que em livros estranhos, não lidos, e de alguma forma uma página e uma frase são escolhidas, esta última transmitindo a ideia necessária.

É inútil em nosso presente estado de ignorância especular *como* tudo isso é feito; ou porque, ao que nos parece, um modo direto muito mais simples de dar informações não é utilizado. Dois mil anos atrás, o salto para cima e para baixo de porções de palha debaixo de um pedaço de âmbar atritado parecia ridículo, mas foi a primeira revelação do poder maravilhoso e ainda misterioso da eletricidade.

Aqui, deixe-me oferecer um exemplo de um teste de livro que me foi dado em uma sessão com a Sra. Leonard em 05 de agosto de 1921. Durante seu transe, o Sr. Fred Myers supostamente falava comigo, por meio do controle Feda, e deu um ‘teste de livro’. Ele disse que havia alguns livros no lado direito de um aposento no andar de cima em nossa casa em Devonshire Place (a qual, é importante observar, a Sra. Leonard nunca visitou). Esta declaração estava muito correta, uma estante cheia de livros fica no lado direito da sala de estar no andar de cima. O controle continuou que, na segunda prateleira, a 1,20 metros do chão, no quarto livro contando a partir da esquerda, na parte superior da página 78, estão algumas palavras que ele (o Sr. Fred Myers) deseja que você tome como uma resposta direta dele próprio ao tanto de trabalho que você tem feito desde que ele morreu.

Interrogado se o nome do livro poderia ser dado, a resposta foi ‘Não’, mas que, enquanto sentia a capa do livro, ele recebeu um sentimento de ‘progressão’. O controlador continuou: ‘Em dois ou três livros deste teste de livros estão um ou dois livros sobre assuntos que Sir William costumava ser muito interessado, mas que nos últimos anos não tem dado tanta atenção. Isso está ligado aos estudos de sua juventude; e ele terá memórias particulares disso, já que se lembrará de seus dias mais jovens’.

Eu não tinha ideia à quais livros ele se referia, mas ao voltar para casa constatei que, na posição exata indicada, o 'livro do teste' era *Middlemarch*, de George Eliot. A capa do livro mostrava o nome bem visível, a segunda metade, 'marcha', indicando o que o controle disse: 'progressão'. Na primeira linha na parte superior da página 78 estão as palavras, 'Ai, ai, eu lembro — você verá que eu me lembrei de todos eles', cuja citação é singularmente apropriada, já que muito do meu trabalho desde que o Sr. Myers morreu se voltou para a questão da vida após a morte e se as lembranças dos amigos na Terra continuavam com os desencarnados.

Mas a parte mais notável deste teste de livros está contida na sentença, 'dois ou três livros do teste de livros', etc. Ao limpar estas estantes, a criada, sem nós sabermos, substituiu dois dos romances de George Eliot por dois volumes dos livros do Dr. Tyndall, a saber, o seu *Heat* e o *Sound*, que, para minha surpresa, foram encontrados exatamente na posição indicada. Na minha juventude, fui por alguns anos assistente do Professor Tyndall, e esses livros foram escritos enquanto eu estive com ele, e as investigações e experimentos que eles descrevem formaram 'os estudos da minha juventude'. Uma investigação cuidadosa de todas as outras prateleiras e livros não resultou em nada nem remotamente aplicável ao teste oferecido. A coincidência, portanto, não pode explicar isso, nem a clarividência viajante pode explicar o assunto, já que a Sra. Leonard não sabe nada da nossa casa, nem da minha juventude, com a qual o Sr. Myers era familiar.

Chegamos agora os *testes de jornal*. Aqui nos deparamos com uma fase rara e inesperada de faculdade psíquica. Não só a clarividência telepática e viajante entram em cena, mas em muitos casos previsões reais. Os testes referem-se a certas palavras que serão encontradas em uma determinada coluna da primeira página do *Times* ou do *Daily Telegraph do dia seguinte*. A sessão geralmente durava de 3 às 5 da tarde, e como parecia duvidoso que qualquer parte do jornal do dia seguinte estaria, então, na máquina tipográfica, eu me comuniquei com o editor do *Times* quanto a isso, enviando-lhe a hora e os detalhes de um teste dado poucos meses antes.

O gestor do *Times* muito gentilmente aceitou o assunto, e a correspondência revela que o conluio era impossível, e que era duvidoso que algumas das palavras escolhidas estivessem sequer na máquina tipográfica no momento da sessão com a Sra. Leonard. As informações relativas a este caso e a correspondência com o *Times* serão encontradas nas páginas 158-59, 168-70. A característica importante destes testes de jornais é que a informação veiculada, embora possuída pela personalidade desencarnada, em muitos casos era totalmente desconhecida ao assistente ou à médium.

Darei um exemplo de um teste de jornal de minha própria experiência. Em uma sessão com a Sra. Leonard em 05 de agosto de 1921, já referida, foi-me dito que no *Times* do dia seguinte, descendo a metade da segunda coluna, seria encontrado o nome de um amigo meu, agora falecido, que eu conheci há alguns anos; 'um amigo que Sir William conheceu muito bem e a quem gostava muito, cujos livros ele tem, e que pensou nele bem recentemente'. Na manhã seguinte, ao abrir o *Times*, exatamente na metade da segunda coluna para baixo, em letras grandes, estava o nome DRUMMOND. Henry Drummond, cujos livros são amplamente conhecidos e estão em minha biblioteca, foi um velho e querido amigo meu. Pouco antes de vir para esta sessão de 5 de agosto, eu notei que ele escrevera seu nome em seu aniversário, 17 de maio, na

minha cópia de *Diary of an Old Soul*, de George Macdonald, de modo que eu pensei nele recentemente.

Feda continuou: 'Há outro nome na primeira página do *Times* de amanhã; um quarto do caminho descendo a segunda coluna está o nome Taylor; isso irá lembrar Sir William de alguém que conheceu relacionado a estudos que ele fez há alguns anos, alguém mais velho do que ele'. No *Times* da manhã seguinte, um quarto do caminho descendo a primeira (e não a segunda) coluna, estava o nome TAYLOR em letras maiúsculas. O Coronel Taylor era um amigo, mais velho do que eu, que estava no Conselho da S.P.R. e bem conhecido tanto pelo Sr. Myers quanto por mim.

Como ele morava em Cheltenham, ele gentilmente me escreveu um relatório completo de algumas experiências interessantes em radiestesia que ele conduziu em Cheltenham, e que serão encontradas na página 187 do meu segundo relatório 'On the so-called Divining Rod', publicado em 1900.[3] O interessante aqui é que o nome real, Taylor, foi dado pelo controle; a sua posição exata no *Times* foi indicada, apenas na primeira e não na segunda coluna da primeira página. Aqui, novamente a possibilidade de coincidência não oferece nenhuma explicação, como uma busca por as outras cópias do *Times* demonstra claramente.

Até agora houve pouca evidência de que uma personalidade desencarnada pode exercer a faculdade de previsão, ou que ela possa encontrar uma passagem adequada em uma determinada página em um determinado livro em uma biblioteca distante. E se tais poderes transcendentais são possuídos pelo desencarnado, por que eles recorrem a esses métodos enigmáticos, essas sugestões fragmentárias, esses pedaços e retalhos de memória? O resultado natural disso deixa qualquer um irritado, por eles não inventarem meios melhores e mais simples de se revelarem, a sua condição atual e modo de vida, etc. Tendo posse de tais faculdades e inteligência (como estes testes sugerem), certamente eles podem fazer mais do que nos dar quebra-cabeças para resolver e mosaicos para juntar.

Mas é inútil se preocupar com essas anomalias, pouco sabemos das dificuldades de comunicação, e de traduzir os pensamentos e as ideias do desencarnado em símbolos da fala humana. Imagine a dificuldade em explicar qualquer teoria científica ou fenômenos de difícil compreensão para uma pessoa ignorante, embora inteligente, ou para alguém cuja língua não entendemos, ou transmitir as nossas ideias para um amigo surdo e cego. Se tal amigo acreditava que tínhamos morrido, todos os nossos esforços seriam direcionados para convencê-lo de que estava enganado, e que nós éramos realmente seus velhos amigos, vivos e bem. Agora, esta tentativa de provar a identidade — que aqueles a quem nós pensamos mortos estão realmente vivos e bem, parece ser o objetivo primordial destes comunicadores invisíveis.[4]

---

[3] Ver *Proceedings of the Society for Psychical Research*, Vol. XV.

[4] O falecido Dr. Hyslop, cuja experiência dos fenômenos mediúnicos americanos era tão vasta e minuciosa, chegou à conclusão de que o modo usual de transmissão de informações pelo desencarnado era imprimir na mente do médium uma imagem da cena ou das ideias a serem transmitidas, o que Hyslop chamou de método *pictográfico*. Certamente parece haver

Os pesquisadores psíquicos estão bem cientes das muitas explicações plausíveis que poderão ser dadas para fugir da conclusão de que as mensagens supostamente vindas de amigos falecidos são realmente o que elas professam ser. Foi somente após a passagem dos nossos amigos Gurney, Myers, Sidgwick, etc., que muitas vezes discutiram este assunto, que os novos tipos de evidência nos foram apresentados. Mais de dez anos atrás eu escrevi: 'É um facto significativo que as provas deste tipo (ou seja, inexplicáveis por qualquer conhecimento subliminar do assistente ou do médium, ou por telepatia dos vivos), a conveniência delas tenha sido apontada por Frederick Myers em sua vida terrena, começaram a aparecer desde a sua morte, e não somente isso, mas o início delas aparentemente veio dele'.[5]

A primeira tentativa de um novo tipo de evidência foram as chamadas *correspondências cruzadas*, que pareceram concebidas para excluir as objeções plausíveis acima referidas; no entanto, apesar desta nova evidência, na página seguinte do meu livro *Psychical Research*, escrevi: 'Uma prova *conclusiva* do facto (de vida após a morte), em qualquer circunstância, é quase impossível, ao menos no presente, quando a nossa ignorância não pode estabelecer nenhum limite para o alcance dos poderes telepáticos'. Essa objeção parece ter sido tratada pelo próximo tipo de evidência que nos foi oferecido, após a passagem do eminente sábio grego e entusiástico pesquisador psíquico, o Prof. A. W. Verrall. O intricado mosaico grego e quebra-cabeças literário chamado de *Orelha de Dionísio* oferece, na opinião do Hon. Sr. Gerald Balfour, e de outros juízes competentes, uma das evidências mais marcantes da sobrevivência já obtidas. Isso aparentemente demonstrou a vigorosa atividade mental combinada e contínua de dois eminentes escolares clássicos — os falecidos Professores Verrall e Butcher.

Embora esses dois tipos de provas ofereçam satisfação ao estudante meticuloso e erudito, elas estavam fora do alcance, ou eram complicadas demais para atrair o peregrino. Por isso nossos amigos do invisível parecem ter inventado os novos e mais simples tipos de provas vistos nestes testes de livro e jornal. Estes, obviamente, dependem de faculdades extraordinárias, cuja posse não foi anteriormente atribuída ao desencarnado, e pode de facto ser excepcional entre eles e alcançadas apenas após um tempo e esforços extenuantes.

É interessante notar a este respeito que, em certas mensagens recebidas pelo Sr. Drayton Thomas, o comunicador invisível, que alega ser seu pai, afirma ter sido dirigido e ajudado por outros no invisível que se encontram em um estado mais elevado de conhecimento do que ele goza no presente. Possivelmente isso pode se referir aos eminentes pesquisadores psíquicos que aludi.

Aliás, um valor dessas pesquisas é o treinamento da mente, tanto do experimentador quanto do leitor, na busca da *verdade*. Confrontado com as tremendas questões do problema: 'Se um homem morrer ele viverá de novo', a mente tem de libertar-se de todas as crenças preconcebidas e tradicionais, perseguindo aquilo que se

---

grande dificuldade na transmissão de palavras reais, e as formas alternativas vistas nestes testes podem ser o esforço para superar esta dificuldade.

[5] *Psychical Research*, p. 229, Home University Library.

busca em absoluta honestidade e sinceridade, com o exercício de ilimitada paciência e coragem. Parece estranho que isso exija coragem por parte de um clérigo para tentar estabelecer experimentalmente uma resposta afirmativa à pergunta acima. No entanto, até muito recentemente, poucos clérigos ou outros homens públicos ousaram arriscar sua reputação por se engajar nessa busca. Os membros do clero mais esclarecido não são mais os oponentes da pesquisa psíquica; mas este não é o caso com a maioria dos leigos religiosos, mais especialmente entre os Inconformistas.[6] Daí o Sr. Drayton Thomas está de parabéns pela coragem, bem como pelo zelo e espírito científico, que ele demonstrou ao conduzir por alguns anos as investigações por ele descritas neste volume.

Os céticos muitas vezes esquecem que meras negações não são de nenhum valor quando confrontadas com a evidência afirmativa de testemunhas confiáveis. O que um homem *nega* raramente merece atenção, e não acrescenta nada ao nosso conhecimento; mas o que alguém *afirma* como um facto em sua experiência é sempre merecedor de atenção. Como o professor William James disse uma vez, — 'Se você deseja questionar a lei que todos os corvos são negros, você não precisa mostrar que nenhum corvo o é; é suficiente se você provar que um único corvo seja branco', e ele adiciona — 'Meu próprio corvo branco é a Sra. Piper. Nos transes desta médium, não posso resistir à convicção de que surgem conhecimentos os quais ela nunca obteve pelo uso habitual dos seus olhos, ouvidos e sagacidade'.[7]

Notáveis como são esses testes de livro e jornal, eles não oferecem qualquer evidência de sobrevivência humana quando vistos sozinhos, sem evidência colateral. Eles são provas das faculdades supranormais de clarividência e precognição, às vezes exibidas por determinadas pessoas em sonhos, ou no transe hipnótico, e muitas vezes na visão de cristal durante o estado normal de vigília do sensitivo. Como essas faculdades são exercidas, não sabemos; mas elas não, como já dito, implicam necessariamente qualquer agente desencarnado, além de uma possível ação errante da alma do vivo sensitivo.

É só quando esses testes são tomados em conjunto com as provas que oferecem de conhecimento não possuído pelo médium em transe, mas possuído pelo falecido que se propõe a comunicar através do controle, que estamos justificados para buscar a sua origem fora de qualquer faculdade sobrenatural apreciada pelo médium. Mesmo nesse caso, precisamos examinar a evidência criticamente, e eliminar a informação que poderá, eventualmente, ter sido extraída telepaticamente do conteúdo subconsciente das mentes dos presentes. Eu não dou tanta importância a esta hipótese como outros o fizeram; mas será visto que o autor discutiu esta questão, e que o efeito *cumulativo* das evidências que ele dá fortemente favorece a sobrevivência da personalidade humana após a dissolução do corpo e do cérebro.

---

[6] Não-conformistas, Inconformistas ou Dissidentes ingleses são protestantes ingleses ou quaisquer outros cristãos que não se conformam com as doutrinas e práticas da Igreja da Inglaterra. (N. T.)

[7] Presidential Address S.P.R. January 31st, 1896. *Proceedings of the Society for Psychical Research*, Vol. XII, p. 5.

Aos meus amigos céticos posso, em conclusão, recomendar as seguintes palavras daquele pensador capaz, o Dr. F. C. S. Schiller: ‘Em uma mente que não deseja acreditar ou mesmo ser instruída, mesmo nossa evidência mais forte não produzirá qualquer efeito. Ela insistirá em pegar os pedaços dessa evidência e rejeitar item por item. Como todos os factos vêm isoladamente, qualquer pessoa que os rejeite um por um está destruindo a condição sob a qual a convicção da nova verdade poderia surgir na mente em algum momento’.

PARTE I
CAPÍTULO I

OBJETIVO E MÉTODO

Este livro apresenta uma classe de evidência dentre muitas que apontam para a possibilidade de conversar com os amigos que morreram. Ele foi escrito principalmente para a consideração daqueles que desejam provas. No entanto, outros que, por motivos de crença religiosa ou de experiência pessoal, estão totalmente seguros sobre a realidade da existência futura, podem aqui encontrar uma prova suplementar agradável.

A incerteza sobre esta questão suprema tem uma inevitável influência sobre o pensamento e o caráter, uma influência nociva e frequentemente travessa.

Os que fecharam suas mentes contra a recepção da evidência são pouco propensos a ler estas páginas. A experiência, seja nesta vida ou na próxima, irá, acredito, levá-los a perceber o seu erro.

Eu escrevo para aqueles que permitem que as janelas da mente continuem abertas; para essas pessoas, este livro pode revelar a luz de um dia que nunca deve acabar em noite.

No início de 1917, foi possível realizar a investigação sistemática dos fenômenos psíquicos que eu ansiei durante muitos anos de leitura. Investigar pessoalmente é totalmente diferente de estudar as opiniões e experiências dos outros; na verdade, eu estou cada vez mais convencido de que apenas com algum de conhecimento real em primeira mão é que se pode avaliar corretamente o significado completo dos fenômenos que apontam para a sobrevivência da morte corporal.

Eu mesmo não tendo dons psíquicos próprios, era necessário procurar a ajuda de outros, e por alguns meses estudei com várias pessoas dotadas os fenômenos de clarividência, capacidade psicométrica, transe, e voz direta. Fui capaz de aprender muito de cada um, mas finalmente concluí que o transe de fala profundo era o método pelo qual a investigação poderia ser melhor realizada.

Experiências com várias pessoas que desenvolveram a capacidade para falar em transe levaram-me a organizar uma longa série de estudos com a Sra. Osborne Leonard, os resultados com ela aparentando indicar possibilidades de melhoria considerável. Durante cinco anos tenho seguido essa linha de investigação, e tive mais de cem sessões em que ela passa ao estado de transe e seu organismo mental e vocal fica à disposição temporária de ‘Feda’. Feda é o nome dado ao chamado ‘controle’ da Sra. Leonard.

Houve discussão nos círculos eruditos quanto à natureza real de um ‘controle’, e certa tendência a considerá-lo como um exemplo de ‘personalidade secundária’. Olhando para o conjunto considerável de provas que se acumularam durante minhas pesquisas, não vejo alternativa lógica exceto considerar Feda como uma mulher inteligente e gentil que,

da vida espiritual, dedica uma parte do seu tempo a auxiliar, na qualidade de intérprete, intermediária, ou mensageira, aqueles menos experientes do que ela e que desejam fazer uso da condição de transe do médium para se comunicar com seus amigos na Terra.

Seria além do propósito deste livro entrar em uma discussão sobre a evidência para a realidade de Feda como uma pessoa distinta da Sra. Leonard. Os factos a serem relatados não dependem de qualquer interpretação particular da parte assumida por Feda na questão; e eu, portanto, faço alusão a ela como se ela fosse o que ela alega ser, uma pessoa que recebe as ideias que um comunicador quer transmitir, e que, em seguida, consegue verbalizá-la pelo organismo vocal da médium.

Tendo em vista equívoco prevalente sobre a natureza de uma sessão de transe, pode valer a pena descrever detalhadamente o procedimento uniformemente seguido em minhas entrevistas com esta médium.

Na chegada à casa, eu sou cumprimentado ou pelo Sr. Leonard ou por sua esposa, e vou imediatamente para a sala onde as sessões são realizadas. Tomando um assento eu pego um bloco de notas e papeis diante de mim em uma mesa onde fica uma lâmpada acesa. As cortinas da sala são feitas de modo a excluir a maior parte da luz, mas sempre há iluminação suficiente de janelas e lâmpadas para fazer tudo claramente visível dentro da sala.

A escuridão parece ser essencial para a produção de certos tipos de fenômenos físicos com os quais não estamos tratando de forma alguma aqui; e este escurecimento da sala é para facilitar uma passagem fácil e rápida para o tipo peculiar de sono chamado transe. A Sra. Leonard toma seu assento, as costas voltadas para a luz, a uma distância de 60 ou 90 centímetros de mim. Durante o transe, há uma tendência para que o corpo perca calor mais rapidamente do que o habitual, e no tempo frio, há uma boa lareira a 2,75 metros atrás da médium.

O esboço do plano que segue deixa claras as respectivas posições descritas acima; ele se refere à sala atualmente utilizada, mas, com exceção da posição da lareira, ele se aplica igualmente bem aos outros aposentos.

Quando estamos ambos sentados, há um período de silêncio com duração de dois ou três minutos. Durante este tempo, há uma mudança na respiração da médium e alguns dos sinais habituais de adormecer. Depois, inicia-se um leve sussurro do qual eu às vezes posso pegar fragmentos, tais como: ‘Sim. . . espere. . . . Sim, Sr. John, Feda vai dizer a ele. . . . Sim, tudo bem. . . .’ De repente, com uma voz clara e com muita animação, Feda me cumprimenta e anuncia que estão presentes, invariavelmente, alguém a quem ela chama de Sr. John e, às vezes, outros. A voz e os modos de Feda não podem por um momento serem confundidos com os da Sra. Leonard.

Ocasionalmente pode-se pegar uma lembrança fugaz da entonação desta última, mas nada mais. A voz e vivacidade sugerem uma menina particularmente enérgica e mentalmente alerta de, digamos, 18 anos de idade. Eu não fiz nenhuma tentativa ao registrar as conversas transmitidas através dela de reproduzir a quebra de algumas palavras e os lapsos frequentes de gramática que caracterizam o discurso de Feda. Feda explica-os dizendo que quando viveu na terra não era inglesa.

Pelos dois primeiros anos Feda simplesmente se fazia de intérprete, recebendo o que pretendia ser a conversa dos meus comunicadores e transmitindo-a frase por frase através dos lábios da médium. No final desse período, comecei a observar que por um curto período na sessão, houve uma mudança, sendo o efeito exatamente como se Feda tinha saído por um tempo e outro tivesse tomado seu lugar. Isto foi explicado como uma tentativa por parte de um comunicador para falar comigo diretamente, sem a mediação de Feda. A princípio, estes esforços foram trabalhosos, mas com a prática as aparentes dificuldades foram superadas.

Agora acontece regularmente que, quando Feda serve de intérprete por uma hora, ela pede que um ou outro dos nossos amigos tome o lugar dela. Ela se despede de mim e silencia em seguida. Pouco antes se ouvem sussurros, que mudam quase imediatamente para uma voz clara, uma voz completamente diferente da de Feda e igualmente distinta da Sra. Leonard. No restante da sessão converso livremente com o comunicador. Ele ou ela, dependendo do caso (pois dois deles se revezam), não podem reproduzir os tons com os quais eu estive familiarizado durante suas vidas na terra, mas eles, sem dúvida, preservam as próprias características individuais; cada um fala com uma voz e um modo uniformemente consistentes, um nunca mostrando qualquer tendência a gravitar em torno do outro, de Feda, ou da Sra. Leonard em estado normal.

A duração da sessão varia de uma hora e 45 minutos a duas horas e meia, a depender de alguma forma, eu acho, do vigor mental e físico da médium e do assistente naquele momento. Se alguém está cansado corporal ou mentalmente isso parece encurtar o período durante o qual algo que eles chamam ‘o poder’ vai aguentar. A diminuição deste ‘poder’ parece dificultar os falantes de se expressar como gostariam, e a experiência permite-lhes decidir o momento preciso para além do qual não é bom continuar.

Após ambos os lados se despedirem, há silêncio por um ou dois minutos, quando então a Sra. Leonard se levanta da cadeira e, abrindo as cortinas, parece ser inteiramente em seu estado normal de novo, sem sinais de desgaste pelas duas horas de sono, mas muito renovada e alerta.

Apesar de não ser absolutamente relevante para este livro, pode ser interessante acrescentar que, durante toda a sessão, os olhos da médium parecem estar fechados; todavia, não obstante isso, Feda, ou quem quer que possa estar no controle no momento, é capaz de ‘ver’-me e aos objetos na sala. Disto há evidência suficiente, mas seu significado não precisa nos deter.

Para declarações que requerem grande precisão, como ao fornecer certos tipos de testes, descobriu-se aconselhável, na opinião dos meus comunicadores, permanecer livre pelos cuidados envolvidos em assegurar controle pessoal. As alusões literárias a serem descritas foram recebidas por mim pelo meu comunicador principal através de Feda.

Eu usei o termo ‘meu comunicador’, e talvez seja bom aqui, de início, explicar o que está na minha mente quando essa palavra é usada, já que ela vai aparecer frequentemente pelo livro.

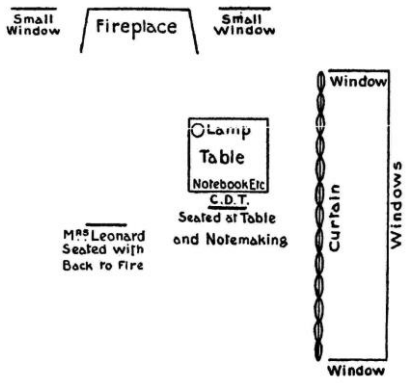
A história completa ficará guardada para outro lugar; o a seguir é um resumo. Meu pai, o Rev. John D. Thomas, morreu em 1903, e durante os 14 anos que se passaram entre isso e a minha primeira sessão eu perdi vários amigos para a morte. Alguns destes, imaginei, seriam mais prováveis de responder à minha tentativa de comunicação do que o meu pai, cujo interesse pelo assunto nunca foi pronunciado. Foi, portanto, com alguma surpresa que, desde o início das sessões em diante, eu soube de sua presença e descobri que ele era capaz e desejoso de falar comigo. O controle da Sra. Leonard sempre se referiu a ele como ‘Sr. John’.

Sua mente sempre foi lógica, e estas primeiras comunicações lidaram habilmente com evidências de sua identidade. Ele a provou. Essa prova eu guardo para descrever em outra ocasião; ela não é necessária para o meu presente propósito, que é apenas apresentar uma linha particular de evidências dadas subsequentemente ao dia em que lhe disse toda a minha satisfação com as provas de identidade que ele me deu. A resposta naquela ocasião foi característica do meu pai como eu o havia conhecido na vida terrena; foi no sentido de que não se podia ter evidências muito boas por demais, e como o meu objetivo não era a satisfação pessoal, mas a coleção de informações que pudessem beneficiar outros, ele continuaria a estabelecer uma base sólida e grande de factos sobre a qual construir posteriormente.

Foram algumas semanas após isso que se iniciou a série de testes de livro, que mais tarde foi seguida por testes de jornais; estas duas séries formam o objeto do presente livro. É uma linha de provas selecionada dentre muitas, e conveniente tratar de forma isolada das outras. Caso a tentativa de expor o meu material de uma forma lúcida e compreensível seja bem sucedida, este livro dará ainda outra contribuição ao acúmulo considerável de material probatório, que, nos últimos anos, tem sido recolhido para o uso de mentes atenciosas — mentes desejosas de certeza quanto à sobrevivência humana e a possibilidade de comunicação verbal com os amigos falecidos.

Ao declarar a minha posição, portanto, no início do livro, estou absolvido da necessidade de adicionar frases de qualificação ao aludir ao comunicador. Estou autorizado a escrever exatamente o que penso, e falo dele como ‘meu pai’, especialmente quando, após alguns dos capítulos anteriores, bons motivos foram-me mostrados para assim proceder. No entanto, em deferência aos leitores mais exigentes, vou me conter até certo ponto e manter o termo ‘comunicador’ em muitos lugares onde ‘pai’ estaria mais em consonância com os meus hábitos de pensamento.

Escusado será dizer, leitura e discussão frequentemente me colocaram em contato com pessoas que afirmam que provas de qualquer mensagem tendo se originado no mundo espiritual são, juntamente com as evidências para a identidade de um suposto comunicador, absolutamente inatingíveis. Caso alguém que sustente essa opinião tenha se dignado a ler o meu livro, peço-lhe que considere a possibilidade de ter-se enganado, e expresso a esperança de que possa encontrá-las ao seu alcance ao seguir os passos do argumento a seguir com uma mente aberta, sinceramente pesando as provas apresentadas e considerando para onde elas apontam.



CAPÍTULO II

TESTES DE LIVRO DESCRITOS

'Durante os últimos anos, um tipo especial de fenômeno se desenvolveu com a Sra. Leonard, conhecido sob o nome de "testes de livro", a natureza do qual vou indicar sucintamente. Primeiro, é feita uma tentativa para identificar uma estante especial na casa do assistente, ao mencionar a sua posição em relação a outras características do ambiente em que se encontra — a porta, por exemplo, ou as janelas; por vezes, outros itens do mobiliário são descritos com algum detalhe. Em casos de sucesso os assistentes são capazes de afirmar que eles sabem de uma única estante de livros para a qual se aplicaria a descrição.

Uma prateleira é indicada a seguir — por exemplo, a segunda de cima — e um livro particular na prateleira, digamos, o quarto do lado esquerdo. O número de uma página no livro é então fornecido e, geralmente, alguma indicação quanto à parte da página, "perto do topo", "descendo cerca de metade do caminho", etc. O campo tendo sido assim reduzido, segue-se alguma declaração quanto ao que o assistente pode esperar encontrar na passagem indicada'.[8]

[8] Sra. W. H. Salter, Hon. Editor para *The Society for Psychical Research*. Veja artigo em *The Psychic Research Quarterly for January*, 1921, intitulado 'Two Noteworthy Book Tests'.

Em relação a estes testes de livro, Sir Oliver Lodge diz: '*O objetivo evidente é enviar mensagens de tal forma que elas sejam ininteligíveis, não só para o médium da comunicação e para a pessoa que as recebe, mas para todos, até que a pista seja seguida e a mensagem decodificada, quando o significado seria inconfundível. Se os testes deste tipo são realizados com êxito, é evidente que nenhum tipo simples de leitura da mente pode ser objeto de recurso ou considerado como uma explicação racional*'.[9]

Já que as páginas seguintes contêm inúmeras referências aos volumes em meu escritório, pode ser bom dizer de início que a Sra. Leonard nunca entrou em nossa casa, nem ela teve qualquer oportunidade para se informar sobre o conteúdo da nossa estante de livros.

Minha iniciação aos testes de livro foi no dia 14/06/1917, quando fui informado de que um grupo daqueles do outro lado planejara uma longa série deles, projetados para um propósito definido, e que outros os receberiam também. Pediram-me que fizesse anotações cuidadosas, e isso eu fiz. Os exemplos neste livro são transcritos dessas notas e das verificações posteriores. O comunicador supostamente era o meu pai. Uma das declarações preliminares é digna de consideração, tendo em conta as características que marcam os primeiros testes. Ele disse, 'Eu "sentia" o *espírito apropriado da passagem*, em vez das letras que o compõem'. Mas, após 18 meses, ele pareceu adquirir um poder de, ocasionalmente, ver as palavras por algum tipo de clarividência. A transição gradual da 'sensação' para a 'clarividência', com sua culminação bem-sucedida em dar nomes exatos em 'testes de jornais', é um estudo interessante.

Objetou-se ser fisicamente impossível obter informação correta das páginas de um livro fechado. Possivelmente. Mas e se estamos lidando aqui com poderes não mais limitados pelas condições físicas? Os poderes de um espírito livre podem transcender os nossos. Podemos apenas estudar os factos trazidos perante nós, tentando deduzir as leis que regem a sua origem.

Como é que a página exata pode ser dada corretamente? Fui informado de que esta era uma das maiores dificuldades, já que o método da 'sensação' não permite que um espírito operador decifre o número impresso na página, e assim um cálculo era necessário. A impressão deixada em minha mente pelas tentativas de explicações sobre o método utilizado foi que, quando uma página era fixada como contendo um pensamento adequado para o teste, o operador contava as páginas entre esta e o início, e que essa contagem era feita por um processo semelhante ao utilizado por nós quando nós rapidamente 'roçamos' um livro. O operador normalmente começa onde o fluxo de pensamento começa, e quando este cessa e recomeça mais elevado, ele conclui que ele passou do fundo de uma página para o topo da outra. Desta forma, dizem, é possível calcular o número de páginas entre o início e a passagem fixada para o teste. Ao averiguar geralmente se conta do início do material impresso, desconsiderando as folhas de guarda e a numeração do tipógrafo.

[9] Veja a Nota do Prefácio por Sir Oliver Lodge para o livro de Lady Glenconner, *The Earthen Vessel*. Editora, John Lane.

Os exemplos seguintes ilustram as classes, pessoais e gerais, em que os testes de livro podem ser divididos. A primeira liga a passagem de teste com um acontecimento em nossa casa, as outras são mais gerais.

I

Discutimos a possibilidade de um som audível ser produzido por meu comunicador para atrair nossa atenção em casa. Ele tentou, mas raramente conseguiu fazer batidas que não pudessem ser atribuídas ao ranger comum no chão ou móveis. Uma noite, porém, cheguei à conclusão de que um esforço especial havia sido feito e que o resultado foi um definitivo sucesso; por três vezes ouvi uma batida dupla alta. Observei o incidente e o adicionei a uma lista de tais itens guardados para referência. Três dias depois, em uma entrevista com a Sra. Leonard, Feda *saudou-me* com a afirmação de que *ela* tinha conseguido chegar à nossa casa e dado batidas lá. Como ela não podia ouvir as próprias batidas, ela teve de julgar se elas foram altas ou não, mas considerou que foram altas e macias, uma batida alta sendo seguida por batidinhas destinadas a soletrar o nome dela pelo código alfabético usual. Eu disse a ela que enquanto eu ouvi claramente as batidas fortes, as mais suaves não.

Poucos minutos depois, foi dado o seguinte teste de livro:

> ‘Ele acha que você vai se divertir com o teste seguinte. Trata-se de um livro atrás de sua porta do escritório, a segunda prateleira a partir do chão, e quinto livro da extremidade esquerda. *Perto do topo* da página 17, você verá *palavras que servem para indicar o que Feda estava tentando fazer quando batia em seu quarto*. Agora que você está ciente de que isso foi a tentativa de Feda, você vai ver a relevância inconfundível destas palavras quanto a isso.’

Ao voltar para casa vi que o livro era um volume de Shakespeare, que começa com o *Rei Henrique VI*., e a terceira linha a partir do topo da página indicada era a número 69 da Cena 3 no Ato I. Lê-se, ‘Eu não vou te responder com palavras, mas com pancadas’.

Os exemplos a seguir são do tipo mais geral de testes de livro que variam bastante sobre descrição, humor, assuntos do dia, filosofia e religião.

II

> ‘Em seu escritório perto da porta, na prateleira mais baixa, tome o sexto livro da esquerda, e na página 149; três quartos para baixo está uma palavra que transmite o significado de cair ou tropeçar’.

Um pouco além da metade do caminho desta página havia a seguinte frase: ‘. . . a quem um Messias crucificado era uma pedra de tropeço insuperável’.

As instruções para encontrar o livro e a página necessária serão geralmente omitidas deste ponto em diante, entendendo-se que elas foram em cada momento dadas com precisão exata.

III

‘Bem no fim da página ele pareceu receber algo sobre grande ruído, não um som agudo, fino, mas um mais pesado, de um barulho estrondoso’.

Perto do fim da página havia a frase: ‘Eu por acaso passava naquele momento ao longo da costa e ouvi as armas por dois ou três dias e noites sucessivamente’.

IV

A posição exata do livro tendo sido descrita, fui pedido para voltar a uma determinada página e lá ver declarado, *meio caminho descendo*, um argumento que eu era provável de ouvir frequentemente dos lábios de críticos incrédulos das comunicações espíritas; e também, imediatamente após isso, algumas palavras que poderiam muito bem ser citadas como uma resposta a essa crítica adversa. ‘Você não’, disse ele, ‘empregaria essas palavras literalmente, ainda assim você deveria fazê-lo para que elas fossem uma resposta correta’.

O diálogo encontrado *no meio do caminho descendo* a página designada dizia o seguinte: —

Diz No. 1 — ‘Eu tinha uma ideia de que eu deveria encontrá-lo aqui. O pensamento veio até mim’.

No. 2 responde — ‘Acho que foi transmissão de pensamento’.

No. 1 responde — ‘Sim, eu sei’.

Quão apropriado é isto. Os críticos das comunicações espíritas dizem: ‘É tudo telepatia, apenas um momento de transmissão de pensamento’. E nossa resposta é: ‘Certamente que parece ser o método empregado. Mas por quem? Você diz que de mentes terrenas, nós dizemos que é de amigos espirituais. Mas é obviamente transmissão do pensamento em ambos os casos’.

CAPÍTULO III

TESTES DE LIVRO COM REFERÊNCIAS PESSOAIS

O seguinte exemplifica o tipo de teste de livros mais pessoal, uma classe grande em que a passagem a ser encontrada é feita de forma que se ligue de alguma forma com o meu trabalho, a nossa vida em casa ou, ocasionalmente, com o comunicador. Estas referências a si mesmo são de especial interesse como contribuições para as provas de sua identidade.

A questão da identidade pessoal é fundamental, e será tratada mais detalhadamente nos capítulos dedicados aos testes de jornal. *Os testes de livro foram dados, assim foi dito, não tanto para provas de identidade, e sim para ilustrar a*

capacidade de um espírito em obter informações desconhecidas ao assistente ou o médium, e ainda capazes de fácil verificação.

Abstive-me de dar muitos exemplos de testes de livro pessoais, porque eles não podem ter nada para os outros do intenso interesse e valor probatório que tinham quando os recebi.

I

Uma noite, duas visitantes se juntaram a nós em uma sessão de mesa experimental. Entre as mensagens enunciadas por meio de inclinações da mesa, uma supostamente vinha de Feda.

Ambas as senhoras eram fortemente mediúnicas, e a mesa se moveu com muito vigor. *Minha teoria para explicar tais movimentos é de que dos assistentes emanava uma força ou substância semi-material que era utilizada pelas inteligências comunicantes para transmitir movimento para a mesa*, fazendo-a inclinar enquanto nós soletrávamos o alfabeto, e parando na letra que eles pediam. Além disso, suponho que, *no fim de tais sessões, esta força semi-material é reabsorvida nos corpos de onde foi tirada*. Cinco dias depois, durante uma sessão com a Sra. Leonard, veio o seguinte:

> 'Em seu escritório, atrás da porta, terceira prateleira, e terceiro livro da direita, olhe para a parte superior da página 62. Você vai encontrar lá uma passagem que será bastante surpreendente se você tomá-la como se referindo à sua sessão de mesa com as duas senhoras recentemente, tome-a bastante literalmente, e ela fará uma alusão clara'.

Esta é a passagem que começa quatro linhas da parte superior da página: 'O herói divino, no entanto, não aceita experimentar *a substância que emanava dele, e que é parte de si mesmo, a perecer*. Ele procura livrar-se dela aos poucos, e *reabsorvê-la em si mesmo*'. Coloquei em itálico as palavras mais especialmente relevantes.

II

Entre os testes de livro mais antigos recebidos em 1917 o seguinte foi de particular interesse, pois demonstra familiaridade com quatro factos que a Sra. Leonard não era em absoluto provável de saber; a saber: a minha visita a um psicometrista três anos antes, a surdez de um parente próximo da minha esposa, o facto de que estávamos pensando em deixar a nossa casa, e o nome da irmã de minha esposa.

O teste começou com uma descrição muito precisa de um quartinho onde tínhamos uma estante de livros pendurada. Não só foi o paradeiro do livro requerido dado muita precisão, mas me pediram para perceber que na parte de trás do volume adjacente havia uma palavra parecida com 'A-sh-ill-ee'. Ao dizer este nome Feda me avisou que ela estava dando o som, mas não a sua ortografia correta. Eu descobri ao voltar para casa que o livro seguinte era da Sra. Ashley Carus-Wilson. A-sh-ill-ee é muito bom foneticamente para Ashley.

Em seguida foi-me dito para voltar para a página 87 e menos de metade do caminho para baixo veria algo sobre um 'esforçar-se' de novo, mas sob condições e

aspectos diferentes do que da última vez'. O teste anterior fora sobre esforço espiritual, e esta referência provou ser parte de uma história em que uma senhora tentava em vão fazer uma mulher muito surda entender seus desejos, e continuava a tentar, sem sucesso.

Feda continuou:

> 'Há uma palavra que começa com "M", que tem um lugar importante nela e uma influência sobre a mensagem, mas este ponto é um aparte e sem importância'.

O verbo, 'fazer', é usado várias vezes — 'fazê-la entender'.

O teste prosseguiu:

> 'Não tome estes testes de forma muito pessoal; isso pode não ser ponderado. Mas seu pai diz que ele pode fazer uso disto se escrever para você de uma maneira paternal; pois isso corresponde às condições de sua vida há três anos, e também trará algo que se conecta à sua esposa'.

Agora, três anos antes, eu tive a minha primeira sessão com um psicometrista.[10] Eu ofereci o meu anel, e a partir dele curiosas informações foram 'sentidas', as quais me interessaram e me deixaram perplexo. O psicometrista então passou a dar o que supostamente eram mensagens do mundo espiritual, as quais eu não achei fácil de entender, nem havia qualquer pista quanto à pessoa de quem elas viriam. Estando mais interessado na psicometria, dei pouca atenção às mensagens.

À luz deste teste e de outros conhecimentos adquiridos mais recentemente, eu acho que meu pai se esforçou nessa ocasião (a primeira oportunidade que eu lhe dera desde o seu falecimento) para atrair a atenção para a sua vontade de se comunicar comigo, mas falhou em ter sua mensagem transmitida de forma inteligível. Era verdade, se estou correto nesta suposição, que há três anos ele não 'conseguiria me fazer ouvir' o que ele tentava dizer.

Mas como é que este incidente sobre esforço com uma pessoa surda se liga à minha esposa? Isto foi fácil de entender; um dos seus parentes próximos é surdo e algum esforço é necessário para fazê-lo ficar ciente do que se está dizendo. Na minha entrevista seguinte com a Sra. Leonard, eu perguntei se o acima foi o que meu comunicador queria dizer por seu teste de livro? Feda respondeu: 'Sim', e, em seguida, para minha surpresa, acrescentou, 'mas há algo mais que você não notou; isso traz mais alguém, e há uma pista disto mais abaixo na página'. Pesquisando a página novamente com isso em mente, eu encontrei a pista nas palavras:

'Era um lugar agradável, e ele nunca quis sair de lá', e ao virar a página eu descobri que o próximo capítulo tinha por título 'Lilian dá seus conselhos'. Isso tornou as coisas interessantes; estivemos pensando em deixar a nossa casa, e Lilian é o nome da irmã de minha esposa, que logo antes combinou de nos acompanhar para ver uma localidade onde esperávamos encontrar uma outra casa, e nos dar o benefício de seu conselho na seleção.

---

[10] Veja nota sobre psicometria, Capítulo XIX.

Quando posteriormente felicitei meu comunicador sobre o seu conhecimento íntimo dos nossos assuntos, seu comentário foi no sentido de que eles percebem muito mais sobre seus amigos na terra do que costumavam fazer quando vivos aqui.

III

Do mesmo livro acima, um livro que eu nunca li ou mesmo olhado, foi dado um teste que tem uma relação interessante sobre *a identidade do comunicador*. Feda disse:

> 'Uma das cenas de abertura quase descreve um lugar onde você e ele viveram juntos; ela está perto do início de um capítulo e perto do início do livro'.

Na página sete foi descrita a casa de um médico diante de um vilarejo gramado: 'O pequeno gramado com os seus caminhos e assentos cruzando era tão singularmente pacífico; e atravessando-o, no lado oposto, havia algumas casas antigas, e a igreja de tijolos vermelhos e as escolas e a paróquia. . . . Era sim um canto do velho mundo'.

Meu pai e eu vivemos juntos apenas em uma localidade com um gramado, e esta foi Toddington em Bedfordshire. Lá vivia um médico em uma casa de aparência antiquada de frente para o gramado. Havia caminhos em volta e atravessando este gramado. Era singularmente calmo, como foi muitas vezes comentado. Aqui e ali em torno dele havia casas antigas. A igreja estava em um canto (embora não fosse de tijolos vermelhos), enquanto a escola e a paróquia ficavam um pouco além do gramado (embora não de frente para ele). Bem um 'canto do velho mundo', e essa descrição é bastante notável porque nem um vestígio dela se aplicaria a qualquer outro dos muitos lugares em que eu e meu pai vivemos juntos.

Na sessão imediatamente seguinte houve mais uma referência a este lugar, mas por outro livro: —

> 'Cerca de um terço descendo a página, há uma descrição, contida em várias linhas, digamos 4-6 na essência do conteúdo, de um lugar onde você e ele estavam juntos. Naquele lugar as suas atividades foram fundidas numa só, de uma forma que nem sempre foi possível quando ele estava na Terra; isto se refere a um dos momentos em que isso foi possível. Você vai reconhecê-lo por certas circunstâncias associadas com o tempo que ele fala, elas são literalmente referidas aqui'.

Os itens a seguir são extraídos das páginas designadas, ocorrendo mais ou menos a um terço do caminho descendo, como declarado. 'Andava-se como se estivesse um pouco acima do campo; carroças rastejando pelas estradas rurais; podia-se ouvir seus eixos rangendo a uma milha de distância... e as pessoas, pequenos aglomerados... voltando-se para ir aos próprios vilarejos'.

Tudo isso é perfeitamente preciso para Toddington como nós a conhecemos em 1900-1. Meu pai viveu lá comigo por seis meses, e se voluntariou a assumir uma considerável parte do meu trabalho, pregando nos vilarejos, comparecendo a reuniões e ajudando em visitar. Somente uma vez antes tal compartilhamento do meu trabalho fora possível, mas em Toddington isso foi muito mais completo e por um período maior. A

descrição nos extratos acima é bastante característica da vizinhança. Várias de nossas andanças eram em terreno alto com visões de longo alcance; no ar parado da localidade não frequentada carroças podiam ser ouvidas, especialmente quando anoitecia, rangendo pelas estradas uma milha de distância ou mais; havia um ou dois vilarejos bastante próximos e uma certa quantidade de ir e vir entre os aldeões.

Essas duas descrições, tão perfeitamente aplicáveis a um lugar onde eu e meu pai trabalhamos juntos, só poderiam ter sido selecionadas por alguém que soubesse a nossa localização e trabalho nesses seis meses de 1900-1; pois nenhum outro período da minha vida teria relevância aqui.

O livro anterior contendo a referência ao vilarejo verde era um que eu nunca li; o último livro eu tinha lido 15 anos antes, mas não retive recordação consciente da descrição que provou corresponder à vizinhança de Toddington. Este não é um caso de conluio, pois ninguém vivo em nossa casa jamais esteve em Toddington ou sabia sobre o seu Verde. Nem isso parece coincidência, pois não achei descrição similar em nenhum outro lugar, embora tais possam muito bem existir; e as direções dadas para encontrá-las foram definidas demais para justificar outra explicação.

Dado que meu pai estava comunicando, e que ele lembrava o local e as circunstâncias do seu trabalho lá, então tudo é explicado exceto *o método* pelo qual as passagens selecionadas são observadas entre as capas dos livros fechados.

Em apoio á opinião de que foi de facto o meu pai que gerou esse teste baseado nas memórias que tínhamos em comum, eu aqui introduzo uma nova referência a Toddington, dada mais de três anos após a acima. Isso foi falado por meio de parênteses no meio dos testes a serem verificados por referência ao *Times* do dia seguinte. O nome 'Fowler' foi subitamente introduzido, e fui perguntado se eu me lembrava de um homem desse nome que meu pai também conheceu? Eu conheci, mas fui cuidadoso em não dar nenhuma informação além desta mera concordância, e a comunicação por Feda continuou assim:

> 'Você se lembra de um lugar "D" ligado a ele? Também um local "M" em que ele era interessado de outro modo, algo menor como uma rua, casa, ou um endereço?'

Feda apressou-se sem esperar ou aguardar uma resposta; ela tinha o costume de expressar as coisas interrogativamente quando não tinha certeza quanto ao que o comunicador queria dizer, mas nunca insistiu em respostas.

> 'O Sr. Fowler era um homem muito útil; o seu pai achou-o útil bem como a maioria das pessoas que lhe eram associadas. Ele viveu perto de um lugar verde, um quadrado verde. Seu pai conheceu aquele verde muito bem. Você se lembra de uma construçãozinha engraçada, que não era uma igreja, nem uma casa, mas com que o Sr. Fowler estava ligado? Parece a Feda que esta construção não é alta, e que não está por si só, mas como se fosse construída ao lado de outra. O Sr. Fowler foi particularmente ligado com a construção menor'.

Tudo isso é perfeitamente inteligível, como pode ser mostrado por arranjá-lo em seções com as explicações juntas.

1. ‘Você se lembra de um lugar “D” ligado a ele?’

Além desse lugar de negócios em Toddington o Sr. Fowler tinha uma filial na cidade vizinha de Dunstable.

2. ‘Também um local “M” em que ele era interessado de outro modo, algo menor como uma rua, casa, ou um endereço?’

Estando em Circuit Stewart à época, o Sr. Fowler era o responsável pela manutenção do Presbitério em que eu vivia. ‘M’ pode bem significar Presbitério[11]; note a crescente precisão da abordagem, ‘algo menor (do que uma cidade) — rua — casa — endereço. Um endereço postal suficiente teria sido — The Manse, Toddingtons, Beds.

O interesse do Sr. Fowler no Presbitério era certamente ‘de outro modo’ do interesse dele em Dunstable, onde o seu negócio fica.

3. ‘O Sr. Fowler era um homem muito útil; o seu pai achou-o útil bem como a maioria das pessoas que lhe eram associadas’.

Ele era o mais proeminente oficial ligado à nossa Igreja Wesleyana enquanto meu pai e eu trabalhávamos juntos em Toddington no inverno de 1900. Ele prestou muitos serviços em vários departamentos do trabalho da Igreja, era o único que nos dava as boas-vindas quando chegava, e se provou um bom amigo durante a época da nossa residência.

4. Ele viveu perto de um lugar verde, um quadrado verde. Seu pai conheceu aquele verde muito bem’.

Isso corresponde ao verde cuja referência foi feita no teste acima mencionado. O Sr. Fowler viveu a apenas uma pedra atirada deste verde, que ocupa o centro do local, e é mais ou menos quadrado no formato.

5. ‘Você se lembra de uma construçãozinha engraçada, que não era uma igreja, nem uma casa, mas com que o Sr. Fowler estava ligado? Parece a Feda que esta construção não é alta, e que não está por si só, mas como se fosse construída ao lado de outra. O Sr. Fowler foi particularmente ligado com a construção menor’.

Isso está perfeitamente preciso quando aplicado à sala de aula que se projetava em ângulos retos da parte de trás de nossa Igreja Wesleyana. O Sr. Fowler regularmente oficiou em encontros realizados lá ligados com o círculo das atividades da Igreja.

CAPÍTULO IV

MAIS EXEMPLOS DE TESTES DE LIVRO

[11] Em inglês, Presbistério é *Manse*. (N. T.)

Após o primeiro contato com os testes de livro, certas questões relativas à probabilidade de coincidência ou de conluio vêm à mente quase inevitavelmente. Elas são avaliadas no próximo e nos capítulos seguintes, e pode ser que alguns leitores prefiram passar imediatamente a essas seções, não desejando ver mais exemplos até terem assegurado que os testes de livro representam uma prova inquestionável de fenômeno psíquico.

Ainda assim, ao lidar com uma coleção tão considerável de itens desconexos, será vantajoso colocar em ordem o material em que as conclusões finais se baseiam, mais especialmente já que algumas das mensagens de livros dadas neste capítulo serão referidas em nosso progressivo argumento. Na forma, um teste de livro pode ser ou uma simples declaração, ou um composto de dois ou mais itens do mesmo livro.

A matéria ou o assunto podem ser ou geral ou pessoal; no último caso está conectado de algum modo com a vida ou os arredores da pessoa a quem ele é dado, ou ao alegado comunicador. Os mais interessantes de todos são aqueles testes pessoais que contém evidência interna da identidade do comunicador; de tal o incidente Toddington mencionado no capítulo anterior é um exemplo.

I

Uma descrição exata da posição do livro e da página é dada em primeiro lugar, e então a mensagem continuou:

> 'Perto do topo, digamos descendo um quarto, você verá uma referência a uma mudança religiosa, e quase embaixo disso estão palavras expressando o que o seu pai teria sentido sobre tal mudança'.

O livro era *Dr. McLaren of Manchester*, e um quarto descendo a página indicada estão linhas de uma carta anterior pelo Dr. McLaren, *falando de sua conversão*. As palavras mais baixas, que são ditas expressar o que o meu pai teria sentido sobre tal mudança são, 'Esta carta . . . fornece o mais importante a toda a vida dele'. Elas são absolutamente a expressão do pronunciamento invariante de meu pai sobre a influência da conversão; para ele isso era de facto o mais importante ao qual a vida toda harmonizava.

O teste continuou:

> 'Na mesma página, mais abaixo, há uma referência a um retrato, e algo sobre ele lhe lembrará de um em sua posse. Isso tem a ver, não com uma descrição em palavras, mas se refere a um retrato real, e você tem um'.

A carta citada nessa página termina com a assinatura *A. McLaren*, e se pode dizer que isso se refere a um retrato; na medida em que na primeira página há uma reprodução de uma pintura de McLaren, e o livro contém várias fotografias dele.

A mensagem pode ter sido proferida menos clara devido à transmissão por um intérprete que não entendeu bem o que estava na mente do comunicador.

II

O paradeiro exato de um livro (provando ser *The New Theology*, pelo Rev. R. J. Campbell) tendo sido descrito, foram dadas várias descrições precisas dele, tais como 'O livro se refere a uma época antiga, centenas de anos atrás'. Ele se baseia nos escritos do Novo Testamento e A História do Evangelho. 'A página 122 parece ser pesada e séria e sobre um assunto de difícil compreensão'. Este capítulo discute várias teorias sobre o Sacrifício. 'A palavra Semítico está dentro de umas poucas páginas da 122, e também uma menção a raças antigas'. Na página 129 aparece 'grego', 'Israel', 'babilônios', 'assírios', e 'Egito', enquanto que o título do capítulo em que essa página está é 'Ideias Semíticas da Expiação'.

Tendo dito 'Semíticos' uma ou duas vezes, Feda observou, 'Seu pai está esfregando a cabeça na menção de Semíticos. Feda acha que talvez ele não goste deles muito'. Isso é bastante divertido, pois se pode supor que o comunicador estava em vão se esforçando para averiguar o uso de Feda da palavra 'Semíticos', e a persuadiu para substituir por 'Semitas'. Ele me diz que ele não pode sempre observar quando Feda comete um engano, e assim segue sem corrigir, enquanto que em outras vezes ele suporta que passe um equívoco em vez de criar uma confusão na mente dela que estragaria toda a mensagem. É particularmente difícil transmitir a ela um nome próprio em que ela extrai pouca ajuda pelo contexto.

Eu adiciono ainda mais uma das muitas referências dadas neste livro. Ela não é, talvez, fortemente evidencial, mas sugestiva do modo com que certas palavras apresentam ao comunicador *sentimentos* ao invés de palavras exatas.

> 'Na página 121, há uma referência a algo penetrante ou mordaz; ele pega o espírito da palavra em vez das letras'.

E então houve um esforço para receber a palavra 'guillotine' ['guilhotina'], mas o máximo que Feda conseguiu foi 'Calethene'. A referência a algo mordaz provou ser o seguinte: "Napoleão estava um dia dirigindo pelas ruas de Paris em meio aos aplausos da multidão. Um de sua comitiva comentou que devia ser gratificante ver o quão amado ele era pelas pessoas. "Bah!" disse o Imperador. "A mesma ralé iria me aplaudir da mesma forma caso eu fosse para a guilhotina."

III

> 'Na estante de livros mais perto da porta, em seu estúdio, terceira prateleira de cima, e sexto livro da esquerda. A página 43 está cheia de conteúdo que encanta o seu pai, mas ele recebe disso a ideia de discussão e controvérsia. Há um sentimento de assuntos bíblicos neste livro, ainda assim tratado e visto de um modo indiferente, frio. Muitas partes dele dão-lhe a ideia de um resumo, e uma boa parte está relacionada a assuntos bíblicos'.

Todos esses livros foram alterados desde a sessão anterior. Esse era um volume de *Roman Empire*, de Gibbons, e a página dizia respeito a disputas do século XVII sobre a pessoa de Cristo — um assunto que certamente teria encantado o meu pai. Além disso, isso é tratado aqui integralmente como uma descrição das controvérsias da Igreja e as atitudes das seitas em disputa. Isso é dado no 'modo indiferente, frio', característico de Gibbon e é inevitavelmente um 'resumo' contínuo das visões dos contendedores.

Além da descrição acima houve o seguinte:

> 'Perto do topo desta página há uma referência a um homem jovem que veio da última vez para falar com você aqui. Você verá a pista direta, algo bastante ligado a ele'.

Deve-se dizer que na sessão anterior houve algumas mensagens evidenciais de um amigo cujo assunto favorito era grego. Dois anos antes, por ocasião da minha primeira visita ao Sr. Vout-Peters para uma demonstração de clarividência, esse cavalheiro foi descrito precisamente e cunhado 'seu amigo grego'. Na sessão presente, quando os testes de livro terminaram, ele falou novamente através de Feda, e, entre outras coisas, lembrou-me de sua devoção aos estudos gregos. Com isso em mente eu antecipei que nessa página talvez fosse encontrada alguma referência ao seu assunto favorito. Havia. A palavra 'grego' apareceu na sexta linha na frase 'o clero grego'.

Eu não li esse volume particular. Observe que cada ponto dado está correto, e há seis deles ao todo, a saber: matéria de interesse ao meu pai; discussão e controvérsia; assuntos bíblicos; tratamento de 'modo frio, indiferente'; resumo; referência a grego no início da página.

IV

Após indicar certa estante de livros em meu estúdio fazendo referência aos quadros perto dela, todos descritos de forma bem precisa, Feda disse:

> 'Conte da esquerda para a direita, o terceiro livro, e página 87. Nesta página, e na página 132 também, há algo interessante a você e ao seu pai. A página 87 tem a ver com 'audição', não a audição comum com a orelha, mas como vinda do mundo espiritual. As palavras se referem a uma audição literal; tome-as como uma mensagem dele sobre você escutá-lo agora. Elas sugerem comunicação'.

O livro era *The Early Story of Israel*, por E. L. Thomas, e na página 87 continha a legenda 'Enquanto eles despiam Aarão, um véu de nuvem prateada desceu sobre ele como uma mortalha e o cobriu. Aarão pareceu dormir. Então Moisés disse, "Meu irmão, o que você sente?" "Eu nada sinto exceto a nuvem que me envolve", respondeu. Após uma pequena pausa Moisés disse novamente, "Meu irmão, o que você sente?" Ele respondeu debilmente, "A nuvem que me cerca e me priva de toda a alegria". E a alma de Aarão deixou seu corpo. À medida que subia, Moisés gritou mais uma vez, "Ai de mim! Meu irmão, o que você sente?" E a alma respondeu, "Eu sinto tanta alegria que eu gostaria que isso tivesse me acontecido antes".

Assim ambos os temas mencionados, audição literal e comunicação por um espírito, são encontrados.

Feda continuou:

> 'A página 132 é um tipo de continuação da mensagem acima. Uma referência à sua mediunidade, mas levemente diferente de "ouvir"'.

Isso era uma descrição do Gideão, quando perto do campo inimigo, escutando por acaso a narração de um sonho significativo. Assim nesta referência nós temos uma comunicação por *sonho*, e na anterior uma comunicação por *voz*. Ambos os métodos eram de interesse do meu pai e meu; por alguns meses ele foi bem sucedido em se comunicar comigo em palavras através de médiuns diferentes, e somente três noites antes eu tive três sonhos, os quais depois de cada eu acordei ciente de algo incomum neles e a impressão os acompanhou. Esses sonhos foram aludidos e explicados na conclusão desta mensagem de livro. Assim eu vivenciei a comunicação por palavra e por sonho, e este teste de livro claramente se refere a ambos os métodos.

A mensagem continuou:

> 'Este livro não é como o último, não tão árido. Embora não tão tremendamente interessante, ele é, digamos, mais popular'.
>
> 'A letra "S" está na página de título'.
>
> 'Uma imagem está perto do início, não é colorida, é em preto e branco'.
>
> 'A página 3 se refere a algo que você uma vez estudou e era interessado, mas depois suas opiniões sobre isso passaram por uma mudança'.

Todas essas descrições se mostraram precisas. Aqui tivemos seis itens corretos para um livro.

V

Por algum tempo pratiquei o que se chama de 'Escrita Inspirada', e meu pai alegou que ele era frequentemente capaz de 'alçar-me acima de mim mesmo', e me ajuda até certo ponto, tanto durante tal escrita e quando falando em público. Após as explícitas direções costumeiras para achar o livro, Feda disse:

> 'Na página 14, meio caminho descendo, há algo que você pode tomar como referência para o facto de sua tentativa para falar a você. Note especialmente que é para *o facto* de sua tentativa, porque na página 66, perto do topo, está outra referência que você pode tomar como alusão, não desta vez para o facto, mas para *o efeito* que ele deseja realizar ou levar ao falar a você'.

Descendo meio caminho da primeira página dada estavam as palavras, 'Nenhum escritor sem inspiração', e isso pareceu harmonizar o suficiente com a alegação de que a minha escrita e discurso eram influenciados por seu pensamento. Descendo um terço da outra página designada estavam as palavras 'A vontade de Deus sempre é feita'. Auxiliar nesse resultado seria inquestionavelmente o objetivo de meu pai em todo o seu trabalho comigo, seja no discurso ou na escrita.

VI

Alguns dias após o começo dos testes de livro, um foi introduzido pela observação ‘Esses testes serão sutis, e quanto mais eles forem vistos, mais eles mostrarão’. O livro indicado por Feda nessa ocasião mostrou-se ser *Kim* de Kipling, e a página a qual as instruções faziam referência iniciava um novo capítulo com as seguintes linhas: —

‘Largesse! Largesse, O Fortune,
Give or hold at your will.
If I’ve no care for Fortune,
Fortune must follow me still!’

[‘Generosidade! Generosidade, Ó Fortuna!
Ao seu arbítrio, dê-a ou a guarde.
Se eu não me importar com a Fortuna,
A Fortuna ainda deve acompanhar-me!]

Para isso as seguintes assertivas pareceram peculiarmente aplicáveis: —

‘Bem perto do topo estão palavras importantes. Elas se referem a alvo envolvendo sua vida cerca de dois anos antes de você vir aqui falar com ele através de Feda. Isso se aplica fortemente àquele período’.

Minha primeira visita à Sra. Leonard foi em 03/02/1917, e dois anos antes a essa data seria fevereiro de 1915. Nós certamente recebemos ‘generosidade’ no sentido financeiro devido à morte de um parente naquele mês, e, curiosamente (se intencionado como parte do teste ou não), as últimas duas linhas acertam em cheio os acontecimentos subsequentes.

Feda continuou:

‘Há um outro teste muito próximo; ou na mesma página ou na seguinte você verá o que pode ser visto como um dos seus nomes’.

Na página anterior estava a descrição de um encontro após a ausência de um velho e seu filho,

‘A face do velho se iluminou com orgulho. “Minha criança”, ele disse brevemente...
Eles se abraçaram, como pai e filho fazem no Leste’.

Dos lábios do meu comunicador, ‘Minha criança’, é, evidentemente, ‘um dos meus nomes’.

‘Ele quer que você veja mais longe, na página 99, para encontrar uma mensagem bem além de meio caminho descendo a página, que se refere mais a ele mesmo e que influenciou a vida terrena dele, especialmente a última parte. É uma referência direta a algo que você reconhecerá como pertencendo a ele. Ele sentiu isso por acidente enquanto buscava pelo outro; ele sentiu o seu nome lá’.

O último parágrafo desta página lê: '"Uma benção em ti". O lama inclinou sua cabeça solene. "Eu conheci muitos homens em minha longa vida, e não poucos discípulos. Mas para nenhum entre os homens... meu coração se foi como para ti"'.

Eu era o único filho.

VII

'A série de livros perto da porta, canto direito, última estante, primeiro livro, página 2, e por volta do meio, achará lá algo que ele quer que você veja como uma mensagem pessoal dele para você'.

Na exata metade dessa página estava uma linha começando, 'Feliz, feliz, feliz', e isso concorda com o que o meu pai frequentemente descreveu sobre o seu estado presente e arredores. No parágrafo inteiro se lê, 'No final do ano de 1767 o Conde de Buchan morreu triunfante na fé de Cristo. Ele tinha o hábito de ouvir Whitfield, os Wesleys, e outros, em Bath, e sentia o ministério deles como uma benção. Suas últimas palavras foram "Feliz, feliz, feliz!"'. A relevância disso é inegável.

CAPÍTULO V

ATÉ ONDE A CHANCE DE COINCIDÊNCIA PODE EXPLICAR OS FACTOS?

AO reconsiderar as mensagens de livros após o longo intervalo que se passou desde que elas foram verificadas pela primeira vez, eu estou ciente da força reduzida com a qual elas devem atingir o leitor que sabe a princípio que algum tipo de sucesso deve ser registrado.

Minha disposição mental ao receber esses primeiros testes, e ao retornar para casa para pesquisá-los, foi bem na direção oposta. Parecia-me impossível que eles acertassem, tão incrível que alguém ouvisse sobre eles da boca de um estranho, que nunca esteve em sua casa, detalhes minuciosos sobre livros que só poderiam ser verificados voltando-se para casa para averiguar. E mesmo quando a busca revelou a passagem relevante, não apenas na página certa, mas na parte designada daquela página, isso me pareceu a princípio muito notável para ser mera coincidência.

Eu lembro como, após verificar a primeira mensagem de livro recebida, eu tentei encontrar algo igualmente apropriado nas dúzias de livros que ficavam à direita e à esquerda. Mas suas páginas correspondentes nada continham de relevante. O teste foi preciso para o livro indicado e apenas para ele.

Vez após vez, ao retornar para casa para checar as mensagens de livros mais recentes fornecidas, parecia-me como se os sucessos passados fossem um fenômeno inexplicável que não pudessem continuar. Cada vez que o sucesso se repetiu a impressão em minha mente se aprofundou. Notas dos fracassos foram feitas tão cuidadosamente quanto as dos sucessos; ambos eram contados e pesados, e formei lentamente meu julgamento considerando todos os factos. Este e os capítulos subsequentes registrarão o método pelo qual explicações alternativas foram gradualmente eliminadas até que apenas a hipótese de espíritos restasse.

É, naturalmente, impossível passar aos outros a força completa da impressão acumulada. Alguns podem assumir alegremente que eu fiquei satisfeito com muita facilidade, e que estava bastante desejoso de ser convencido. Os experimentos, dos quais os registros podem ser lidos facilmente em duas horas, estiveram em progresso por muitos anos, e durante esse tempo cada mês somava a minha experiência e reforçava a minha convicção. O máximo que os investigadores particulares podem fazer é registrar suas conclusões finais, e dar indicações dos passos seguidos pelos quais elas foram atingidas.

Ao procurar uma explicação para os testes de livro fazemos bem em considerar tanto as possibilidades normais quanto as paranormais, mas tentar a primeira antes, considerando se causas familiares podem explicar satisfactoriamente os factos. É primeiro de todo necessário discutir a possibilidade de que a coincidência tenha exercido algum papel, e formar uma ideia aproximada de quão grande ou quão pequena essa parte pode ter sido. Por enquanto a mente possui uma vaga impressão de que 'muito disso se deve ao acaso', a completa importância dos testes de livro restará ignorada, e alguns podem até dizer: 'Se parte disso é coincidência, então provavelmente *tudo* é, e nada além disso'.

É possível que o acaso explique alguns dos testes, embora falhe em explicar todos. Em vários exemplos houve quatro ou mais testes verificados de um livro; se alguém supuser que isso seja coincidência deixe-o tentar em sua biblioteca. Eu fiz experimentos e verifiquei que, com palavras isoladas, um bom acerto pode ser obtido ocasionalmente, bem como frases simples, caso não sejam muito definidas, podem corresponder às vezes nas páginas escolhidas aleatoriamente; mas em declarações relacionadas conseguirmos obter acertos por coincidência, e onde vários testes devem ser procurados na mesma página, ou em páginas definitivamente relacionadas, a possibilidade de isso ocorrer é desprezível.

No teste de livro Nº 3, registrado no Capítulo II, a pista dada, 'um som de rugido', é de um tipo facilmente encontrado pelo acaso: tivesse a maioria dos testes recebidos sido deste tipo a única garantia contra eles terem sido o fruto do acaso seria sua posição na página ter sido afirmada com precisão. Uma coisa é buscar por uma referência a um 'som forte de rugido' em uma página, e outra bem diferente, e muito mais difícil, é encontrar

tal referência casual muito baixo na página; ao buscar por verificações com a última modificação a chance de acertos casuais é diminuída consideravelmente.

ALGUNS TESTES DE LIVRO de FICÇÃO

Eu testei a possibilidade de coincidência. Usando os primeiros 40 testes recebidos, eu tentei para cada um, com livros *selecionados aleatoriamente*, buscar por correspondências em *três ou mais páginas*. O resultado foi um fracasso nítido; as exceções quase invariavelmente relacionadas a um único teste, e vagamente descrito, como 'uma referência a um esforço', ou 'uma referência a uma cor'. Mas quando nos testes do comunicador tais generalidades como essas foram associadas com itens adicionais, sendo encontradas nas mesmas páginas ou em páginas relacionadas, o acaso raramente forneceu qualquer paralelo ao sucesso da verificação original.

Os exemplos a seguir estão entre as melhores *coincidências* neste experimento:

O teste de livro Nº 2, registrado no Capítulo III, contém seis itens:

> ‘A-sh-ill-e’ . . . ‘algo sobre esforço’ . . . ‘uma palavra começando com “M” proeminente lá’ . . . ‘uma referência a um evento em minha vida de três anos atrás’. . . ‘algo relacionado à minha esposa’. . . ‘descrição do local onde meu pai e eu vivemos juntos’.

Dos seis pontos, um livro escrito por Spiller chamado *The Meaning of Marriage* conseguiu três:

‘A-sh-ill-e’. O nome Spiller na capa fornece as letras ‘ille’ na ordem correta.

‘Uma referência a um esforço, menos da metade do caminho descendo a página 87’. Abrindo aleatoriamente na página 3, havia a seguinte passagem perto do fim da página, ‘Nós podemos sem ressentimento pagar um merecido tributo à gata mãe cuja incansável devoção ao seu jovem é tanto tocante quanto heroica. Maternidade significa muito no mundo animal! Os pais humanos têm, entretanto, uma tarefa muito mais árdua e dispendiosa de tempo a realizar’.

Tudo isso pode ser entendido como uma referência a ‘esforço’. Isso é completado por ‘Maternidade’. A coincidência assim obteve três acertos consecutivos. Mas aqui eles se encerram. Pois com os três itens restantes do teste meus mergulhos aqui e lá não obtiveram o menor traço de conformidade.

Outra coincidência bastante boa aconteceu na comparação do teste de livro Nº 4, registrado no Capítulo IV, com o Vol. II de *Types of Ethical Theory* de Martineau (3ª edição, Clarendon Press Series).

‘Página 87 tem a ver com “ouvir”’, etc. Fracasso.

‘Página 132 é um tipo de continuação do acima; uma referência à sua mediunidade, mas levemente diferente de “ouvir”. Descendo por acaso na página 393 eu achei umas poucas linhas sobre evolução que não me pareceram totalmente irrelevantes.

‘A letra “S” está na página de título’. A palavra ‘Séries’ estava no título.

> ‘A página 3 se refere a alguma coisa que você uma vez estudou e era interessado, mas depois suas opiniões sobre isso passaram por uma mudança’.

Na página 3, Martineau menciona *Descent of Man*, de Darwin, o qual, curiosamente, traz a história da Criação do Gênesis, e esse foi o tema que comprovou o teste original.

Aqui houve três coincidências, mas não mais; os três itens restantes do teste não combinavam com qualquer correspondência.

Dessa forma a probabilidade de coincidência foi provada ser pequena; pois dos 40 testes de livro em que meu pai esteve correto 35 vezes, o acaso conseguiu apenas 14 acertos, embora cada teste buscasse por *três* páginas diferentes para dar um escopo mais abrangente para a operação de coincidência.

Uma investigação adicional feita em linhas similares mostrou que os testes de livro originais obtiveram 25 sucessos de um total de 32 possíveis, e o acaso apenas 10, e nenhum desses foi notavelmente bom.

Um teste de livro dado pelo meu comunicador continha seis itens, quatro dos quais foram encontrados em duas páginas opostas. É bem pouco provável que alguém pudesse alcançar qualquer chance de paralelo a essas verificações; de facto, eu pesquisei 20 páginas abertas ao acaso sem sucesso.

Várias comparações dessa natureza podem ser aduzidas, indicando como, na *qualidade*, ainda mais do que na quantidade, os testes como originalmente verificados se mostraram superiores aqueles encontrados pelo acaso.

A sucessão de verificações registradas no Apêndice B, onde testes de livro e de título estão entremeados, apresenta um exemplo em que uma correspondência pelo acaso seria dificílima.

Mas o método mais satisfatório pelo qual um juízo hesitante pode ser convencido seria provavelmente a tentativa de combinar o padrão dos resultados obtidos nos testes registrados no Capítulo VIII. Há a evidência do meu amigo Sr. Bird de que as anotações deles estavam em sua posse antes que os livros vissem a luz do dia, e ele confirmou as verificações.

Nestes exemplos, portanto, a questão da minha veracidade ou exatidão não precisa ser considerada. Fossem essas verificações atribuíveis ao acaso seria possível combiná-las pela inspeção de livros tomados ao acaso. Uma tentativa nessas linhas pode efetivamente impressionar no não convencido uma ideia da pequena probabilidade de se alcançar resultados igualmente precisos pelo acaso.

CAPÍTULO VI

UM CONLUIO PODE EXPLICAR?
EXPERIMENTO COM UM LIVRO SELADO

Nós agora nos voltamos para a questão de fraude. Isto pode parecer quase desnecessário em vista das dificuldades envolvidas em qualquer suposta tentativa de obter informações sobre os meus livros através de um cúmplice em nossa casa. Mas essa é uma pergunta geralmente feita, e deve, portanto, ser respondida. A Sra. Leonard nunca esteve em minha casa, e eu estou convencido da perfeita fidelidade daqueles que vivem comigo.

A questão que mais me interessou nesse estágio dos experimentos foi se, de algum modo inexplicável, os resultados dependiam da telepatia da minha própria mente?

Este capítulo e os dois seguintes registrarão os experimentos em que eu fui ajudado pelo meu amigo, o Sr. G. F. Bird da 26 Westmoreland Road, Bromley, Kent. Embora o objetivo primário desses experimentos fosse excluir qualquer possibilidade de telepatia, as condições sob as quais eles foram conduzidos impedem igualmente o conluio, ou qualquer tipo de fraude.

EXPERIMENTO COM UM LIVRO SELADO

Na época do experimento a ser descrito agora, forneceram-se testes de oito livros em nossa casa, três dos quais eu não li; mas como eles foram lidos por outros, pareceu-me melhor testar com um livro que nenhum de nós tivesse lido. Eu assim combinei com meu amigo que ele deveria selecionar de sua biblioteca um livro que me fosse desconhecido, embrulhá-lo e selá-lo, e permiti-lo ficar em meu escritório por algumas poucas semanas. Isto ele fez de um modo bem profissional, colocando uma cartolina robusta em volta dele de modo que fosse impossível para qualquer fazer uma incisão no papel para averiguar o título, e finalmente selando-o com selos particulares.

Este pacote foi trazido para mim em 2 de dezembro de 1917, e na sessão seguinte — à qual o meu amigo *não* me acompanhou, de facto ele nunca viu a Sra. Leonard — eu pedi ao meu comunicador para selecionar testes com ele. Aqueles dados abaixo foram recebidos em 13 e 20 de dezembro. Tendo-os datilografado em duplicata eu enviei o livro ao Sr. Bird e entreguei-lhe uma cópia dos testes; ele os leu, e então passou a abrir o pacote e comparou o livro com as minhas anotações. Ele achou os selos e invólucros intactos. O livro revelou-se ser um que eu tinha lido oito anos antes, mas é difícil imaginar como isso poderia influenciar o resultado do experimento. A seguir estão as declarações dadas nas duas sessões, junto com os nossos achados e meus comentários.

‘O livro não tem uma fita em volta dele? Parece que tem duas’.

Havia apenas uma fita em volta do revestimento exterior, mas também uma segunda fita em volta de um invólucro interno. Ele foi amarrado duas vezes. É óbvio que eu tinha visto a fita externa, mas nada sabia da outra fita e do invólucro interno.

‘O livro parece ter sido amarrado de um modo peculiar e embrulhado duas vezes’.

As extremidades de ambos os montes de corda foram selados ao papel de modo bem elaborado. Havia um papel externo amarrado e selado, e um papel interno similarmente amarrado e selado. Quando este foi removido revelou a cartolina que envolvia o livro.

‘Este livro é sobre um assunto que encantaria o seu pai, mas sobre o qual ele alterou seu modo de pensar em certa extensão’.

O livro era *The Supernatural?* por L. A. Wheatherly, M. D., e J. N. Maskelyne, publicado pela Arrowsmith, prefácio datado de 1891. Os autores muito resolutamente se opõem à ideia de que os espíritos de falecidos se comunicam com os seres humanos, e ridicularizam a alegação de que tais comunicações possam de facto vir através de médiuns.

Meu pai, que morreu cerca de 14 anos antes, era um ministro wesleyano[12], e através dos seus 45 anos de pregação frequentemente voltou seus pensamentos para o mundo espiritual. Mas a atmosfera teológica dos seus dias ter-lhe-ia dado pouca ideia da íntima relação possível entre aquele mundo e o nosso, e sua referência a uma alteração

[12] Um seguidor de Wesley ou aderente da principal tradição metodista. (N. T.)

de ideias após morrer, indica sua descoberta das íntimas relações existentes entre os dois mundos, e a possibilidade de comunicação. Isso é abordado novamente depois.

'A página 5 se refere a algo que ele gostava de fazer na terra; está por volta de um terço da página, descendo'.

A linha 12 fala de fazer um combate à superstição, e isso está em inteira harmonia com o caráter do meu pai. Mas uma referência tão indefinida teria pouco valor probatório se isolada; mas ela estava ligada a outra.

'Também pouco após isso há uma referência a luz ou fogo'.

Perto do fim da página há uma menção a luz elétrica sendo instalada nas ruas de Calcutá. Será observado que há duas referências para essa página, uma indefinida e outra definida, e que elas são encontradas na ordem citada.

Feda então continuou,

'Você ficará alegre em ver o livro'.

Mais de uma vez Feda observou que meu pai estava rindo sobre esse livro e a influência que tinha sobre si. O Sr. Bird, que conheceu meu pai 40 anos atrás, ficou impressionado por essa declaração, e antes de abrir o pacote observou que, supondo meu pai ser capaz de ler o livro, seria bastante característico dele se divertir com a situação resultante da seleção de tal livro para o propósito deste experimento. Aqui está um livro que escarnece da afirmação de que um espírito possa entrar em comunicação com a terra através de um médium.

E é a partir deste mesmo livro que um espírito está selecionando referências e transmitindo-as através de um médium, — e ele faz isso com o propósito expresso de provar que um espírito *pode* se comunicar com os homens por este método. Deve ter sido uma situação deliciosa, e evidentemente foi apreciada ao máximo; Feda várias vezes interrompeu seu discurso para dizer o quanto ele estava se divertindo. Nenhuma dessas observações foi feita durante os testes dos oito livros anteriores selecionados por ele para a experiência, e para nenhum deles isso teria sido minimamente aplicável.

Feda continuou,

'Este era um assunto que lhe interessava muito, e sobre o qual ele mudou de opinião quando na terra e mudou-o novamente desde que morreu'.

'Bem no início do livro há uma associação estranha para ele sobre assuntos que lhe diziam respeito cerca de vinte anos antes de falecer. Você já deve ter ouvido falar sobre isso, ou se não, você pode verificar isso, perguntando à sua mãe. Há uma ligação com esse período de quase vinte anos antes'.

Dezoito anos antes de sua morte, em 1903, meu pai conheceu uma senhora, uma médium natural, cuja vida foi repleta de fenômenos notáveis. Ela virou amiga de meus pais, e suas narrações os interessavam muito, sendo um assunto frequente para conversas. Naquele período, portanto, mais do que em qualquer outro momento, as matérias relacionadas ao mundo dos espíritos e aos fenômenos psíquicos foram faladas em nossa família. Minha mãe diz que meu pai deve, em certa medida, ter mudado suas

opiniões após se encontrar com essa senhora, já que ambos estavam convencidos da veracidade de suas experiências.

Os três estados mentais aludidos podem, portanto, ser denominados: uma indiferença inicial, interesse desperto e, desde o seu falecimento, compreensão. Seguindo-se essa referência ao 'bem no começo do livro' verifica-se que suas primeiras palavras são a seguinte citação do Maudsley, 'Se todas as visões, intuições e outros modos de comunicação com o sobrenatural, acreditadas agora ou em qualquer época, não foram mais do que fenômenos da psicologia — momentos, isto é, de função mental subnormal, supernormal, ou anormal — e se todas as crenças sobrenaturais existentes são sobreviventes de um estado de pensamento condizente com os estágios mais baixos do desenvolvimento humano, a permanência de tais crenças não pode ser útil, sendo nocivas ao progresso da Humanidade'.

As primeiras palavras da Tabela de Conteúdos são — 'Superstição, Bruxaria, Crentes no Sobrenatural'. Assim, o objeto do livro, tal como expresso em seu início, levou de volta seus pensamentos ao momento em que ele se deparou pela primeira vez seriamente com o tema da comunicação com os amigos falecidos. Que *era* uma possibilidade que ele não podia deixar de acreditar após conhecer a senhora mencionada acima. Ele mantinha uma mente aberta, mas não insistiu no assunto, e estava inclinado a partilhar a opinião convencional de que as obras do Espiritualismo eram ou fraudulentas ou erradas. Na minha primeira sessão com a Sra. Leonard, ele observou, através de Feda, referindo-se ao estudo da comunicação com os amigos no Além, que 'quando na terra, ele teria sido muito cauteloso a respeito disso'.

> 'Este livro tem, perto do início, uma palavra escrita à mão. Ou está escrita ou é um fac-símile. Não há nenhum equívoco quanto a isso. Uma declaração tão definida deve ser um pedaço notável de evidência'.

No canto superior direito da folha de rosto, a assinatura do meu amigo foi escrita em tinta. É a única escrita no livro. Nem todos os livros possuem o nome do proprietário nesse lugar: nem tal item foi mencionado em nenhum teste anterior.

> 'Há uma página com colunas nela'.

Isso talvez se refira a uma imagem que estampa a folha de rosto. A imagem representa um conservatório, cujo telhado se apoia em cima de *vinte colunas finas*.

> 'Uma das primeiras páginas tem algo na natureza de um diagrama; é mais um diagrama do que uma imagem. Para Feda parecem linhas escuras'.

Isso estava correto. O diagrama está na página 13, que é 'uma das primeiras', já que o livro vai até a página 273. Ocupa uma boa metade da página, e consiste em quatro linhas pretas que unem círculos grandes.

Na minha sessão seguinte, uma referência ao sucesso desta experiência levou a uma conversa sobre os temas de comunicação espírita e superstição. Feda representou meu pai enfatizando muito fortemente a distinção entre os dois temas, e tendo se tornado favorável ao primeiro devido à sua experiência mais ampla desde que morreu.

Continuando a falar através de Feda, explicou durante algum tempo o que quis dizer por superstição, e insistiu que, só porque tantas pessoas são unicamente supersticiosas, e não científica ou religiosamente interessadas em descobrir a verdade sobre os acontecimentos aparentemente sobrenaturais, é melhor que a verdade da comunicação espiritual não seja pressionada sobre aqueles espiritual e mentalmente despreparados para ela.

Feda acrescentou: 'Ele já lhe advertiu sobre o perigo de trazer este assunto perante as pessoas indesejáveis. Este livro comprova isso. A mente dele mudou sobre o Espiritualismo como um todo, mas em um ponto ele está mais forte do que antes. Ele foi usurpado por alguns; não só pelos tolamente curiosos, mas também por aqueles que o tomaram com fins malignos — Magia Negra. Algumas pessoas, sem dúvida, usaram os poderes psíquicos para fins malignos. É como brincar com uma arma afiada; eles acabam se cortando gravemente, mas, infelizmente, muitas vezes prejudicam outros primeiros. Tais pessoas dão ao assunto inteiro uma reputação ruim. Mas usado sabiamente é um grande poder para o bem, como você mesmo já vivenciou'.

As observações anteriores, supostamente vindas de meu pai, pareceram-me fortemente características dele.

CAPÍTULO VII

EXPERIMENTO COM UMA ESTANTE DE LIVROS NÃO VISTA

DURANTE uma sessão com a Sra. Leonard em 31/05/1918, meu comunicador sugeriu fazer um teste com livros que me fossem inteiramente desconhecidos e em algum ambiente que eu não tivesse acesso. Na sessão seguinte, em 21 de junho, eu disse que o plano era excelente, e que eu propus pedir ao amigo que tinha ajudado anteriormente com os preparativos do 'Teste do Livro Selado' para escolher alguma estante na casa dele na qual o experimento pudesse ser realizado; e eu quis saber se, quando a estante houvesse sido escolhida, eu poderia informar mentalmente meu pai de seu paradeiro?

A resposta veio, 'Tente fazê-lo; concentre-se no local acordado'. Era 25 de junho, quando eu discuti o assunto com o meu amigo, George Frederick Bird, em sua casa. Seu escritório é no andar de cima, uma sala que eu não tinha visto e da qual eu nada sabia. Nós concordamos que ele selecionaria uma estante especial naquela sala e que a preencheria com os livros que ele próprio houvesse lido; pois nessa época eu considerava que os livros que tinham sido lidos eram mais fáceis para o meu comunicador operar.

O Sr. Bird foi para o seu escritório, e ao voltar disse que tinha preparado tudo para o teste. Ele desenhou um esboço do aposento, indicando a estante selecionada, e escreveu a seguinte descrição para facilitar a tentativa de informar meu pai sobre a sua localização antes da minha próxima visita à Sra. Leonard. O escritório de Fred Bird está imediatamente em frente à parte de cima do primeiro lance de escadas em sua casa. A estante maior fica do lado direito quando a porta é aberta. A quarta estante a partir do

fundo — não incluindo as duas prateleiras no armário embaixo. A seção do lado direito da quarta estante'.

Seis dias mais tarde eu tentei dar ao meu pai o paradeiro desta estante, e repeti a tentativa à noite e de manhã ao longo de quatro dias antes da sessão de 5 de julho. Nem uma única vez durante essa, ou nas sessões seguintes, eu disse qualquer coisa sobre a localização dos livros do teste além da seguinte pergunta: 'Será que o meu pai recebeu a mensagem que eu tentei lhe dar sobre a posição de uma estante de livros que escolhemos para o teste de livros na casa de Fred Bird?' A resposta foi: 'Ele achou que sim; ele chegou perto o suficiente', e então *imediatamente* várias declarações foram feitas, das quais as seguintes são exemplos, nossas verificações posteriores sendo anexadas a cada uma.

As palavras de Feda são colocadas em aspas simples, e meus comentários abaixo:

'A estante não está perto da porta, ele teve que ir em linha reta'.

Isso é exato; a porta abre para a direita, e é-se obrigado a seguir direto entrando no aposento antes de se virar para a direita, a estante estando a vários passos de distância.

'A estante está dentro ou próxima de um recesso; pois ele sente ou um recesso ou uma projeção'.

Isso é verdade, mas eu poderia ter adivinhado igualmente (embora para ser sincero eu sequer pensei nisso) por um estudo do plano. O recesso é formado por uma estante adjacente, que, vindo em ângulo reto com aquela em questão, faz um recesso medindo 68 centímetros de largura e 30 de profundidade entre as duas.

'Ele sente que há algo muito duro e brilhante próximo a ela, talvez uma lâmina de algo muito suave e frio, e parece estar no lado direito dela'.

No chão, a apenas oito centímetros do pé da estante está a platina de uma máquina de pesagem. Ela está no lado direito e, por ser de ferro pintado, é 'muito dura e brilhante, muito suave e fria'.

'Pegue o terceiro livro da esquerda. No início de seu material de leitura, provavelmente na primeira página, fala-se de uma ponte, e continua, fazendo-se alusão a água. Ele não tem certeza de que água, se é um mar ou um rio, já que ele só recebe a impressão de água'.

'Não muito longe da referência à ponte está uma palavra importante que começa com "S", bastante comprida e peculiar, o nome de uma pessoa ou de um lugar'.

Esse livro era *Hudson's Bay*, de Ballantyne.

A linha 16 a partir do prefácio lê, '. . . a comunicação ferroviária, sem dúvida, dentro em breve ligará o Canadá, por um lado, e a costa do Pacífico, por outro. . .' A ideia expressa como uma 'ponte' pode talvez ser a ferrovia superando a distância entre os lugares citados, enquanto que a 'costa do Pacífico' atende bem a referência à água.

A frase acima no livro continua, '. . . enquanto que a presença de ouro em Saskatchewan. . .'

‘Há uma data no início da primeira página ou folha de guarda. Uma data que terá um significado para Fred’. ‘Naquela data Fred fez algo importante, que ocasionou uma mudança em suas condições terrenas’.

Na folha de guarda estava escrito, ‘George Frederick Bird. Xmas. 1877’.

O Sr. Bird iniciou o Ano Novo indo para a sua primeira escola, tendo tido aulas em casa primeiro.

‘Ele fez uma viagem depois ou logo antes da mudança ocorrer’.

Bastante verdadeiro, ele esteve em Llandudno no verão anterior, sua casa naquela época estando em Linconshire.

‘Na página de título há um nome ou palavra ligada a Fred’.

O Sr. Bird fez um estudo especial de locomotivas, contribuindo com muitos artigos e desenhos para revistas técnicas, além de publicar um livro sobre o assunto. Encontramos nesta página de título um termo muitas vezes aplicado à locomotiva, isso é, “O Cavalo de Ferro”.

‘Outro livro perto desse sugere o estado de espírito de Fred em relação a estes testes de livro’.

Perto ao anteriormente citado ficava *The Supernatural?* por Weatherly e Maskelyne, em que combatem a alegação de que um espírito pode comunicar informações através de um médium. Este volume idêntico tinha sido objeto do recente ‘Teste do Livro Selado’. Meu amigo admitiu a adequação e precisão deste alusão. Eu posso aqui dizer que a minha principal razão para pedir sua ajuda nestas experiências foi a sua atitude profundamente crítica em relação às alegações da Pesquisa Psíquica e Espiritualismo.

‘Um desses livros parece ter páginas soltas, ou então algo nele que cairia caso aberto de forma descuidada; um livro’.

O livro anterior tinha, deslizado para dentro dele, um folheto e um recorte de jornal dobrado. Era o único livro na estante contendo qualquer material solto.

Seguiu-se uma descrição da altura e posição da estante, e isso, após a inspeção posterior, mostrou-se correto.

As férias vieram, e não foi até os dias 8 e 18 de outubro que eu tive as duas sessões seguintes que completaram o experimento. Enquanto isso, eu não entrei no escritório de Bird, e ele cuidou para que a estante do experimento permanecesse intocada. Foi só após toda a lista de itens do teste ser recebida, datilografada, e entregue ao Sr. Bird, que eu o acompanhei até o seu escritório, onde juntos, comparamos as notas com os livros e o aposento. A seguir estão os resultados mais marcantes.

‘Próximo àquela estante há uma coisa com números nela, ela está na parede; números como 1-2-3 nela’.

A 23 centímetros da estante há na parede uma foto emoldurada representando diferentes tipos de motores de locomotiva. Dois deles traziam figuras, 'No. 1' e 'No. 251'. A foto foi tirada pelo Sr. Bird, que me diz que ele sempre pensou nesses motores como 'Nos. 1, 2 e 3'. Do lado deles há três colunas particulares, cada uma contendo 15 linhas de números.

'Algo perto dos livros, para um lado deles, pareceu como uma pequena prateleira de madeira'.

Um pouco abaixo do canto direito da estante está a parte superior de um armário suspenso em cima do qual se encontra uma caixa rasa, 70 centímetros de comprimento, que serve os propósitos de uma prateleira e com uma variedade de itens sobre ela. Isto, não sendo indicado no plano do esboço, era-me desconhecido para mim.

'No segundo livro da direita e, na página 2, está uma referência ao mar ou oceano; ele não tem certeza de qual, porque ele recebe apenas a ideia, e não as palavras'.

Aqui encontramos a frase, 'Um homem do mar de primeira linha, cresceu entre o céu e o oceano'. Pode ter sido coincidência que *ambos* o mar e o oceano apareçam no texto.

'No terceiro livro da direita, página 9, há uma referência a uma jornada, uma viagem; parece ser cerca de um terço para baixo'.

Isto estava totalmente correto.[13] O teste prosseguiu:

'Mais abaixo ainda há uma referência a uma mudança de cores'.

Após o acima mencionado e cerca de dois terços descendo a página está a seguinte redação: 'Ao longo do horizonte norte o céu de repente muda de azul claro para uma cor chumbo escuro' Um teste é mais forte quando uma segunda referência é dada a partir de uma página, como aqui.

Houve mais uma referência à cor:

'Algo no aposento perto das estantes parece azul. O olho recebe a impressão de azul ao olhar lá; parece-lhe como uma grande mancha azul perto das estantes'.

Na estante seguinte, mas uma prateleira abaixo, havia um conjunto de 20 volumes altos, estendendo-se por 75 centímetros, e encadernados em um pano de uma forte cor em tons de azul.

Mais notável, entretanto, foi o seguinte:

'Um livro na estante perto da extremidade esquerda tem um mapa'.

[13] O livro era *The Rifle Rangers*, do Capitão Thomas Mayne Reid (1818-1883). (N. T.)

Entre os trinta livros que lá estavam, o sexto da esquerda, *London to Ladysmith via Pretoria*, de Winston Churchill, continha um grande mapa dobrável. Não havia nenhum outro mapa na estante. O Sr. Bird me disse que tinha esquecido a existência deste mapa até que nos deparamos com ele em nossa busca.

Para evitar cansar o leitor, várias verificações, de caráter semelhante às precedentes, são omitidas.

CONCLUSÃO

Este experimento demonstrou que a capacidade do comunicador em perceber livros e objetos é *totalmente independente do conhecimento ou da ignorância do assistente sobre os itens*.

No entanto, eu gostaria de saber se o conhecimento íntimo do Sr. Bird do seu próprio escritório e dos livros pode ter sido subliminarmente comunicado a mim e daí para a médium.

É inútil discutir a possibilidade ou a impossibilidade do que só o experimento pode decidir. Nós, portanto, concebemos e realizamos as experiências registradas no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 8

EXPERIMENTO COM UM PACOTE FECHADO

SEGUINTE à experiência descrita, restou ser provado se os livros poderiam ser 'sentidos' em circunstâncias que impossibilitassem qualquer chance de conhecimento humano a respeito de seu conteúdo. A pedido do meu amigo, um livreiro prestativo reuniu uma dezena de volumes antigos, sem olhar para os títulos, enviando-os em um pacote que *permaneceu fechado no escritório do Sr. Bird*. Recebi os testes sobre o pacote em duas sessões com a Sra. Leonard, em novembro e dezembro de 1918. As anotações foram datilografadas e uma cópia entregue ao Sr. Bird antes que procedêssemos à abertura do pacote, agora visto por mim pela primeira vez. As verificações mais marcantes foram as seguintes: —

> 'Um livro, que ele não conseguiu localizar adequadamente, então não pode dizer qual, deu-lhe uma sensação de muitas ilustrações ou diagramas'.

Apenas um livro em toda a dúzia continha ilustrações, e este tinha seis páginas inteiras de ilustrações.

> 'O primeiro livro a partir da esquerda, na página 66, perto do topo, tem palavras que você tomará como dele, expressando o que ele pensa do modo que você trabalha ao estudar esse assunto; elas descrevem muito bem o que você está fazendo'.

Este livro era *The Heart of Humanity*, por S. Hallifax. As primeiras duas linhas na página 66 são: 'Como os alpinistas dos picos de montanhas, como peregrinos no mundo espiritual'. . . Minhas experiências me pareceram fielmente retratadas nestes símiles.

‘Perto do fim da página 2, há uma ou duas palavras, poucas, e possivelmente apenas uma, descrevendo uma forma de desenvolvimento psíquico que você esteve, e ainda está, trabalhando para obter’.

Na oitava linha, a partir da parte inferior da página, a palavra ‘inspiração’ ocorre *duas vezes*. Eu mal pude deixar de ficar impressionado com a referência marcante para *a palavra real* que foi frequentemente utilizada durante os meses anteriores em conexão com as tentativas de meu pai para influenciar-me durante a escrita e a fala. Na mesma sessão onde este teste foi dado, eu fui dito alguns minutos antes: ‘Você se sentiu, ao falar, levado acima da autoconsciência; é quando ele está perto de você.

Agora você pode constatar que, do início até o fim, você é inspirado. Ele poderia dar novas interpretações, essas que ele não pode dar através de Feda, coisas conhecidas lá, mas não dadas a Terra. Então, poucos podem ser inspirados’. Lamento profundamente a necessidade de referências pessoais, mas são partes essenciais do experimento; aliás, a sua influência sobre os meus últimos esforços foi tão convincente que, se não tivesse havido mais nenhuma prova, eu ficaria inclinado a suspeitar que o meu pai obteve acesso a este livro.

‘Na página 4, e perto do topo, digamos descendo cerca de três linhas, há uma palavra que dá exatamente o que ele espera que Fred (i.e., o Sr. Bird) ganhe com seu estudo mais ou menos persistente do assunto’.

A quarta linha descendo começava com as palavras ‘evolução do espírito’. Houve também uma referência adicional ao estado de espírito de Fred; a página 67, ‘perto do topo’, foi dita dar ‘uma descrição muito boa da sua curiosidade sobre o assunto’. Fred foi então descrito como sendo ‘curioso, mas de uma maneira particular’. Quando eu observei neste ponto que eu achava que seu interesse fora despertado, Feda respondeu: ‘Seu pai sorri, e diz que esta página di-lo perfeitamente’. A frase começa na parte inferior da página anterior e termina no topo da página 67: ‘Eu só podia sorrir, em parte, por um senso de humor; pois o humor tem o seu lugar nas coisas espirituais’. A curiosidade humorística resumiu a atitude de F. B. nessa data.

UMA DESCRIÇÃO TRIPLA

‘Referindo-se à página 1, algo lá parece como se estivesse prestes transformar-se muito mais interessante do que é. Você vai entender quando lê-la. A cena no início parece levá-lo para um lugar, e, quase no fim, vê-se que se voltou à mesma cena novamente, e, até certo ponto, à mesma condição. Ele sentiu a semelhança entre o início e o fim do livro, enquanto o miolo vê outros lugares e condições, de modo geral’.

A página 1 começa assim: ‘O factor pessoal supremo na história espiritual do mundo é Jesus Cristo. . . .’ O corpo do livro, em seguida, lida em geral com a conexão entre o Cristianismo e a teologia, o paganismo, evolução, a filosofia, as religiões comparadas, e a biologia. Estes temas correspondem à frase de Feda, ‘outros lugares (assuntos) e condições, de modo geral’. Mas o parágrafo final do livro certamente retorna ao seu tema inicial: ‘Nós abandonamos a nós mesmos na comunhão silenciosa

com o Amor Imortal personificado naquela figura solitária sobre a Cruz, a Cruz que foi nosso ponto de partida e ainda é a nossa meta. . . .'

> 'No fim do livro ele recebe a sensação de uma grande expansão, o alargamento de alguma coisa; isto não é bem no fim, mas provavelmente na parte imediatamente anterior ao fim. Bem no final houve uma mistura curiosa porque, bem como a sensação de expansão, ele também recebeu uma "sensação de queda", uma "sensação de descida"; ele recebeu isso quase simultaneamente com a sensação anterior de expansão; elas chegaram quase juntas, mas parecem tão contraditórias.'

Isso estava correto. Os parágrafos finais do livro lançam uma nota de alegria triunfante. Mas isto é imediatamente seguido por uma forte referência à dor do mundo e a dilacerar o coração.

A relevância completa desta descrição tríplice só pode ser transmitida de forma adequada por meio de citações mais longas. É uma correspondência improvável de acontecer por acaso, pois consiste em três características intimamente relacionadas.

Então veio o seguinte: —

> 'Existe uma tabela de tempo entre esses livros? Esta não é uma pergunta sem propósito. Você entenderá que há um objetivo em perguntar isso ao ver os livros'.

Havia um livro de devoção contendo uma página separada para cada dia do ano e também uma para cada dia santo. É possível que o teste estivesse ligado a isso.

Muitas outras referências foram precisas, embora dificilmente valham a pena apresentar ao leitor. Elas pouco adicionam à impressão geral, embora aumentem a proporção de sucesso moderado.

EXPERIMENTO COM UMA CAIXA DE FERRO

Nós agora desejamos variar o experimento. O Sr. Bird obteve um outro conjunto de livros como antes, e os levou para um quarto escuro, onde tirou os invólucros de papel e os colocou em uma caixa de ferro, a qual, após tê-la fechado e selado, deixou-a em meu escritório. Desta caixa, testes foram aplicados em duas sessões subsequentes. Entre as nossas verificações houve as seguintes:

> 'Sob o título do segundo livro da esquerda parece haver várias linhas horizontais, não apenas uma, mas várias'.

Este livro era *The Poetical Works of Crabbe*. Enquanto nenhum dos outros tinha mais do que quatro linhas horizontais abaixo do título, este livro tinha nove linhas separadas e também uma série de ornamentos que faziam linhas estilosas. Aqui estava uma declaração definida que se mostrou completamente precisa.

> 'Em uma das folhas de guarda há uma marca que se parece com uma pequena imperfeição'.

O livro acima tinha duas guardas, e na primeira delas era evidente um tratamento bruto, duas linhas de dobragem visíveis no papel e algumas marcas escuras feitas a creiom. Nenhum dos outros livros tinha qualquer imperfeição nas guardas.

'No frontispício há uma palavra sugerindo madeira ou tábuas'.

Esta sugestão não estava contida em uma palavra, mas em uma imagem retratando um assento duro formado de três tábuas fixadas ao pé de uma árvore, e próximo havia uma árvore caída. Tanto madeira e tábuas estavam, portanto, em certo sentido, indicadas no frontispício. Meu comunicador comentou mais de uma vez que ele achava difícil dizer se as suas impressões vinham de palavras ou imagens, já que ambas causavam a mesma impressão, a menos que ele estivesse fazendo isso por meio da clarividência, um método que parecia muito mais difícil e menos seguro do que o das 'sensações'.

Na parte mais baixa da página 5 ele achou ter visto uma palavra como "development" ["desenvolvimento"]

Aqui houve uma tentativa de empregar o método clarividente, que foi parcialmente bem sucedido; pois a menos de 5 cm da parte inferior havia a palavra "developed" ["desenvolveu"].

A página 96, perto do topo, deu a sensação de comer e beber. Isso foi muito forte, e ele gostaria de saber, no devido tempo, se ele está correto sobre isso.

Ele estava bastante correto. A 2,5 centímetros do topo da página 96 iniciava-se a seguinte passagem: —

'These Roman souls, like Rome's great sons, are known
To live in cells on labours of their own.
Thus Milo, could we see the noble chief,
Feeds, for his country's good, on legs of beef;
Camillus copies deeds for sordid pay,
Yet fights the public battles twice a day.
E'en now the godlike Brutus views his score
Scroll'd on the bar-board swinging by the door;
Where, tippling punch, grave Cato's self you'll see,
And Amor Patriae vending smuggled tea'.

Não há dúvidas que beber ponche e se alimentar de carne confirmam suficientemente o teste. Aqui, então, houve cinco correspondências de um livro. Isso não pode ser explicado pelo acaso, pois as probabilidades contra tal *série* de coincidências são enormes.

CONCLUSÃO

Ambos os experimentos, este e o anterior, foram projetados para mostrar se poderiam ou não ser obtidas informações que estivessem fora do conhecimento de qualquer pessoa, ou pessoas, que vivessem na Terra. Estes livros foram emprestados por um estranho, que os reuniu ao acaso de algumas das suas estantes sem olhar para seus títulos. Eles não foram vistos por nós até que nos encontrássemos para compará-

los com as notas das minhas sessões. O interesse especial nestas duas experiências é que elas indicam o sucesso do meu comunicador na obtenção e transmissão de informações em circunstâncias que *não deixam espaço para a telepatia* do assistente, do amigo que me ajudou, do livreiro que emprestou os livros, ou de qualquer outra pessoa na Terra.

Há alguns pontos quanto aos experimentos acima mencionados que devem ser observados.

1. Eles não dependem apenas do meu testemunho; eu tive a cooperação de um amigo que era inteiramente cético, e a quem foi determinado que não deveria haver espaço para o vazamento de informações através dos canais normais.

O Sr. G. F. Bird[14] atestará o sucesso dele quanto a essa precaução.

2. Em nenhum desses quatro experimentos eu estava ciente dos livros escolhidos, enquanto o Sr. Bird estava igualmente ignorante nos dois últimos experimentos.

3. Acreditamos que nem mesmo o livreiro, que emprestou os livros em dois momentos, estava ciente de seus títulos, muito menos da ordem precisa em que eles se encontravam.

4. No primeiro e no último experimentos, os livros foram colocados em meu escritório, enquanto que no segundo e no terceiro eles estiveram no estúdio do Sr. Bird, ao qual eu não tenho acesso.

Esses quatro experimentos parecem uma demonstração suficiente de que houve um sucesso contínuo mesmo sob circunstâncias que impedem a possibilidade de fraude ou conluio. Eles também mostram que telepatia do assistente ou de seus amigos não podem ser invocadas como uma explicação possível.

CAPÍTULO IX

OS TESTES DE LIVRO PODEM SER ATRIBUÍDOS AOS PODERES SUPRANORMAIS DA MÉDIUM?

A autoria dos testes de livro descritos em capítulos anteriores precisa ser identificada. Será apropriadamente perguntado se há qualquer faculdade na mente humana em que sua produção pode ser explicada?

Neste ponto será bom considerar que poderes *devem necessariamente ser empregados* para produzir os resultados descritos; os leitores podem então mais facilmente estimar a probabilidade de tais poderes serem possuídos e exercidos pela Sra. Leonard.

Veremos que, para fornecer corretamente os mais simples testes de livro, três incomuns, mas não inteiramente desconhecidos, poderes ou faculdades são requeridos; enquanto que, para os testes de livro 'pessoais', dois mais teriam de entrar em ação, faculdades que em nosso atual estado de conhecimento são difíceis de imaginar como existentes em qualquer mente humana.

[14] Endereço fornecido na página 49.

Tal nível de clarividência permitiria fazer observações minuciosas em lugares distantes e reter a memória das coisas vistas lá.

Isso é frequentemente chamado 'Clarividência Viajante', para distingui-la da clarividência na qual o conhecimento de coisas perto do percipiente é adquirido, mas não observável por qualquer um dos cinco sentidos.

A clarividência foi definida como 'A percepção transcendental por certos indivíduos de um objeto ou escrita que não podem ser vistos, e são desconhecidos àqueles presentes'. Muitos exemplos estão registrados em um artigo pela Sra. Sidgwick, entitulado 'The Evidence for Clairvoyance' ['A Evidência para a Clarividência'] (*Proceedings of the Society for Psychical Research*, Vol. VII, pp. 30-99; 356-69), e entre eles há dois casos notáveis de 'clarividência viajante' (pp. 49-52; 58-61).

Human Personality and its Survival of Bodily Death[15], de Myers, contém referência a esse 'viajar':

> (Vol. I., p. 232). — 'À medida que avançarmos, veremos, creio, em muitos modos o quão indispensável é esta teoria *excursiva* para explicar *muitas* experiências telepáticas e *todas* telæstéticas; muitos, quero dizer, dos casos onde duas mentes estão em comunicação, e *todos* os casos em que o percipiente aprende factos materiais em que nenhuma outra mente está envolvida'.

Parece claro da última sentença citada que, fosse Myers familiarizado com o nosso fenômeno das mensagens dos testes de livro, ele teria examinado, como agora estamos fazendo, a possibilidade de isto ser explicável pela 'clarividência viajante' do médium através do qual elas são dadas.

Ele comenta sobre certos casos assim:

> (Vol. I., p. 279) — Desta forma obtemos, experimentalmente, casos onde parece manifestar-se uma faculdade independente de visitar qualquer lugar, cuja posição tenha sido, talvez, descrita anteriormente, seguindo sinais já conhecidos. A clarividente errará, com frequência, seu caminho, e descreverá amiúde casas e cenas que se encontram próximas às que deseja visitar. Mas, quando tenha percebido, literalmente, a pista, e encontrado o lugar que o homem que procura atravessou, seguirá a pista com a maior facilidade, reconhecendo, aparentemente, tanto os acontecimentos passados, como as circunstâncias atuais de sua vida. O processo frequentemente lembra o do cachorro que, se é deixado longe de casa, encontrará seu caminho de volta para ela, vagamente no início, e usando não sabemos por certo qual instinto; uma vez que pegue o cheiro, mantê-lo-á com facilidade entre muita confusão e obstáculos'.

Atenção à sugestão acima de que em tais 'viagens' o clarividente pode ser capaz de reconhecer *eventos passados* bem como as circunstâncias presentes. Para perceber o

[15] Longmans, Green & Co., 1903.

que estava no pensamento do Sr. Myers ao redigir essa sentença é preciso ler os vários incidentes aos quais ele se referiu; então se compreenderá que eles contêm pouco ou nada do alcance da pesquisa sobre os eventos passados que os testes de livro nos deram. O mais apropriado dos exemplos citados por Myers diz respeito a uma luva perdida, e o clarividente parece ter descrito como uma criança a tomou dias antes, e então ter seguido as ações desta criança de um lugar a outro — eventos proximamente relacionados com o objeto da busca e de apenas alguns dias passados. Não há nada disso que se iguale às referências a memórias de muitos anos atrás tais como as que foram dadas nos testes de livro.

A Sra. Leonard recontou uma experiência do que pareceu ser clarividência viajante. Isso veio sem ser solicitado, foi claramente lembrado, e provou ter sido um vislumbre do que de facto ocorria em outro lugar.

Com credibilidade atestou momentos de 'clarividência viajante' diante de nós, e sabendo que a Sra. Leonard passou por uma experiência similar em ao menos uma ocasião quando ela aparentemente não estava em transe, somos logicamente levados a perguntar se seria possível à Sra. Leonard ter visitado a casa de seus assistentes clarividentemente e selecionado a informação dos seus livros.

A primeira dificuldade em aceitar essa suposição não é intransponível; ela se relaciona ao facto de que em toda ocasião que tomei conhecimento os testes de livro foram selecionados de *livros fechados*, e não dos livros deixados em aberto na página em que os testes foram escolhidos. Quem quer que tenha procurado pelas passagens apropriadas o fez enquanto os livros estavam em suas estantes. Seria possível que esses livros foram lidos fechados e a página consequentemente na escuridão?

2 e 3

Habilidade para extrair o significado geral de páginas impressas em casas distantes.

E fazer isso apesar do facto de os livros em questão não estarem abertos naquele momento.

No artigo acima mencionado da Sra. Sidgwick sobre Clarividência (*Proc. S.P.R.*, Vol. VII, pp. 366, 368-9), está registrado um incidente de peculiar interesse ligado a isso. O percipiente durante a 'clarividência excursiva' foi com alguma dificuldade bem sucedido em decifrar acerca de uma casa remota o nome de uma rua em que ocorria um evento que ele descreveu. A localidade 'vista' estava a mais de 100 quilômetros de distância, mas o nome Skomagerstræde e outros detalhes foram subsequentemente encontrados estarem corretos. Como nenhuma dessas informações estava ao alcance dos auditores, isso parece um exemplo de leitura a distância.

Sir William Barrett, F.R.S., em seu livro, *Psychical Research*[16], intitula um capítulo, 'Supernormal Perception; Seeing without Eyes'['Percepção Supranormal; Vendo sem Olhos'], e conclui que a suposta evidência em nome da 'clarividência viajante' é mais disseminada e antiga do que a da telepatia. Após discutir o problema apresentado pela 'Radiestesia—ou Varinha de Radiestesia', diz:

[16] Publicado por Williams & Norgate na Home University Library.

(P. 184). —‘Há, portanto, evidências presumíveis muito fortes de que um bom clarividente é alguém que possui um poder perceptivo supranormal, ver, por assim dizer, sem os olhos. Como outras faculdades supranormais ela reside no eu subliminar, e normalmente revela a si mesma por uma ação muscular involuntária. Possivelmente uma faculdade semelhante de discernimento além do poder da visão talvez exista em certos animais e pássaros, e permitir uma explicação para o mistério de muitos outros casos inexplicáveis de instintos de regresso para casa e migratórios’.

Seu Relatório compreensivo sobre Radiestesia (*Proc. S.P.R.*, Vol. XV) conclui com a afirmação:

(P. 314) — ‘Este poder perceptivo subconsciente, comumente chamado ‘clarividência’, pode provisionalmente ser tomado como uma explicação dos sucessos do rabdomante que são inexplicáveis em qualquer base conhecida hoje pela ciência’.

O Relatório também possui um Apêndice, chamado ‘Evidence of Clairvoyance in Dowsers’ [‘Evidência de Clarividência em Rabdomantes’], que é pertinente ao nosso estudo.

Desde os primeiros dias dos experimentos mesméricos e hipnóticos alega-se que, sob certas condições, é possível ler sem o uso dos olhos. Sir William Barrett, acima, faz a seguinte referência a um Relatório publicado em 1831:

(P. 309). —‘Aqueles que, em bases *a priori*, negam a possibilidade de qualquer poder perceptivo transcendental, deveriam ler a conclusão unânime chegada por nove distintos membros da French Royal Academie of Medicine, escolhidos pela Academia para estudar o fenômeno mesmérico. Após cinco anos de investigação, este Comitê apresentou seu vasto Relatório à Academia em junho de 1831. Eles afirmaram ter dado início ao seu estudo com “inexperiência, impaciência e desconfiança”, o que a princípio militou contra eles. Finalmente, após os mais rigorosos testes, “concluíram com certeza” que a faculdade designada clarividência de facto existe em certos sujeitos no estado mesmérico’.

O livro referido é *Report of the Experiments on Animal Magnetism made by a Committee of the Medical Section of the French Royal Academy of Sciences; read at the Meeting of the 21st and 28th of June, 1831*.[17]

Este Comitê declara:

‘Vimos dois sonâmbulos que distinguiam, com seus olhos fechados, os objetos colocados diante deles; mencionaram a cor e o valor das cartas, sem tocá-las; leram palavras escritas com a mão, e algumas linhas de livros abertas aleatoriamente. Este fenômeno ocorreu mesmo quando as pálpebras eram mantidas precisamente cerradas com os dedos.’...

‘Assinado por Bordouis de la Motte, Presidente; Fouquier, Gueneau de Mussy, Guersent, Husson, Itard, J. J. Leroux, Marc, Thillaye.’

[17] Traduzido por J. C. Colquhoun, Esq. Publicado por Robert Cadell, Edinburgh, 1833.

No Apêndice do mesmo livro há um relato dos experimentos comunicados originalmente por M. Despine, o Médico Chefe do estabelecimento em Aix (p. 223-4):

> ‘Não apenas nossa paciente ouviu com a palma da mão, mas a vimos ler sem o auxílio dos olhos, usando apenas a extremidade dos dedos, que ela movia com rapidez sobre a página que ela queria ler, e sem tocá-la, como se para multiplicar as superfícies sencientes; — ela leu, afirmo, uma página inteira do romance de Madame Montolieu, clamada *Les Chateaux em Suisse*. Na página havia três nomes próprios, os quais provavelmente ela nunca ouviu falar... . Durante todos os experimentos, uma tela de papelão grosso interceptava, da maneira mais rigorosa, cada raio visual que pudesse de algum modo ter-lhe alcançado os olhos’.

Novamente do mesmo Apêndice (p. 224):

> ‘Doutor Delpit, em uma memória curiosa sobre duas afecções nervosas, inserida no Bibliotheque Medicale, registrou um caso muito semelhante àquele observado pelo Dr. Despine.
>
> ‘“Uma das pacientes leu muito distintamente quando seus olhos estavam inteiramente fechados para a luz, conduzindo seus dedos sobre as letras. Eu a fiz ler desse modo, fosse à luz do dia ou na mais intensa escuridão, caracteres impressos, abrindo o primeiro livro que chegasse à minha mão. ...Seria o sentido do toque que forneceu tal visão? Eu não sei; mas declaro que ela leu bem fluentemente conduzindo seus dedos entre as letras.”’

Outros exemplos de ler sem os olhos são encontrados em um bem atestado livro de 1876, chamado *X + Y = Z*, que possui alusões favoráveis e composto de ilustrações por Myers e Barrett (ver *Human Personality*, Vol. II, pgs. 217, 562. *Psychical Research*, p. 161).

Voltando aos registros recentes podemos notar o seguinte:

O Reitor da Rijon Academy, M. Emile Boirac, em seu livro *Psychic Science*[18] (pp. 265-8), descreve como um homem com quem ele experimentou foi capaz, quando sob hipnose, de ler corretamente passando os dedos sobre o papel enquanto os olhos permaneciam seguramente vendados. A impressão recebida pelo homem hipnotizado não foi a princípio a da visão, mas sim de encontrar em sua mente a impressão que as palavras *deveriam ser* isso ou aquilo. Depois, entretanto, essa impressão passou para algo proximamente relacionado à visão, embora o sujeito afirmasse que ele não estava nem lendo nem vendo, mas *de algum modo adivinhando por um tipo de intuição mental*, e ainda assim o resultado foi exatamente o mesmo como se ele estivesse vendo com seus olhos.

Na página 272, M. Boirac descreve um experimento adicional, no qual o sujeito foi bem sucedido em ler *no escuro* algo escrito que aqueles na sala ignoravam, e que, portanto, não poderia ter-lhe sido passado telepaticamente por aqueles em sua volta.

As páginas 271-4 dão um registro de experimentos com a mesma pessoa, mostrando que ele não dependia do toque real, mas podia ler igualmente bem se os

[18] Tradução do inglês. Publicado por Rider & Son, 1918.

dedos do M. Boirac tocassem a página, enquanto ele, *i.e*, o homem hipnotizado, agarrava Boirac, cujos olhos permaneciam fechados enquanto isso, pelo cotovelo. Isso era em certo sentido ler no escuro, e a uma distância curta, mas dependente de uma linha de contato, que neste caso era o corpo de M. Boirac.

Podemos nos aventurar a supor uma grande extensão dessa faculdade na Sra. Leonard, e imaginá-la como capaz de viajar clarividentemente ao longo de uma linha de contato estabelecida pela conexão íntima do consulente com o aposento em que os livros se encontram? Podemos supor que, no caso dela, o poder de ler no escuro, e na outra extremidade dessa hipotética linha de contato, está suficientemente elevada para permitir-lhe folhear à vontade os livros em suas estantes?

Nos experimentos do M. Boirac o livro estava aberto; livros fechados podem ser lidos?

Pessoalmente eu não tive oportunidade de observar esse tipo de clarividência, sob condições normais ou hipnóticas. Mas não é necessário para os propósitos de nosso argumento que registremos qualquer opinião quanto à precisão ou não de tais registros; por agora, é suficiente que imaginemos que algumas de tais faculdades existam, e então considerar que sua posse pela Sra. Leonard explicaria o fenômeno do teste de livros como o vimos.

Antes de tentar responder essa questão, faz bem perceber que, caso concluamos que esses poderes seriam suficientes para explicar os testes de livro da Sra. Leonard, *nós não falsificaríamos desse modo* a afirmação de que eles são o resultado de um agente espiritual. Seria extremamente difícil falsificar a presença e a assistência dos espíritos ajudantes nos casos da assim chamada 'leitura clarividente'. E mesmo que fosse possível provar que um sensitivo efetuou tal leitura sem ajuda, podemos razoavelmente supor que um operador espiritual possuiria poderes similares em um grau ainda maior. De facto há casos registrados que parecem sugerir fortemente isso, notavelmente aqueles observados por Sir William Crookes e Stainton Moses, os quais constam no Apêndice A.

Assim, ainda que determinemos que a Sra. Leonard pode ler os livros, nós não provamos que um espírito é incapaz de efetuar a leitura.

No entanto, em certa medida, teremos avançado em nosso estudo, caso averiguemos que a façanha está em algum lugar dentro dos limites do possível. E assim assumiremos por um momento que a nossa médium não só é capaz de viajar clarividentemente, mas que ao chegar ao seu destino pode, como o sujeito de Boirac sob hipnose, ler no escuro, o que, é claro, seria preciso fazer para sentir os livros fechados.

Imediatamente somos confrontados com o embaraçoso facto que, onde o sujeito de Boirac e outros clarividentes são ditos lerem palavra por palavra, nossas mensagens de livros dão todo o sinal de *não* terem sido lidas. Pudesse a página ser vista claramente, esperaríamos que seu número fosse dado sempre como impresso, caso em que teríamos frequentemente sido salvos da necessidade de contar desde o início da leitura. Por que deveria o comunicador laboriosamente *estimar* o número da página se ela podia ser claramente *lida* pela visão clarividente?

Uma das queixas dos críticos tem sido que somente a essência da passagem é dada, algumas vezes apenas uma referência alusiva ao seu teor geral, em vez de uma citação direta. Tem sido de facto raro receber a declaração que uma palavra definida e precisa seria encontrada na página designada, e nunca, até onde me lembro, *uma citação exata* foi fornecida. Até parecemos ver nesta incapacidade de ler as palavras reais, das quais o significado geral é, contudo, discernido, um exemplo no qual um comunicador espiritual está em desvantagem quando comparado a um leitor clarividente humano.

Uma objeção mais séria surge quando perguntamos se as faculdades que, pelo bem do nosso argumento, supomos que a Sra. Leonard possuía, seriam suficientes para explicar o sucesso registrado em obter testes de livro em um aposento na casa do Sr. Bird (veja Capítulo VII), a qual eu nunca vi, e perto da posição que, bem como a estante selecionada pelo Sr. Bird para o experimento, eu apenas tive descrições verbais. Ao tentar transmitir essas direções ao comunicador invisível, estaria eu de facto informando a Sra. Leonard, fosse a normal ou a subliminal, 65 quilômetros distante à época? Não havia nenhuma pista ou elo pelo qual a visão clarividente da Sra. Leonard pudesse ser guiada a este aposento e estante particulares.

Deixando não resolvidas essas três inconsistências com a nossa hipótese sugerida, passemos para a questão das mensagens de livro 'pessoais', e ver se é possível concebê-las como sendo obtidas pela própria Sra. Leonard. A característica única delas consiste em ligar as passagens de um livro com um evento, distante ou recente, à vida do consulente ou do seu círculo familiar.

4

Habilidade de obter conhecimento de acontecimentos no lar do consulente e vida particular relacionando ambos ao presente e ao passado distante.

Se essas mensagens de livro 'pessoais' são compostas pela Sra. Leonard, de imediato aumentamos a sua já considerável lista de supostos poderes; pois ela deve ser capaz de obter informação da casa do seu consulente, e também de suas memórias de muito tempo.

Pode-se conceder que uma clarividência que lhe permite obter passagens de nossos livros também lhe permitiria perceber acontecimentos em nossa casa; mas quando eventos ocorridos há muito são mencionados junto com as passagens do livro, parece preciso supor que ela explorou nossas *memórias* para descobri-las. E se for? Bem, ficamos diante da necessidade adicional de supor nela a existência de algo a mais, a saber:

5

Uma Inteligência que sabe como selecionar dentre o nosso batalhão de memórias os itens adequados para associá-los com a passagem do livro, ou reciprocamente, de encontrar uma passagem adequada para uma memória particular pescada nas profundezes de nossa mente.

As memórias empregadas são na maioria dos exemplos claras e exatas, e elas são engenhosamente trazidas em associação com o texto. Como?

Se tal poder de pesca em dois mares desconhecidos, e sendo capaz de colocar as duas capturas separadas em pares apropriados — uma de nossas mentes com uma dos nossos livros — se tal poder fosse *provado* existir em um médium, podemos razoavelmente vê-lo como uma explicação alternativa para o fenômeno de testes de livro. Eu digo alternativa, porque como previamente observado, não deve ser negligenciado que *mesmo que as faculdades humanas pudessem igualmente realizar a tarefa*, isso não falsificaria a origem espiritual das mensagens.

No máximo teríamos mostrado que, sob circunstâncias favoráveis, um ser humano poderia fazer o que, presumivelmente, estava igualmente dentro do alcance de um espírito realizar. Mas nesse caso o ônus da prova seria obviamente jogado sobre aqueles que afirmam a origem espiritual desses testes de livro, e seríamos obrigados a oferecer outra evidência do que os testes de livro, em que em nossas *suposições imaginárias*, acreditamos pudessem ser os responsáveis por uma rara combinação de poderes humanos.

Tal evidência adicional já está à mão no fenômeno chamado ‘Testes de jornal’, que apareceram subsequentemente aos testes de livro, e que trata a última parte deste livro. Mas enquanto o reforço da prova é sempre desejável para verdades importantes, eu me arrisco a pensar que um estudo do argumento acima chegará à inevitável conclusão de que não há justificativa para sugerir que vislumbramos *qualquer poder humano conhecido* pelo qual pudéssemos responsabilizar pelos testes de livro tal como aqui registrados.

CAPÍTULO X

INDICAÇÕES DE IDENTIDADE

A certeza de que o comunicador é meu pai reside em uma massa de evidência em que os testes de livro contribuíram apenas com uma proporção minúscula. Ainda assim, pode ser conveniente reunir neste capítulo tantos itens dispersos quanto os testes de livro permitam.

Os leitores terão percebido as alusões de identidade contidas nas referências a Toddington (ver Capítulo III).

Tais alusões recebem apoio adicional quando consideramos o *caráter* dos testes supostamente oferecidos por meu pai. Não menos do que vinte se relacionam precisamente a circunstâncias da minha vida. Outros dez se relacionam a matérias na vida de meu pai. Difícil imaginá-los como tendo sido o trabalho de um estranho.

Em muitos exemplos os testes revelam uma inclinação mental teológica e religiosa. Isso não é totalmente explicado pelo facto de os livros manejados estavam na biblioteca de um ministro; pois ao passo que em minha sala de estudos há 26 estantes de livros, apenas 8 delas contêm literatura bíblica, religiosa e sermônica, ainda assim foi dessas estantes que a grande maioria dos testes foi extraída.

Entre os livros que me vieram da biblioteca do meu pai estão quatro volumes de *Early Tears of Christianity*, de Pressensé; deste, não menos do que 15 testes foram oferecidos, 13 deles sendo de um único volume. De nenhum outro livro foram oferecidos tantos testes.[19] Incluindo esses, houve um total de 28 testes desses livros sobre história religiosa, e apenas 9 de história secular. Dos Comentários Bíblicos, 10; de livros sobre origens religiosas e sociologia, 14; enquanto de livros sobre estudos bíblicos, ensaios religiosos, sermões e literatura devocional havia não menos do que 58, não incluindo as referências aos títulos. Assim de um total de 209 referências, não incluindo os testes de títulos ou os experimentos pedidos por nós, não menos do que 110 foram selecionados de livros lidando com alguma fase da religião. Essa indicação da inclinação mental do meu comunicador não é sem significância.

Dos meus vários volumes científicos apenas dois testes foram dados; meu pai costumava evidenciar não mais do que um leve interesse nesses estudos. Possuo 7 estantes com livros a que dou um valor especial, e os quais frequentemente refiro, e ainda assim nem uma vez um teste foi extraído desses livros. E tendo a pensar que a possível razão possa ser que esses livros são sobre assuntos que não atraíam ao meu pai durante sua vida terrena. Nem a remoção dos livros de teologia de uma parte da sala para outra fez qualquer diferença para o meu comunicador; ele ainda selecionou dentre eles.

Uma vez, ao voltar de um feriado, durante o qual minha sala de estudo foi limpa, o teste de livro foi precedido por essa pergunta:

> 'Alguém modificou sua sala de estudos? Ele acha que modificaram. Os livros, embora nas mesmas estantes que antes, estão todos em posições diferentes.'

Descobri que isso estava correto. Tudo fora retirado para espanar, e embora cada estante contivesse os mesmos livros que antes, a ordem deles estava completamente fora de lugar. Em muitas outras ocasiões misturei de propósito seções diferentes da biblioteca, de forma que livros sobre vários assuntos ficassem lado a lado. Aparentemente não houve diferença para a precisão dos testes, nem isso persuadiu meu comunicador a abandonar sua evidente preferência pela literatura sermônica e teologia.

Eu sou um amante de poesia, e estaria inclinado a pensar que testes tais como estes seriam melhor encontrados entre os poetas; mas meu pai leu pouca poesia, e sempre achou difícil confiar as passagens à memória. Agora é perceptível que ele tem consistentemente evitado meus 55 volumes de poesia e, com exceção de uma leve

[19] Sir William Barrett me pediu para ver se este volume continha sinais de ter sido lido por meu pai. Ele raramente marcava seus livros, e não há marcas neste volume, mas em um dos quatro ele escreveu um INDEX, o que mostra que ele costumava usá-los para referência.

referência a Milton, não deu testes deles, exceto de 3 volumes de Dante, cujo trabalho ele sempre guardou na memória por ter sido traduzido por seu pai. Desses volumes de Dante foram oferecidos 8 testes. Em outra ocasião ele indicou a posição de outro dos escritos de seu pai que ficava em minha estante.

Tais factos tendem a indicar a identidade do meu comunicador, um assunto mais particularmente discutido nos capítulos sobre testes de jornal.

CONCLUSÕES EXTRAÍDAS DOS TESTES

Está claro que quem quer que tenha obtido esses testes, não procurou os livros da maneira normal; pois teríamos as passagens citadas de forma literal, e nossas referências seriam diretas e exatas. Imagine alguém com os olhos vendados, sentindo um manuscrito para leituras psicométricas.[20] Ao pô-lo na testa ele pode obter ideias, até um monte delas, e mencionar algumas das mais fortes. Caso o seu dom seja do tipo clarividente, ele pode corretamente dar alguns nomes e palavras reais, mas na maior parte contentaria a si mesmo com a menção de ideias, sem dizer muito exatamente como elas aparecem no manuscrito. Em uma segunda tentativa ele pode dizer um conjunto de ideias totalmente diferente sem repetir qualquer uma da primeira. Pois, a menos que seus poderes sejam incrivelmente precisos, ele poderia apenas dar o que lhe chegou ao momento, sendo incapaz de ver todas as suas partes à vontade.

Um estudo de vários testes de livro leva à conclusão que eles se baseiam em ideias percebidas, em vez de palavras visualizadas.

O relato dado pelo comunicador apoia essa conclusão. Ele pode ser resumido assim, — Na data desses testes, ele foi capaz de ver as palavras de facto agora e de novo apenas como se por um vislumbre do poder clarividente em seu estágio inicial. Ele notou cada ideia que o atingiu fortemente, e calculou o número da página da qual isso veio. Descobriu que não podia com certeza extrair muitas ideias de qualquer página, mas ficar satisfeito com o que veio, usando ou descartando, o que lhe parecesse melhor.

Minha conclusão é que os testes de livro foram obtidos por um espírito que captou as impressões psicometricamente e obteve um vislumbre exato agora e outra vez por clarividência. Isso parece explicar a natureza indefinida das alusões.

Mas este modo de lidar com as ideias obtidas oferece um assunto para estudo adicional; pois onde elas lhe trazem recordações apropriadas de sua vida terrena, ela as expressa de uma forma a dar *uma pista de sua identidade*. Tem-se perguntado se os testes de livro podem não ser fruto de um poder clarividente peculiar na Sra. Leonard. Mas assumindo por um instante uma hipótese tão delicada, embora ela possa sugerir como se obteve o conhecimento de livros em lugares distantes, ficamos ainda sem qualquer ideia quanto a como tal conhecimento é dado aos consulentes de uma forma tão inextricavelmente entrelaçada com as memórias de seus amigos falecidos, os professos comunicadores.

Na referência a ‘20 anos antes de ele morrer’ (veja Capítulo VI, p. 53), não houve significado para mim até que eu cuidadosamente calculei os anos, e pensei nas

[20] Para nota sobre Psicometria, veja o Capítulo XIX (196-200).

redondezas e arredores do meu pai naquele período. Agora este entremear dos testes com as memórias do meu pai é uma característica permanente dessas comunicações, e há muito me satisfez quanto à identidade do comunicador com meu pai. Aqui, por exemplo, em um teste recebido às 15h20m de 16/01/1920, quando eu fui pedido para examinar o *Daily Telegraph* do dia *seguinte*, e a olhar na primeira página, perto do topo da segunda coluna, o nome do local onde eu nasci.

> 'Ele não está certo se isso é dado como o nome de um local, mas o nome está lá'.

No dia seguinte, quatro linhas a partir de cima daquela coluna, estava o seguinte aviso no qual 'Victoria' poderia ser ou um nome pessoal ou um local. *Victoria. — Send by return. Most anxious second message*. Eu sempre pensei no meu local de nascimento como Tauton, nunca como Victoria, mas lembrei de ter ouvido o último nome usado em conexão com Tauton. Então escrevi a minha mãe pedido detalhes. Ela respondeu que à época do meu nascimento eles viviam próximos à igreja Wesleyana na qual o pai tinha um cargo em Tauton, que sempre era chamado Victoria, para distingui-la da igreja maior no ponto mais longe da cidade; e ela acrescentou finalmente que essa igreja ficava na Rua Victoria, e que a casa onde eu nasci ficava em Victoria Terrace. Comparativamente, poucas pessoas agora vivas lembrariam que nasci em Taunton, ainda menos em Victoria. Ainda assim, esse é precisamente o tipo de facto que meu pai não esqueceria. Posso acrescentar que esse anúncio não apareceu no *Telegraph* do dia anterior.

CAPÍTULO XI

RESUMO DOS RESULTADOS

NESTE ponto pode ser interessante considerar os dados relacionados aos testes de livro recebidos durante dois anos, e ver o resultado como um todo. Aqueles verificados satisfactoriamente são listados como 'Bom', e um número considerável, muito vago para ser considerado bem sucedido, e ainda assim de precisão próxima o bastante para não ser listado como 'Fracasso', é chamado 'Indefinido'. Parece necessária uma distinção entre os testes oferecidos espontaneamente e aqueles os quais pedi condições especiais estabelecidas por mim.

A data, 10/01/1919, também deve ser notada; aí, assim foi dito, começou uma tentativa de se obter alguns dos resultados por um 'tipo de clarividência para objetos terrenos', ao invés de se basear como antes em 'sensação'. Novamente, em uma sessão poucas semanas depois, foi observado: 'Ao fornecer este teste de livro, ele quer dizer que ele está trabalhando em linhas diferentes agora, usando novos métodos, e vendo o que pode fazer'. Será visto o quão inferiores são os resultados obtidos pelo método clarividente. Pelo facto de ele ter sido adotado e persistido, alguém pode pensar que o comunicador considerou ser um método que, quando aperfeiçoado, lhe permitiria uma evidência superior. Ele deixou claro que isso era um experimento de sua parte.

Portanto, muitos dos erros em obter informação, subsequente ao uso de sua 'clarividência', podem ser vistos à luz das tolices feitas por um novato quando começa a exercer uma nova faculdade. Meu comunicador pode ter considerado que, por janeiro de 1919, ele tinha demonstrado suficientemente seu poder de obter informações de livros,

estivessem esses nas minhas estantes ou em outros lugares. Os 'Testes de jornal', iniciados no outono de 1919, pareciam ser a justificativa para o método clarividente; pois neles ele com frequência menciona especificamente ter 'visto' uma palavra, embora de uma mistura de sucesso e fracasso alguém possa dizer que essa clarividência ainda não estava suficientemente controlada para assegurar que o resultado saísse uniformemente correto.

A tabela a seguir resume os resultados:

Primeiro Período	Bom	Indefinido	Fracasso	Total
Testes de livro dados espontaneamente	121	19	16	156
[21]Testes de título	46	3	0	49
Experimentos de testes de livro requisitados	27	13	5	45
Segundo Período				
Testes de livro dados espontaneamente	26	7	20	53
[22]Testes de título	15	1	5	21
Experimentos de testes de livro requisitados	7	3	14	24
Total para os 2 anos	242	46	60	348

Embora, entretanto, seja interessante saber a proporção de sucessos e fracassos, é sobre a *característica do sucesso* que a opinião final deve se basear. Pois enquanto evidência suficiente foi dada para demonstrar a ação de algo além dos poderes humanos, não é vital para a investigação saber se esta habilidade é infalível em operação, nem mesmo se ela pode ser capaz de exercício frequente. Admitindo que a informação foi, *em qualquer ocasião singela*, obtida de livros por outros meios além daqueles conhecidos aos homens, estamos diante de um facto que requer não apenas ser explicado, mas também ser encaixado em seu lugar com os outros factos.[23]

O Argumento Resumido

Pelos lábios de uma sensitiva em transe foram dadas tais referências a livros como indicativas de terem sido vasculhadas por uma inteligência. O propósito principal desses esforços foi dito ser a demonstração de que o espírito das pessoas era capaz de fazer aquilo que a telepatia de mentes humanas não era capaz de explicar, uma demonstração calculada para clarear a evidência já existente para a autoria de suas comunicações. (Veja Capítulos I-IV).

[21] Veja Apêndice B.

[22] Idem.

[23] Veja a referência na Introdução de Sir William Barrett para o uso, pelo Prof. Wm. James, do argumento do 'corvo branco'.

Esses testes de livro são um fenômeno cuja origem requer uma explicação. Quais são as alternativas possíveis à ação dos espíritos? Elas são a Possibilidade de Coincidência, Conluio e Fraude, Telepatia ou Faculdades Supranormais exercidas pela médium.

Em vista do número, qualidade e engenhosidade das mensagens de teste recebidas durante o espaço de dois anos, a Possibilidade de Coincidência parece altamente improvável. Uma comparação experimental prolongada (tal como a que está dentro do poder de qualquer um com tempo livre e acesso a uma biblioteca) obteve resultados tão conspicuamente inferiores que apoia uma evidência esmagadora contra a Coincidência ser responsável por mais do que uma fração negligente dos testes descritos neste livro. (Ver Capítulo V).

A preponderância numérica dos sucessos contra os fracassos também sugere outra causa além de Coincidência.

Conluio e Fraude, ou de facto qualquer meio normal de aquisição de informação, foram mostrados não terem exercido qualquer papel nos testes especiais do pacote Selado (Ver Capítulo VI).

Eles foram novamente descartados, junto com a Telepatia, por aumentar o rigor dos testes postos em conexão com a Estante de Livros Não Vista, a quantia de livros escolhida aleatoriamente por um estranho, e, finalmente, pelos volumes não vistos mantidos em uma Caixa. O grau de sucesso obtido sob essas condições exclui Conluio, Fraude e Telepatia; claramente, então, os testes de livro não se baseiam neles, ou isolados ou combinados. (Veja Capítulos VII e VIII).

Não existem faculdades humanas conhecidas, normais ou subliminais, pelas quais a própria médium possa ter alcançado os resultados. O exame desta alternativa, à luz do conhecimento obtido até hoje, não encoraja supor uma possível solução do problema (Ver Capítulo IX).

As preferências reveladas na seleção do material para essas mensagens mostram em que direção estão os gostos da inteligência original, e isso está em harmonia com outras indicações de sua identidade (Veja Capítulo X).

Como nem o Conluio, Telepatia, Coincidência, nem faculdades humanas conhecidas podem explicar os testes de livro, que alternativa resta senão aceitar a explicação das próprias mensagens, e concluir que a causa original é um espírito? Nesta conclusão estamos de acordo com muitos investigadores em outros departamentos da pesquisa psíquica que, começando com dúvidas, passaram por compulsão lógica a acreditar na realidade da comunicação espiritual.

Tentativas de desacreditar a boa fé da Sra. Leonard deixariam o argumento intocado, uma vez ser inatacável nas palavras reais pronunciadas por ela e anotadas por mim no momento. Ao pesar essa classe de evidência, é óbvio que é preciso considerar *o que foi falado*, independentemente do orador ou de preconceitos relacionados a questões de mediunidade e métodos de pesquisa.

Ocorreu ocasionalmente, quando eu mostrei a evidência dos testes de livro perante pessoas que eram curiosas mas não convencidas, de elas responderem em efeito, 'Bem, nós não podemos explicar as mensagens, mas nos parece que se um espírito pode falar, ele não iria se incomodar com tais frivolidades. Certamente ele teria coisas mais importantes para dizer. Isso é trivial demais para ser o que você supõe'.

Para evitar que eu, por omissão, tenha manifestado a impressão de que o material exibia a forma de uma parte principal da conversa do meu pai, eu me apresso a corrigir a falta de entendimento. As evidências têm uma pequena participação em nossas conversas, e nós as consideramos preferencialmente à luz dos negócios necessários aos quais nos voltamos primeiro após nos saudarmos, e damos por encerrado assim que sejam consistentes com sua execução efetiva.

Ainda assim requer apenas pouca inteligência para perceber que tais testes são apenas um fragmento das observações do meu comunicador; pois ele falou sobre muitas coisas que, dada a natureza do caso, estão muito além do meu poder de verificação — ocupações na vida espiritual, seus poderes mentais e corpóreos adicionais, a natureza do novo corpo em si, primeiras impressões ao chegar, e o gradual aumento da experiência, os encontros com velhos amigos em novos arredores, a relação deles com a terra por um lado e o seu prospecto futuro por outro, a sua consciência mais imediata de Deus...

Tivesse uma referência desses assuntos me sido dirigida por uma inteligência desconhecida, ainda que dizendo vir de mundos espirituais, eu estaria em séria dúvida quanto ao valor que se deveria dar a essas declarações. Mas considere o quão diferente é a posição real. Cada entrevista fornece uma porção de matéria evidencial, e quando, após a sessão, descobre-se que ela é em sua maior parte precisa, pode-se presumir que as partes não verificáveis das comunicações são, grosseiramente falando, precisas também, já que obviamente elas vêm da mesma fonte.

O conteúdo desse livro exibe apenas uma vertente ou duas da substancial linha de evidência que corre por todas as conversas de meu pai. Ele me avisa, e de facto é de conhecimento comum, que a mente do médium necessariamente deve exercer certa influência, somando ao esquema colorido geral, um tom ou dois de sua própria lavra, e influenciando a forma das palavras em que seus pensamentos encontram expressão.

É uma façanha maravilhosa quando um espírito ascencionado, um cujo corpo vimos estendido em seu túmulo muito anos atrás, consegue sobrepujar a 'complicada dupla mudança' das nossas respectivas condições para se engajar em uma conversa familiar. Devemos nos surpreender se limitações e imperfeições aparecem nesse processo? Que isso ocorra em qualquer grau, não importando o quão imperfeito seja, é a maravilha suprema de todas. Que as dificuldades e limitações da comunicação serão ainda mais atenuadas por um esforço diligente de ambos os lados é minha esperança e expectativa; que elas serão totalmente sobrepujadas eu não acredito, a menos que possam servir para algum propósito providencial por muito tempo.

O teste de livro anexado foi reservado para este local onde, antes de nos voltarmos para outra fase do assunto, pode servir para mostrar em uníssono a visão do meu pai e a minha.

COGITO ERGO SUM

A seção exata da minha biblioteca tendo sido descrita, Feda procedeu:

> 'A estante abaixo do topo, nono livro a partir da esquerda; na página 24 e descendo até o meio estão *algumas palavras sugerindo algo que seu pai espera você pense a respeito das conversas dele com você nessas sessões*.'

Este livro provou ser *Personality*, pelo Prof. Momerie, e a página 24 introduz um novo capítulo *começando no meio*. A posição das palavras foi assim precisamente indicada. Na primeira linha havia '*Cogito ergo sum*', em que o autor traduz livremente como: '*É preciso que eu que penso seja algo. Em outras palavras, o pensamento é inconcebível sem um pensador; a existência do meu pensamento é inconcebível sem a minha própria existência para pensar nele*.' Nada mais adequado poderia resumir minha opinião.

As conversas através de Feda exibem um *pensamento* baseado nas recordações terrenas de meu pai entrelaçadas com informações recentemente adquiridas de uma maneira que evidencia uma *inteligência* presente. Esta é ele mesmo; e sugestões de que ele está sendo personificado por Feda ou pela Sra. Leonard *não atenderiam aos factos* que têm de ser explicados.

'Far off thou art, but ever nigh;
I have thee still, and I rejoice;
I prosper, circled with thy voice;
I shall not lose thee tho' I die.

In Memoriam, de TENNYSON.

CAPÍTULO XII

UM DESENVOLVIMENTO ADICIONAL DOS TESTES DE LIVRO

Sendo um registro de uma série de mensagens-teste relacionadas a factos e locais que me eram desconhecidos. Transmitidas pelo falecido Hon. Edward Wyndham Tennant.

OS incidentes registrados neste capítulo já serão familiares aos leitores de *The Earthen Vessel*. Aproveito-me da permissão de Lady Glenconner para usá-los aqui, já que eles confirmam as conclusões acima expostas — conclusões que se basearam em outros factos. Nesta série de mensagens houve menos oportunidade para telepatia de mentes terrenas.

O TESTE ECLESIASTES

Uns dias antes de uma sessão com a Sra. Leonard em maio de 1918, eu ouvi a palestra do Rev. F. Fielding-Ould na casa de Lady Glennconner sobre 'As Experiências Psíquicas dos Santos na Igreja Cristã'. No início da sessão foram feitas referências a essa palestra, após o quê Feda prosseguiu dizendo:

‘Em sua sala de estudos, perto da porta e sobre a estante mais baixa atrás da porta, seus livros possuem encadernações escuras. Pegue o quarto da esquerda e veja a página 21. Lá, verá o que o palestrante que você ouviu recentemente falou a respeito. Está perto do topo da página.’

Em seguida descobri que a parte superior da página indicada continha referências à Imortalidade da Alma, e doutrinas da mesma natureza que eram bastante relevantes à palestra. O livro era o Vol. II da *Encyclopædia Biblica*, cuja encadernação é verde escura. Ambas as assertivas estavam corretas. O teste continuou:

‘Tudo em torno desta página, antes e depois, há uma forte influência tendo em conta certas condições da casa onde você ouviu aquela palestra. Caso não entenda completamente, valeria a pena se comunicar com as pessoas de lá; isso será um teste duplo, porque o que ele diz agora sobre a casa e pessoas é diferente do teste anterior. Há algo sobre o livro todo ligado a eles. Diga-lhes o título, o assunto e a data de publicação. Uma forte ligação existe com eles, uma razão para ligá-lo a eles.’

O tópico desta e de várias páginas precedentes provaram ser o Livro de Eclesiastes.

Da resposta de Lady Glenconner eu soube a natureza do interesse familiar neste livro. Dele já fora selecionada a citação que encerra a Introdução para a Memória do seu filho, um trabalho em que a mãe se engajou à época, e este verso, tão perfeitamente apropriado, esteve muito em sua mente: — *Alguns deixaram o nome, que ainda é lembrado com elogios.* — Eclesiastes, xliv, 8.

Em seu livro recente, *The Earthen Vessel*, Lady Glenconner diz que esse verso e capítulo eram bem conhecidos ao seu filho na vida terrena dele, e que, em um sonho recente, ela lhe falou e aludiu especialmente a esse texto; assim a mensagem do teste de livro forneceu uma confirmação do seu sonho.

Em uma sessão subsequente eu perguntei a Feda se o Sr. Tennant, chamado Bim por sua família, tinha arranjado o teste. Ela disse, ‘Bim escolheu o tópico e seu pai o encontrou no livro’. É certamente um facto notável que, entre todos os volumes em nossa casa, um dos muito poucos que mencionam Eclasiastes tenha sido apontado; e mais, que entre suas 700 páginas fosse escolhida não apenas uma das poucas lidando com tal assunto, mas, entre essas poucas, a página particular que melhor satisfazia o teste. As direções fornecidas foram tão precisas a ponto de incluir em seu escopo um parágrafo mencionando o Capítulo XLIV.

Eu ignorava completamente, até receber a resposta de Lady Glenconner, que ela nutria qualquer interesse na passagem selecionada, e é importante dizer aqui que ambas, Lady Glenconner e a Sra. Leonard, nunca estiveram em nossa casa.

NA CASA DA ESCÓCIA

Em 22/08/1918 fui pedido para transmitir o seguinte:

‘Aqui está outra mensagem para eles, e dessa vez o livro está na Escócia. Isso será um bom teste, já que nem você nem esta médium conhecem o local; então é evidente que algo da natureza de uma conivência, ou de ajuda e incentivo,

está fora de questão! Ele achou que a Escócia seria bom, por estar a uma grande distância. O aposento está em cima daquilo que alguém diria ser o térreo da casa escocesa deles, um aposento à direita, e não muito quadrado. Assim que se entra no aposento, os livros estão na parede à direita à altura de 0,9 a 1,1 metro do chão.

'Deixe-os pegar o quarto volume à esquerda e abri-lo na página 74; nesta página há uma passagem que Bim escolheu como sua mensagem.'

Para um relato completo dessas verificações, veja as páginas 91-7 de *The Earthen Vessel*, mas os itens a seguir darão uma ideia de seu peso.

A passagem acima revelou conter alusões a Winchester, onde Bim esteve no colégio. Ela também continha uma frase incomum, 'living furniture'[24], que era um dos termos bem conhecidos de Bim, usando a palavra 'furniture' como é usada aqui, significando 'pessoas'. Ela também descreve um retorno aos assombros da juventude e pensamentos dos dias passados, que fatalmente se aplicaria a Bim ao buscar este teste em sua antiga casa.

'No início do livro, na primeira página, há uma mensagem para a mãe dele'.

A passagem lá encontrada diz o seguinte: 'Era um trabalho digno de empreender, pois entre os dois havia um reconhecimento tão mútuo, e tamanha amizade, contraída em sua juventude, que nada exceto a Morte poderia forçar uma separação; e embora seus corpos estivessem partidos, a afeição não, pois o Amor seguiu a fama dos amigos além da Morte, e do túmulo esquecido. Ouvi Sacerdotes dizerem que essas virtudes, que eram apenas faíscas na Terra, tornam-se grandes e gloriosas chamas no Céu.'

'Também dentro de um palmo, há um livro que — e não apenas o título, mas o livro todo — Como expressar isso para eles? O aniversário da morte de Bim se aproxima, e isso é algo para confortá-los. O livro é uma nota-chave para a vida que ele ganhou ao morrer. O livro está cheio de coisas que o menino alcançou, realizou, desde que morreu. Faltam duas ou três semanas para o aniversário de sua morte; assim o livro é bastante adequado como um todo e não apenas por causa de seu título.' (Aqui eu perguntei se a descrição seria suficientemente clara). 'Eles não terão dificuldade em ver o significado.'

O livro revelou ser o *Paraíso* de Dante. Seria possível nomear outro livro que responda tão perfeitamente a descrição dada na mensagem?

Eu também pedi para enviar uma garantia de Bim aos seus irmãos de um interesse contínuo em todas as suas atividades, e que um exame fosse feito do último livro na mesma estante que o anterior; já que ele notou uma passagem apropriada em sua oitava página.[25]

As linhas descobertas naquela página, como eu soube depois, eram as seguintes: —

They shall not say I went with heavy heart:

---

[24] *Mobília viva*. (N. T.)

[25] O livro é 'Ardours and Endurances' (1917), de Robert Malise Bowyer Nichols.

I love them all, but now I must depart
As one who goes to try a Mystery. . . .
. . . . .

And now tears are not mine. I have release
From all the former and the later pain;
Like the mid-sea I rock in boundless peace,
Soothed by the charity of the deep sea rain.'
. . . . .

'We have been happy…
Happy now, I go.'

Quando perguntei se Bim esteve presente e dando a mensagem ele mesmo, Feda respondeu: —

'Bim não está aqui agora, mas envia seus agradecimentos, e diz que isso ajudou especialmente seu pai.'

Não sabendo o endereço da casa deles na Escócia, enviei uma cópia das notas para Lady Glenconner em sua casa em Londres. Alguns dias depois eu recebi um telegrama de Glen dizendo que o teste de livro fora verificado satisfactoriamente.

NA CASA DA CIDADE

Extrato de uma sessão com a Sra. Leonard, 10/01/1919: —

'Um teste de livro de Bim para a mãe. O livro se encontra na sala de estar no nº 34. Livros atrás da porta, mas não o lado próximo à porta. A estante do topo e o oitavo livro a partir da esquerda, página 6. Na parte mais baixa da página encontrará algo que Bim costumava fazer para sua mãe nos últimos tempos. Seu pai acha que o acima será bom caso verificado; ele mesmo não tem a menor ideia sobre os factos, nem esta médium.'

Um segundo teste foi adicionado, mas como a família esteve fora da cidade no período, a posição de muitos livros foi mudada antes que essa porção fosse verificada. Lady Glenconner subsequentemente escreveu, 'Apresso-me a dizer que um dos testes chegou corretamente. É o oitavo livro, contando da esquerda, a prateleira de cima do lado do lado do quarto da estante de livros. Na página 6, uma página de conteúdo, lê-se o seguinte:

'"Triunfo.
'"O Morto e o Vivo se encontram... O registro de uma das mais maravilhosas e misteriosas experiências.'

NA MANSÃO WILSFORD

Enquanto numa sessão com a Sra. Leonard em 02/05/1919, eu pedi para transmitir a seguinte mensagem de Bim para a mãe dele: —

‘Bim tem um teste de livro de Wilsford. O livro não está na Escócia dessa vez, nem na casa da cidade. Eles estão indo para Wilsford hoje’.

Esta foi a primeira vez que ouvi falar de Wilsford, e, não sabendo o endereço, enviei minha carta para a casa da cidade.

‘O teste de Bim está na sala de estudos em Wilsford, à direita de quem entra. A estante fica a cerca de 1 metro do chão. No espaço de um palmo, do 3º livro a partir da esquerda, há um título sugerindo “cair”.

Isso se mostrou correto; próximo e acima do livro indicado está uma cópia de *Paraíso Perdido* de Milton, contendo uma ilustração de Blake mostrando a ‘Queda de Lúcifer’.

‘No terceiro livro a partir da esquerda, página 29, há um resumo dos eventos interessantes para Bim’.

O livro verificou-se ser o Vol. III de *Shelley’s Poetical Works*, publicado por Chatto & Windus, 1888. A página 29 era intitulada, ‘O Triunfo da Vida’, e as linhas aplicáveis deste poema são dadas aqui. Elas são apropriadas e bonitas.

…; so on my sight
Burst a new vision, never seen before;

And the fair shape waned in the coming light,
As veil by veil the silent splendour drops
From Lucifer, amid the chrysolite

Of sunrise, e’er it tinge the mountain-tops.
And as the presence of that fairest planet
Although unseen, is felt by one who hopes

That his day’s path may end as he began it,
In that star’s smile, whose light is like the scent
Of a jonquil when evening breezes fan it,

So knew I in that light’s severe excess
The presence of that Shape which on the stream
Moved, as I moved along the wilderness

More dimly than a day-appearing dream,

A light of heaven….

The new Vision, …
… and the cold bright car,
With solemn speed and stunning music crost

The forest, … *from some dread War*
Triumphantly returning…

Behold a wonder worthy of the rhyme
Of him who from the lowest depths of hell,
Through every paradise and through all glory,

Love led serene, *and who returned to tell*
…the wondrous story,
How all things are transfigured except Love'

O Triunfo da Vida (Excerto)

…; então à minha vista rompeu uma nova visão, nunca antes vista;
E a bela forma desvaneceu-se na luz que vinha,

Como véu a véu o silencioso esplendor cai
De Lúcifer*, por entre o crisólito
Do nascer do sol, antes que ele tinja os cumes dos montes.

E como a presença desse planeta mais belo,
Embora invisível, é sentida por aquele que espera
Que o caminho do seu dia possa terminar como começou,

No sorriso dessa estrela, cuja luz é como o perfume
De um junquilho quando as brisas da tarde o embalam,
Assim reconheci, naquele severo excesso de luz,

A presença daquela
Forma que sobre a corrente
Se movia, conforme eu avançava pelo deserto

Mais vagamente do que um sonho que surge de dia,
Uma luz do céu….

A nova Visão, … … e o carro frio e brilhante,
Com velocidade solene e música atordoante, cruzou

A floresta, …de alguma temível
Guerra Triunfalmente regressando…
Contemplai um prodígio digno da rima

Daquele que, das profundezas mais baixas do inferno,
Através de cada paraíso e de toda a glória,
O Amor guiou sereno, e que regressou para contar

…a história maravilhosa,
De como todas as coisas são transfiguradas, exceto o Amor.

(Nesta citação as palavras consideradas especialmente apropriadas estão em itálico, e as omissões denotadas por linhas pontilhadas.)

No total, sob pedido, transmiti 19 referências a Lady Glenconner. Poucas, se alguma, parecem ser fracassos completos, enquanto não menos do que 15 foram consideradas pelos pais de Bim como notavelmente apropriadas.

PARTE II

TESTES DE JORNAL

CAPÍTULO XIII

TESTES DE JORNAL ILUSTRADOS

Nós agora iniciamos o estudo de algo inteiramente novo entre as evidências para a sobrevivência humana. À medida que avançarmos, será aconselhável nos assegurarmos de que os factos não são explicáveis pela leitura de significados não presentes de facto, ou pela ocorrência do acaso, ou pela oportunidade de fraude. Com um método similar àquele usado ao discutir os testes de livro, veremos indicações de uma clarividência e uma previsão não atribuíveis à médium.

Ao resumir as sessões com a Sra. Leonard após um intervalo de férias no início do outono de 1919, eu fui informado por Feda de que um novo tipo de mensagem-teste seria tentado. Seu objetivo foi dito ser o fornecimento de evidência que deixaria insustentável a suposição de que a informação dada nessas sessões fosse limitada às reservas de conhecimento subconsciente possuído pela médium ou o consulente.

As páginas seguintes colocam o leitor em posse do material para que forme uma opinião quanto ao sucesso desta nova evidência.

A ideia é, em resumo, ligar as memórias passadas do comunicador, ou o presente conhecimento, com itens que não foram tornados públicos, mas que serão encontrados em alguma publicação iminente. Até verificar a mensagem por inspeção do papel escolhido, o consulente geralmente não tem ideia da forma que a verificação assumirá. Duas correntes de conhecimento estão ligadas no experimento de uma forma que exclui a sugestão familiar da ação telepática entre mentes humanas.

O nome ‘Teste de jornal’ foi escolhido porque a maioria das referências estava relacionada a jornais, embora ao meu pedido fossem ocasionalmente selecionadas de revistas não publicadas. O maior número daquelas que recebi veio do *Times*.

Na sexta-feira, 07/11/1919, eu recebi pela 3ª vez uma série de referências a itens que deveriam ser procurados na imprensa do dia seguinte. Uma cópia dessas referências foi enviada naquela noite ao Hon. Secretário para a Pesquisa Psíquica. *Desde então eu tenho seguido infalivelmente o mesmo procedimento*. Essas cópias estão preservadas pela Sociedade, e fornecem evidência de que a informação que elas contêm foi dada no *dia anterior* à edição do jornal a que cada uma delas se refere.

Primeiro consideraremos alguns exemplos comparativamente simples selecionados de uma sessão de 19/12/1919; esses testes foram registrados por mim às 15h10m e seriam verificados no *Times* do dia seguinte.

Tendo sido direcionado à primeira página e 'mais de um terço descendo a coluna três', fui pedido para olhar à esquerda onde, quase em linha com esse ponto, apareceria o meu nome e, um pouco acima, o de minha esposa.

Ao examinar aquela parte do *Times* do dia seguinte., a saber, 20/12/1919, vi nossos nomes uns três centímetros distantes um do outro, o meu nome na coluna um, e o meu próprio nome, *Charles*, na coluna dois. Ambos estão à esquerda do ponto chamado como marca guia, mas 5 centímetros descendo o meio, o que é um tanto mais baixo do que o indicado. O nome de minha esposa é representado no jornal como *Clare*, que é como a chamo habitualmente, esta sendo minha variante favorita de Clara, seu nome verdadeiro. 'Clare' aparece apenas uma fração mais alto do que 'Charles', e isso concorda com a descrição do teste.

A assertiva seguinte foi bastante curiosa, e indicava conhecimento íntimo:

> 'A uns 3 centímetros desses nomes você verá a idade de sua esposa'.

Eu a vi 4 centímetros acima dos nossos nomes. O número que apareceu lá foi 51, e estaria correto 15 dias atrás; mas um aniversário nesse meio tempo alterou a idade para 52.

Um teste adicional se seguiu:

> 'Próximo ao meio da coluna um está o nome do seu pai, mas como não é incomum, e as pessoas podem achar provável que isso ocorra por acaso, ele não encerra este teste com um único nome, há menção a dois deles.'

Dois de seus nomes apareceram em uma notícia, primeiro *Thomas*, então duas linhas abaixo, *John*. Eles estão apenas 7,5 centímetros abaixo do meio da coluna um.

Embora as posições não sejam sempre dadas com uma precisão microscópica, as acima foram suficientemente corretas para permitir que os nomes fossem facilmente identificados.

Os cinco itens foram encontrados em um espaço de menos do que 20 cm^2, embora em quatro notícias diferentes. Este aglomerar em grupos é uma característica frequente dos testes de jornal.

Os exemplos a seguir incluem outro grupo-teste e uma ilustração do conhecimento íntimo de nossa casa possuído pelo comunicador. As mensagens de teste estão postas entre aspas, e seguindo cada há a sua verificação como descoberta no *Times* do dia seguinte.

Data da sessão, 26/11/1920, às 18h15m. O número de testes dado para verificar na 1ª página do *Times* do dia seguinte foi 9. Resultado: 6 Corretos; 1 Inconclusivo; 2 Fracassos. Apenas uma seleção é mostrada aqui.

‘Na coluna dois, um pouco abaixo do meio, ele pensou ter visto o nome Bernard.’

Está mais baixo do que afirmado, e é a única aparição deste nome na coluna.

‘Muito próximo disso está o nome dele, John.’

Ele está a uns 5 centímetros de Bernard, na paralela coluna um.

‘Também uma tia do lado dele que está com ele frequentemente. Todos os três nomes estão próximos uns dos outros.’

Três linhas acima de John está Marie; sua irmã era *Mary*.

Os três nomes acima estão todos dentro de um espaço medindo 5 por 7,5 cm. Tais referências a nomes comuns possuem um leve peso evidencial isoladas, mas, colocadas juntas como acima, elas ganham força cumulativa.

‘Perto do topo da coluna dois está o nome de um homem cujo trabalho em vida seu pai admirou grandemente. Ele era um escritor, e você tem mais do que uma lembrança dele entre os seus livros em casa.’

Cinco centímetros descendo a coluna dois está, *o falecido Thomas*. A referência se aplica ao meu avô, cujos livros em minha sala de estudos foram aludidos anteriormente nesses testes.

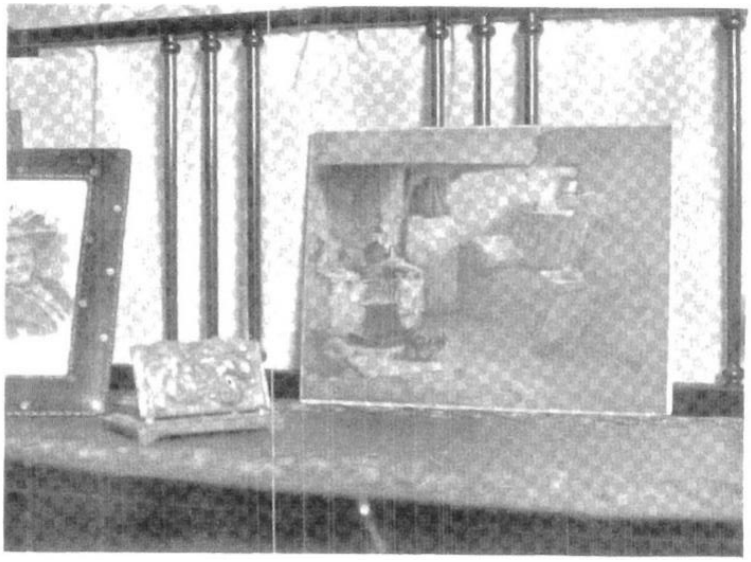
‘Houve alguma incerteza quanto a onde exatamente o que se segue estaria, mas você irá encontrá-lo em algum lugar na metade de cima da coluna dois. É o nome de uma dama, uma parenta, cujo retrato você tem em casa em uma posição conspícua. Este retrato não está na parede, mas permanece em sua moldura sobre uma peça de mobília, a qual Feda sente ser feita de uma madeira muito escura e altamente polida, uma madeira ótima, e não como carvalho. Feda acha que a peça em que se encontra não está perto da parede, mas afastada um pouco; há algumas barras nela próximos à fotografia, com certeza duas, e pode haver mais, mas Feda vê duas delas. Também bastante próximo à fotografia há algo branco.’

O nome da cunhada, Emily, aparece na metade superior da coluna dois. Mantemos sua fotografia emoldurada sobre um secretário de palissandro muito escuro e altamente polido, tendo barras do mesmo material em relevo contra uma cortina de seda clara. A 7,5 cm desta fotografia notei um calendário com figuras sobre uma base branca, e também, a 40 cm, um porta-cartas contendo papel e envelopes; estes contabilizam suficientemente o ‘algo branco’ próximo à fotografia. Cada item do teste estava correto, mesmo a posição do secretário, que ficava transversal em um canto, um lado estando a 7,5 cm, o outro a 36 cm da parede.

Houve uma sequência inesperada a este teste na sessão seguinte: Feda disse que meu pai observou, em um aposento que usamos com frequência, o rosto de um gato e ‘qualquer um poderia pegá-lo’; também que ela viu no mesmo aposento ‘algo como uma cobra.’ Ela acrescentou que essa cobra tinha relação com algo que podíamos ver, e que ligado a isso havia uma ‘tampa que podia ser levantada.’ Ela prosseguiu dizendo que o gato e a cobra tinham algo a ver um com o outro, quando ela verificou e corrigiu a

si mesma, adicionando que lhe foi dito para falar que eles não estavam ligados, mas sim no mesmo local. Como pareceu duvidoso que os localizássemos pela descrição, perguntei se estavam em um livro. A resposta foi dada muito enfaticamente:

Parte superior do secretário descrito no incidente de 26/11/1920



Vista mais de perto, mostrando o centro da estante, com uma caixa de selos chinesa erguida um pouco para mostrar a 'cobra', e uma imagem à direta

‘Não, não em um livro, mas *sobre* algo. Eles estão no mesmo local, mas não tem a ver um com o outro, e certamente não ligados a um teste de livro.’

Ao chegar a minha casa, minha esposa, que esteve presente comigo à sessão, chamou minha atenção para o secretário acima mencionado. Lá, quase tocando o retrato emoldurado de sua irmã, havia um calendário pictórico com um proeminente gato no primeiro plano, enquanto imediatamente à frente dele, uma caixa de selos chinesa, a tampa ornamentada com um dragão, lembrando uma cobra, em alto relevo. Minha esposa tinha pensado nessa cobra na caixa como ‘uma tampa que podia ser erguida’, mas não recordou o gato até que, enquanto verificava a cobra, a imagem chamou sua atenção. ‘Qualquer um poderia pegá-lo’, já que o calendário descansa meramente sobre as barras do secretário.

Pode-se supor que tais objetos foram vistos pelo nosso comunicador enquanto cuidava do teste da fotografia para a sessão anterior, e então ou esquecidos, ou propositalmente guardados para essa ocasião. A Sra. Leonard nunca visitou nossa casa, e ainda que o fizesse, seria preciso explicar como lhe foi possível ligar essa fotografia com um nome que apareceria em certo local no *Times* do dia seguinte.

A seguir, uma ilustração de uma mistura de sucesso e fracasso. Data da sessão, 07/05/1920, às 18h20m.

Essa foi uma de várias sessões especialmente preparadas para uma hora mais tardia do que a costumeira para saber se os testes alcançariam maior precisão quanto à posição. Pensamos que haveria menos probabilidade que as colunas fossem rearranjadas após essa hora, e o comunicador disse que ele daria uma última olhada nelas imediatamente antes que a sessão iniciasse.

Sete testes foram oferecidos para averiguar na primeira página do *Times* do dia seguinte. Resultado: 6 Corretos; 1 Fracasso.

‘Procure perto do topo da coluna 2 na primeira página pela referência a um vizinho vivo que lhe é muito próximo. Seu pai sente que há dois nomes juntos em que ambos se refeririam a esses vizinhos. Você entenderá.’

A dez centímetros do topo da coluna 2 aparece *Birds*. A poucas portas de nós habitam nossos amigos Sr. e Sra. Bird. O nome aparece junto de outros de um modo que parece sugerir algo que o comunicador não foi bem sucedido em expressar claramente, mas ao menos ele estava certo ao dizer que havia dois nomes juntos; eis as palavras relevantes: *Wood of* ‘*Birds-groove*’.

‘Quase no meio da coluna 2 há o nome de um homem em sua Missão. Mas pareceu ao seu pai que esse nome também se aplicaria a alguém que ele conheceu na Terra anos atrás, embora sem relação com a mesma família. Ele se lembra disso.’

Por alguns anos estive ligado ao pessoal da Missão Leysian, City Road, Londres, e entre os nossos mais antigos trabalhadores está um Sr. Mason, anteriormente residente

no Mission Hostel, e ainda rigorosamente identificado com nossa Escola de Domingo[26] e outras atividades. Três centímetros abaixo do meio da coluna aparece o nome *Mason*: a posição assim foi predita com absoluta precisão. Meu pai conheceu um ministro desse nome 40 anos atrás, e por alguns anos tivemos uma intimidade incomum com os membros de sua família.

> 'Na coluna, descendo cerca de um quarto, está o nome de seu pai dado em conexão com um local que ele conheceu muito bem cerca de 20 anos atrás.'

Entre um quarto e a metade descendo está o nome *John* e uns 3 centímetros para cima está *Birkdale*. O nome do meu pai era John, e Birkdale é o nome da única casa que ele já possuiu, uma casa que ele comprou quase 20 anos atrás, i.e., em 1901, ao se retirar do trabalho ativo, e na qual ele morou até sua morte. Ninguém de nossa família vive lá há muitos anos.

> 'Logo abaixo e muito próximo está outro local que ele conheceu. Ele sentiu que isso era no sul da Inglaterra, bem ao sul, uma boa distância de Londres. Ele viveu lá por um curto período; foi um dos locais em que ele morou menos tempo.'

Uns três centímetros abaixo o acima havia *Southampton*, e como meu pai viveu em dois locais perto daquela cidade, eu suponho que a descrição indefinida possa intencionar cobrir a localidade. Isso sendo vago demais como evidência, perguntei na entrevista seguinte se ele quis dizer Southampton. A resposta foi dada sem hesitação, 'Southampton não estava certo, Newport era o que ele intencionava.' Respondi que Newport não era mencionado no jornal, mas ao retornar para casa descobri que a menos de um centímetro abaixo de Birkdale o nome *Newbury*. Devo entender que havia, para a visão clarividente, similaridade suficiente entre 'Newbury' e 'Newport' para gerar um engano? Para isso seguiu-se uma explicação da dificuldade de ver claramente as palavras reais. Considerando isso um fracasso, e não tomando nenhuma nota da menção subsequente a 'Newport', pois já havia sido mencionado em sessões anteriores, ainda resta a afirmativa de que uma das mais breves residências de meu pai foi em Newport. Isso estava bastante correto, como eu descobri de documentos e cartas datados antes de meu nascimento; ainda assim, isso seria um facto em que poucas pessoas saberiam agora, e uma consulta aos registros disponíveis de nossa Igreja daria a impressão de que ele viveu em Newport por um período muito mais longo do que foi o caso de facto. Tais observações incidentais são valiosas pistas à identidade.

> 'Mais baixo na coluna ele viu, ou sentiu, uma referência a Ramsgate ou a essa localidade. Mas muito próximo, a uns três centímetros dela, havia o nome de algumas pessoas que sua mãe lembrará bem como tendo estado em Ramsgate. De facto ela tem uma lembrança deles bem recentemente de alguém que ela encontrou.'

Essas três afirmações se mostraram corretas. Ao fim da coluna havia *Herne Bay*, que é próxima de Ramsgate, e onde meu pai visitou algumas vezes quando ele tinha uma igreja no último local. Na mesma linha e 'a uns três centímetros dela' o nome *Joseph* é visível, o que imediatamente sugeriu um amigo ministerial, Joseph Silcox,

[26] Uma aula realizada aos domingos para ensinar as crianças sobre sua religião. (N. T.)

que, após deixar Ramsgate, se estabeleceu em Herne Bay e morreu lá. Minha mãe encontrou a família frequentemente desde então, e me disse que *doze dias* antes desse teste ser dado ela ouviu a respeito deles pelo ministro.

> 'Outro nome de Ramsgate está muito próximo também, mas este é o nome de alguém ainda em Ramsgate, e alguém em quem sua mãe se interessaria.' Aqui perguntei se eu conhecia tal pessoa. Veio a resposta, 'Sim, sua mãe lhe falou a respeito.'

Ao consultar o *Times* do dia seguinte, não houve dúvidas quanto a este nome, que está na notícia vindo em quarto após precedente, mas no topo da segunda coluna. Podemos supor que foi movido para lá por algumas poucas inserções após os testes serem selecionados. Esta notícia se intitula *Preston*. Um cavalheiro deste nome ainda é proeminente no trabalho da Igreja e Temperança em Ramsgate, e meu pai o conhecia bem.

Minha mãe esteve me falando sobre ele *exatamente três semanas antes*. Note-se que a redação dos testes implica conhecimento que enquanto a família de 'Joseph' não está mais em Ramsgate, o Sr. Preston ainda reside lá.

> 'Perto do final da coluna 1 está o seu nome de batismo e também o nome Thomas bastante próximo.'

De facto. A três quartos descendo a coluna 1, e no espaço de quatro linhas entre eles, aparecem *Thomas* e *O Rev. Charles*. A precisão geral da posição nos testes acima merece atenção.

É de se perguntar quanto do acima era conhecimento possuído pela Sra. Leonard. Naturalmente ela sabia que nós vivemos em Ramsgate, e que eu trabalhei na Missão Leysian. E em sessões anteriores mencionou-se o nome Silcox (em conexão com Ramsgate), e Newport (como o antigo lar de minha mãe), também de Fred Bird (como um velho amigo residindo próximo da gente em Bromley). Mas ainda que a Sra. Leonard conhecesse tais itens por meios normais, não é fácil sugerir como isso possibilitaria as várias declarações acima relacionadas à imprensa do dia seguinte, e indicando familiaridade com as memórias terrenas de meu pai.

CAPÍTULO XIV

EXAME DAS MENSAGENS DE TESTE PARA 14 DE FEVEREIRO DE 1920

ANTES de apresentar para consideração uma seleção um tanto numerosa destes testes de jornal, pode ser aconselhável analisar algo em minúcias, e em sua totalidade, aqueles oferecidos para uma única data. Assim, será dada alguma ideia das características gerais observáveis em tais testes.

Dois esboços esquemáticos são adicionados, mostrando em uma olhadela (*a*) as posições em que os nomes que interessam foram subsequentemente encontrados, e (*b*) o resultado de uma tentativa para descobrir até onde a previsão pode se dever ao acaso.

O escritório do *Times* na Queen Victoria Street, Londres, preserva cópias de cada edição do jornal, cuja inspeção é permitida sob o pagamento de uma módica quantia.

Testes oferecidos às 15h de 13/02/1920, para serem verificados no *Times* do dia seguinte.

A seguir, um extrato das minhas notas de uma sessão nesse dia: —

‘1. A primeira página do jornal, na coluna 2 e perto do topo — (aqui Feda observou que ela não pôde pegar o significado de meu pai, mas após uma pausa continuou) — o nome de um ministro a quem seu pai foi amistoso em Leek.

‘2. Mais baixo na coluna, digamos um quarto para baixo, aparece o nome dele, o seu, o da sua mãe, e o de uma tia; todos os quatro dentro do espaço de 5 centímetros.

‘3. Perto deles a palavra “Grange.”

‘4. Na coluna 1, não exatamente no meio, está o nome de solteira de sua mãe ou um bem próximo disso.

‘5. Um tanto acima disso está o nome de um local onde sua mãe passou alguns anos de sua mocidade.

‘6. Próximo do acima mencionado está um nome que sugere uma ação que alguém poderia fazer com o corpo ao pular.

‘7. Perto do final da coluna 1 está o nome de um local onde você ia para a escola.

‘8. Nas cercanias está mencionado um — devo dizer um professor, em vez de um mestre — seu a quem você lembrará bem.

‘9. Há uma palavra próxima que parece a seu pai como “Cheadle.”

‘10. Mais alto na coluna 1, uns dois terços descendo, há um nome sugerindo munição.

‘11. Entre isso e o nome do professor, há o nome de um local, francês, três palavras hifenizadas em uma; a primeira bastante comprida, a última mais curta, e uma parecendo ser “sur.”

‘12. Próximo ao meio desta página, descendo e transversal ao meio, está um erro de impressão; isso não pode estar certo, algumas letras erradas inseridas ou algo deixado de fora, algum tipo de erro lá.’

É importante perceber que uma cópia dessas notas foi feita *na mesma noite,* e postada em Londres para que fosse entregue cedo na manhã seguinte. Ela foi enviada ao Secretário da Sociedade para Pesquisas Psíquicas, de acordo com o meu invariável costume, uma prática, adotada muitos anos antes, quando percebi que testes desses jornais diários viraram uma característica regular das conversas com meu pai através da Sra. Leonard e de Feda.

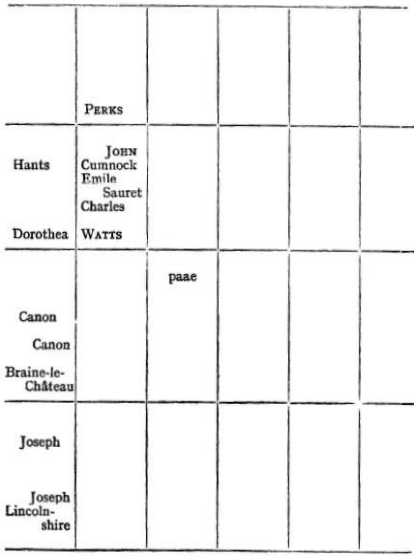
Agora compararemos o acima com a primeira página do *Times* do dia seguinte à sessão, a saber, 14 de fevereiro de 1920. O esboço na página adjacente foi feito da primeira página do *Times* para esta data, e pode ajudar aqueles incapazes de consultar o jornal em si, em formar alguma ideia da precisão geral dos testes quanto à posição em diversas colunas.

Por conveniência, enumerei os testes ao estudar sua verificação.

Item 1:

‘A primeira página do jornal, na coluna 2 e perto do topo, está o nome de um ministro a quem seu pai foi amistoso em Leek.’

Ao olhar essa porção do *Times* na manhã de 14 de fevereiro, não encontrei nem Holbrey nem Pritchard, que eram os únicos ministros de quem eu me lembrava em Leek quando lá moramos em minha meninice. Assim, pedi a minha



THE TIMES

Sábado, 14 de fevereiro de 1920.

mãe para ler essa coluna e me dizer se ela achou lá qualquer nome ministerial familiar. Ela imediatamente chamou minha atenção para o nome *Perks*, aparecendo a 10 centímetros do topo, informando-me que um ministro daquele nome visitou Leek em uma ocasião especial, e que meu pai muito apreciou sua companhia. Com esta pista olhei os diários escrupulosamente guardados de meu pai, e descobri que em 1873 o Rev. George T. Perks, M. A., então Presidente da Conferência Wesleyana, visitou Leek como Delegado Missionário Estrangeiro, e que meu pai passou a maior parte do dia com ele na casa de um amigo chamado Stephen Goodwin. Um incidente deste tipo era provável de se manter vivo na memória de meu pai.

O teste se mostrou bem-sucedido, o nome de um ministro a quem meu pai foi amistoso em Leek aparecendo perto do topo da segunda coluna da primeira página do *Times* para a data especificada.

Pode-se perguntar se isso não teria sido uma mera coincidência? Qualquer um dos três nomes, Holbrey, Pritchard, ou Perks, satisfariam o teste; qual é a chance que um ou outro deles aparecesse a uns poucos centímetros do topo da segunda coluna do *Times* para qualquer data tomada ao acaso? Coletando 10 cópias do jornal para várias datas, eu pesquisei, mas falhei em encontrar uma única aparição de qualquer nome, embora fosse muito cuidadosamente pelo quarto superior da coluna 2 em cada primeira página de um total de 10. Este resultado negativo vai contra a coincidência, e isso será fortalecido à medida em que prosseguirmos com o exame.

Imediatamente surge a muito importante questão do conhecimento da médium. Quanto a Sra. Leonard (ou Feda) poderia saber sobre Leek e as associações de meu pai lá? Olhando as minhas notas de uma sessão 3 anos atrás (uma das minhas primeiras com a Sra. Leonard), achei as seguintes referências a Leek. Meu pai me dizia (através de Feda) sobre um ministro que ele conheceu chamado Jones. Lembrando que ele conheceu ao menos dois deste nome, pergunte, 'Este é aquele que nos acompanhou em Leek, ou você se refere ao seu antigo Presidente do Distrito?' Minha pergunta pareceu interessar a Feda, que achou oportuno observar que a médium (a Sra. Leonard) esteve em Leek. Quando a sessão terminou eu verifiquei isso, a Sra. Leonard me dizendo que ela visitou Leek na companhia de seu marido alguns anos atrás.

Será que o incidente da visita do Sr. Perk a Leek, em uma data anterior ao nascimento dela, chamaria a atenção da Sra. Leonard? E se sim, poderia ela estar ciente que meu pai passou o dia com ele, ou que ele o via como um amigo?

Eu acredito, entretanto, que essa referência anterior a Leek em conexão com o meu pai foi grandemente responsável pela facilidade com que Feda, na última ocasião, pegou o nome. A memória de Feda é extraordinariamente fiel, e percebi que uma vez que o nome adentre nossas conversas em uma sessão, ele é facilmente repetido por ela na subsequente, e é geralmente dado com mais certeza do que ocorre na introdução de nomes novos. No último caso não há nada no contexto para ajudar Feda, e ela é muitas vezes imprecisa. Os itens 3 e 9 desta sessão, 'Grange' e 'Cheadle', podem ter sido imperfeitamente vistos pelo comunicador; alternativamente, eles possivelmente ilustram o pulo de Feda a uma conclusão e a entrega de uma palavra que lhe é familiar ao invés daquela que o comunicador se esforçou para transmitir. Algumas vezes não achamos difícil entender um nome estrangeiro falado ao telefone, enquanto a familiaridade nos auxilia a adivinhar corretamente outros nomes ditos pelo fio com igual indistinção?

Agora prossigo a discussão.

Item 2:

> 'Um quarto descendo a coluna 2 aparece o nome dele, o seu, o da sua mãe, e o de uma tia. Todos estão dentro de um espaço de 5 centímetros.'

Vejamos quais nomes são precisos para satisfazer essa afirmativa. O nome do meu pai era John Drayton e o meu Charles Drayton; portanto devemos encontrar ou John e Charles, ou um deles junto com Drayton. O nome de minha mãe é Sarah Jane, então esse ou outro desses nomes deve aparece no jornal. Minhas várias tias se chamam Emily, Frances Mary, Henrieta, Margaret, Susie, Matilda, e Anne Wesley; tal número certamente fornece espaço para uma aparição casual de um nome adequado.

Na coluna 2 do *Times* na manhã seguinte, e 4 centímetros abaixo do primeiro quarto, estão os nomes *John* e *Charles*, que preenchem a primeira metade do teste. Então vem o nome *Emile Sauret*, o qual sugere Emily e Sarah, minhas tia e mãe. Mais significante de tudo, esses quatro nomes ficam dentro de um espaço de 3 por 4 centímetros.

Como dito antes, uma escolha de nomes tão ampla dá espaço para coincidência, e ainda assim minha pesquisa pelos dez números do *Times* para outras datas fracassou em

achar mais do que dois destes nomes em uma posição similar em qualquer um dos jornais. Uma olhada no esboço esquemático acompanhante dos testes para coincidência (veja a página 147) deixará isto claro. Lá será visto que, em três volumes, os nomes John e Mary foram achados juntos, e em três outros volumes um dos nomes requeridos aparece aproximadamente no local certo. Mas John e Charles não aparecem juntos uma única vez, nem o nome de qualquer tia, salvo Mary, descoberto. Isso favorece a ideia de que achar John, Charles, e Emile Sauret no local descrito no dia anterior, e menos ainda dentro da distância firmada entre eles, não foi uma mera coincidência.

A repetição desses testes revelando um conhecimento dos nomes da família vai longe em direção de provar a identidade do meu comunicador. Alguns deles serão encontrados em páginas posteriores.

Item 3:
'Perto deles a palavra "Grange."'

Não pude descobrir nem este nome nem outro suficientemente próximo em aparência para considerar a ideia. Quaisquer que sejam os métodos usados pelo meu comunicador, todos falharam aqui, a menos que tenha sido Feda que se enganou quanto ao nome.

Item 4:
'Na coluna 1, não exatamente no meio, está o nome de solteira de sua mãe ou um bem próximo disso.'

O nome de solteira da minha mãe era Dore (sem o acento). No *Times* do dia seguinte encontrei, a exatos 2,5 centímetros da metade da coluna 1, o nome *Dorothea*. Isso não é Dore, ainda assim a primeira parte é 'muito parecida', como o teste disse que seria.

A presença de nomes começando com Dor—— é frequente nessa coluna: descobri não menos do que 6 na porção correspondente do *Times* ao buscar coincidências em 10 edições. O interesse deste teste, portanto, está no facto de que eu fui solicitado a procurar por um nome como aquele indiretamente indicado (um que eu, mas não a Sra. Leonard, sabia ser Dore), e descoberto começar por Dor——. Este teste aponta na direção da recordação de meu pai de um nome incomum que estaria indelevelmente impresso por associações felizes em suas memórias. Este nome voltou em um teste subsequente em uma conexão que revelava um maior conhecimento dos nomes da família que meu pai possuiria, mas dos quais a Sra. Leonard saberia absolutamente nada. Isto foi em 14/06/1920, às 17h40m, quando o seguinte foi dado entre vários itens a serem verificados na primeira página do *Times* do dia seguinte:

'Perto do topo da coluna 2 está o nome da sua avó materna. Um dos outros nomes
dela é mantido por outro membro da família'.

Desejando evitar ambiguidade, perguntei se isso se referia ao nome de batismo de minha avó, ANN? A resposta dada foi:

‘Não, esse é o nome no jornal; mas um dos outros nomes dela é mantido por outro na família, e faz uma combinação peculiar. Este outro nome, o de casada, será encontrado um pouco mais baixo. Ele não sabe se isso é dado lá como um nome pessoal.’

Isso estava correto, pois no *Times* para 15/06/1920 o nome *Ann* aparecia 5 centímetros abaixo do topo da coluna 2. Agora, é difícil pensar que a Sra. Leonard pudesse estar ciente desse nome, cuja proprietária morreu 26 anos atrás. A observação final na mensagem de teste indicou conhecimento de que o nome em questão, a saber, Dore, era capaz de outro uso; ele é pronunciado exatamente como no substantivo ‘door’.[27]

Indo agora à assertiva de que este nome ocorria em uma combinação peculiar nos nomes de outro membro da família, encontramos uma evidência maior de conhecimento íntimo do tipo que meu pai possuiria, e que a médium certamente não. Os nomes finais de minha irmã eram Dore Raw; o nome Dore, nunca tendo sido usado exceto em sua assinatura legal, era pouco provável de ser conhecido em qualquer lugar fora do círculo familiar.

Este nome, Dore, apareceu no *Times* no dia seguinte? Não, mas dentro de 5 centímetros do *Ann* acima, e um pouco mais baixo na coluna adjacente, encontrei tanto *Doris* quanto *Dorothy*, que começa com a sílaba em som e grafia próximas a Dore.

Após essa digressão, voltamos ao:

Item 5:

‘Um tanto acima disso está o nome de um local onde sua mãe passou alguns anos de sua mocidade.’

Essa descrição dificilmente levaria alguém a esperar Newport, I.O.W., que foi a casa dela, e o único outro local aplicável seria Shirley, perto de Southampton, onde minha mãe ficou no colégio por 2 ou mais anos. Ao vasculhar o jornal descobri que, 10 centímetros acima das palavras-teste precedentes, Dois e Dorothy, havia *Hants*. Isso está literalmente correto, Shirley estando em Hampshire. Notei que Feda invariavelmente usa o termo ‘local’ em vez de ‘município’. Um cuidadoso escrutínio dos dez outros números do Times fracassou em revelar qualquer menção a Hampshire na parte correspondente da coluna 1; assim novamente faltando apoio empírico para a sugestão de coincidência.

Item 6:

‘Próximo do acima mencionado está um nome que sugere uma ação que alguém poderia fazer com o corpo ao pular.’

A 7,5 centímetros de ‘Hants’, e nivelado com ele na coluna adjacente, há o nome de um local, *Cumnock*, que parece sugerir um trocadilho, que, embora pobre, provocou um sorriso involuntário em mim quando o percebi. Pode-se levar uma pancada[28] como o resultado de um salto torto. Pouquíssimos nomes se encaixariam na descrição. Pesquisa pelas porções correspondentes nas 10 edições do *Times* falhou em encontrar um único exemplo que, por um esforço da imaginação, pudesse ser considerado apropriado.

---

[27] O termo ‘door’ significa ‘porta’. (N. T.)

[28] Pancada, em inglês, é *knock*, lembrando *Cumnock*. (N. T.)

Item 7:

‘Perto do final da coluna 1 está o nome de um local onde você ia para a escola.’

Devido às mudanças frequentes de nossa casa, necessárias pelo sistema wesleyano itinerante, frequentei a escola em 6 cidades diferentes, e como estas estavam em cinco estados há não menos do que 11 nomes, qualquer um podendo satisfazer o teste. A coincidência é, portanto, provável aqui, e em minha pesquisa pelas 10 edições do *Times*, dois nomes aparecem próximos da posição requerida. Não há, portanto, nada particularmente notável no facto de que no *Times* do dia seguinte a última linha da coluna 1 continha *Lincolnshire*, em cujo município estive na escola por 3 anos. Como declarado acima, um município é aludido por Feda como ‘um local’.

Item 8:

‘Nas cercanias está mencionado um — devo dizer um professor, em vez de um mestre — seu a quem você lembrará bem.’

Esta distinção entre mestre e professor acertou na mosca. Na escola que frequentei antes de me mudar para Lincolnshire, o mestre se chamava Watts, e seu filho mais velho, Joseph, ocasionalmente ajudava seu pai a dar aulas aos mais novos. Eu era um profundo admirador de Joseph, e sentia-me honrado quando ele vinha tomar chá comigo. Joseph não era um mestre, e ainda assim algumas vezes ele me ensinava. Ao olhar para a parte da coluna indicada, achei o nome *Joseph* ocorrendo no mesmo anúncio com *Lincolnshire*; (e mais do que isso, o nome *Watts* aparece na coluna seguinte, onde isso serviria, caso percebido pelo meu comunicador, para ligar o nome Joseph com este amigo de minha meninice.) Este é outro facto típico que meus pais se lembrariam, já que minhas amizades eram assunto de muito interesse aos seus olhos. Descobri que minha mãe possui recordações bastante claras de Joseph e de minha admiração por ele.

O nome Joseph é comumentemente encontrado nessas colunas, de facto ele aparece novamente a 7,5 centímetros do final desta coluna.

Item 9:

‘Há uma palavra próxima que parece a seu pai como Cheadle.’

Não pude achar nada do tipo; este parece ser outro caso da dificuldade de Feda em transmitir nomes que não lhe são familiares.

É de se perguntar por que meu comunicador não corrige Feda quando ela dá um nome errado? Ele me diz que ele está muito absorto preparando a frase seguinte, e não está sempre ciente de como Feda está interpretando a mensagem; e mesmo quando ciente de um erro, ele pode decidir deixar passar, em vez de arriscar um fracasso completo deixando Feda confusa. Estou ciente dele assumindo o controle perto do fim de uma sessão e retificando um ponto que Feda falhou em passar. Algumas vezes Feda diz que a palavra fornecida não é a correta, mas foi o mais próximo que ela conseguiu chegar. Será visto que essa falha se extrai de palavras que expressam incerteza; possivelmente o erro pode ter estado na mente do comunicador.

Item 10:

‘Mais alto na coluna 1, uns dois terços descendo, há um nome sugerindo munição.’

Exatamente onde descrito o título eclesiástico *Cânone*[29] aparece duas vezes. Isso estaria bem dentro do alcance da coincidência, já que não é incomum na coluna de casamento. Eu o achei três vezes nessa posição durante a minha busca por coincidências pelas dez edições do jornal.

Item 11:

‘Entre isso e o nome do professor, há o nome de um local, francês, três palavras hifenizadas em uma.’

Este foi um teste definido, e se mostrou um sucesso; pois eu descobri no jornal da manhã seguinte, e entre os dois ‘Josephs’ e os dois ‘Cânones’, a notícia de um casamento na cidade belga de Braine-le-Château. Uma tentativa suplementar em descrever este nome em maior detalhe falhou. A presença de três palavras francesas hifenizadas em uma em uma parte do jornal tão definidamente descrita quanto delimitada no espaço, digamos, de 13 centímetros no máximo, está muito além da chance de coincidência. Não há nenhum exemplo nos 10 exemplares pesquisados.

Item 12:

‘Próximo ao meio desta página, descendo e transversal ao meio, está um erro de impressão; isso não pode estar certo, algumas letras erradas inseridas ou algo deixado de fora, algum tipo de erro lá.’

A 7,5 centímetros do centro desta página, levemente abaixo da metade da coluna 3, está uma notícia curta, em itálico, na qual as palavras finais são ‘na página seguinte’. A palavra ‘página’ está imperfeita, a letra ‘g’ com sua cauda diminuída e parecendo um ‘a’ estranho, assim—‘páaina’. Ao menos assim pareceu em minha cópia, e em uma inspeção de uma segunda cópia observei o mesmo defeito. Erros de impressão deste tipo devem ser raros no *Times*, pois não pude descobrir outro.

Tendo considerado em detalhe as mensagens de teste dadas nesta sessão, descobrimos que, de 12 itens, apenas 2 foram fracassos completos, os demais concordando mais ou menos exatamente com o acima mencionado oferecido às 15 horas no dia anterior à publicação do jornal. Poderia isto ser uma coincidência? Na página adjacente está tabulado o resultado de uma tentativa de combinar esses testes pelo acaso. Será visto que embora 10 edições do jornal tenham sido vasculhadas, nenhuma delas conseguiu mais do que 3 correspondências pelo acaso, e a média de sucesso ficou abaixo de dois, nomes comuns responsáveis pela maior parte dessas coincidências.

Para evitar o cansaço dos leitores que não estão interessados em uma maior consideração da coincidência, os resultados dos outros experimentos foram agrupados juntos no capítulo seguinte, onde eles podem ser passados por alto ou considerados de acordo com a escolha.

---

[29] A palavra *cannon*, em inglês, quer dizer canhão. Já *canon* quer dizer cânone. Como o teste fala em munição, a palavra para ser precisa deveria ser *cannon* (N. T.)

OUTRA REFERÊNCIA A LEEK

Houve uma subsequente referência a Leek, que parece ir além de qualquer possibilidade de coincidência ou outra explicação normal.

Minhas notas, postadas na mesma noite e agora em posse da Sociedade para a Pesquisa Psíquica, mostram que em 18/02/1921, às 18h08m, eu recebi a seguinte mensagem-teste, a ser verificada no *Times* na manhã seguinte: —

> 'Por volta da metade da coluna 1 da primeira página está o nome de alguém a quem você e sua irmã conheceram muito bem quando bem jovens.'

Isso nos levaria para mais de 40 anos atrás. Quantos nomes se encaixariam nas condições deste teste? Não muitos, dado o facto que acoplado com o acima veio uma segunda porção. Feda prefaciou isso observando que, como muitas pessoas podem dizer que a presença de um nome correto apenas indica coincidência, ele acrescenta que —

> 'Próximo a isso está um nome indicando o local onde costumávamos ver esta pessoa.'

As chances são agora restritas; em um local definido tem de aparecer amanhã um nome familiar a minha irmã e eu mais de quarenta anos atrás, e próximo a isso, também, deve ser visto o nome da cidade onde tal pessoa residiu.

O amigo em Leek, em cuja casa meu pai e o Rev. George Perks passaram um dia juntos, chamava-se Stephen Goodwin. Ele era um dos principais apoiadores de nossa Igreja quando meu pai vivia em Leek; eu me lembrei dele bem, e minha irmã, embora muito jovem à época, conheceu-o alguns anos depois durante visitas àquela cidade. Ao olhar no *Times* do dia seguinte, 19/02/1921, eu vi o nome Goodwin em letras grandes, e ele estava a cinco centímetros da metade da coluna 1, a exata posição descrita. Isso pode ter sido uma mera coincidência, ou isso pode ter sido visto pelo comunicador, mas em uma diferente notícia na linha acima, e colocado imediatamente acima do nome Goodwin, estava *Stephen*. Assim o nome (ou nomes), bem como a posição na coluna, se encaixam perfeitamente; mas o teste é grandemente fortalecido e, como me parece, posto além de qualquer chance de coincidência, pela presença, apenas 7,5 centímetros longe, do nome *Leek*.

Neste momento é difícil imaginar como o conhecimento da Sra. Leonard de nossa conexão com Leek poderia desempenhar qualquer papel em imaginar tal teste. Pois mesmo na suposição sem base de que ela poderia estar ciente do nosso interesse no nome Goodwin, alguém pode sugerir qualquer meio normal em que ela pudesse saber que o nome Leek apareceria em estreita proximidade com ele? O problema se apresenta mais complicado pelo facto de que Leek e Goodwin estão em *diferentes colunas*, embora muito próximos um do outro.

Pode ser bom declarar aqui a minha opinião desses dois testes Leek, na medida em que se aplicará à serie inteira, somando várias centenas, recebidas durante os dois últimos anos. Eu vejo uma evidência irrefutável de habilidade supranormal para provar o conhecimento de nomes que aparecerão na imprensa do dia seguinte, e, ainda mais difícil, prever em que posição aproximada esses nomes serão encontrados. Não fosse isso tudo, eu poderia ficar em dúvida se tais resultados seriam explicados por um poder

clarividente incomumente alto na Sra. Leonard. Mas qualquer dúvida é removida ao considerar que vários desses testes (dos quais uma seleção será oferecida depois) revelam um conhecimento íntimo de antigos acontecimentos que meu pai possuía, e que ele estando ciente eu seria capaz de verificar, ou por minhas próprias recordações, pela assistência de minha mãe, ou por seus papéis particulares.

CAPÍTULO XV

A POSSIBILIDADE DE COINCIDÊNCIA FALHA EM EXPLICAR OS FACTOS

DÚVIDAS quanto à fraude ou conluio pareceriam estar deslocadas em um inquérito quanto à inteligência originária nos testes de jornais. Em vista da hora em que os testes são dados, e da natureza do conhecimento que muitos deles exibem, estamos seguros em admitir a inaplicabilidade desta suposição.

É preciso ver a questão de coincidência. Pode o acaso explicar? Direi razões para a minha convicção que não.

Acontece que a maioria dos nomes familiares aludidos nesses testes são suficientemente comuns para asseguramos um lugar em cada edição do *Times*. A menos que sua posição seja algo definitivamente declarado, haverá amplo espaço para coincidência. Ver-se-á que a posição é dada geralmente dentro de ao menos a margem de um quarto de uma coluna. Mas mesmo assim, com certos nomes comuns, e até para a conjunção de dois deles, pode facilmente haver uma correspondência casual.

Possivelmente é devido a isso que o comunicador geralmente associa tais nomes com outros itens; pois quando 3 ou mais declarações estão conexas, uma coincidência, embora ainda possível, é improvável. E quando, por uma longa série de tais testes conexos, a verificação se mantém de forma constante, gradualmente percebemos que os acontecimentos não são por acaso. Esta percepção é reforçada pela evidência de que uma considerável gama de familiaridade com as relações familiares e eventos de muito tempo atrás está à disposição do comunicador.

Os leitores podem facilmente pegar alguns desses testes em série, e descobrir até onde eles irão se aplicar às edições do *Times* para outras datas além daquelas originalmente oferecidas. Realizar tal comparação fará mais do que argumentar, provará o quão pequeno é o papel desempenhado pelo acaso na produção dos resultados.

Eu usei os testes recebidos em 12 sessões — 104 no total — e os comparei com cópias do *Times* pegas de forma aleatória, para ver que medida de sucesso poderia ser obtida por acaso. Foram contadas como ‘inconclusivas’ as que não eram fracassos e ainda assim não totalmente exatas; algumas vezes o nome requerido foi encontrado longe demais do local indicado, enquanto, em outras vezes, os testes foram expressos de uma maneira muito vaga para assegurar convicção de que a palavra encontrada fosse aquela de facto intencionada pelo comunicador. Dessas verificações ‘inconclusivas’, fossem dos testes originais ou das coincidências, os avaliadores pode diferir, alguns tendendo a ser lenientes, enquanto outros mais severos. Busquei aplicar o mesmo padrão tanto ao verificar os testes originais quanto ao buscar no *Times* acertos casuais em outras datas. Os resultados foram os seguintes:

Na verificação original dos 104 itens, 73 Sucessos; 12 Inconclusivos; 19 Fracassos.

Em comparação aos acertos casuais para os mesmos 104 itens,
18 Sucessos; 10 Inconclusivos; 76 Fracassos.

Os melhores dos acertos casuais foram obtidos com nomes comuns.

Um relato mais extenso dos testes que eu recebi nas 12 sessões acima mencionadas é dado no *Journal of the Society for Psychical Research* de maio de 1921, onde 53 de 104 exemplos são completamente descritos. Lá registrei em detalhe o resultado da busca para cada um desses 53 itens em *seis* edições do *Times* selecionadas aleatoriamente. Uma considerável latitude com relação à posição foi permitida, e ainda assim em nenhum momento uma cópia do *Times* escolhida aleatoriamente obteve tantos sucessos como o jornal da data para a qual os testes foram feitos. De facto, de longe a maior porção dos acertos casuais se relacionou a nomes comuns, e especialmente para aqueles testes que podem ser satisfeitos pela presença de qualquer um de uma meia dúzia de nomes; como ao buscar por, 'Um parente da sua esposa', ou 'Alguém a quem Alfred possui interesse'. Essas correspondências casuais foram frequentemente menos aptas do que as verificações originais, e cerca de metade dos sucessos se relacionou a um ou outro de nomes tais como Mary, Emily, John, William, Thomas. Parece bastante evidente que se tais testes são selecionados de forma a excluir todas as referências a tais nomes, e esses testes sozinhos forem usados para uma comparação, o resultado deve ser uma redução das chances de sucesso até quase o ponto de desaparecer.

Nos 53 itens escolhidos para comparação houve 51 sucessos. Quando cada item dos 53 foi buscado nas 6 outras edições do jornal, o resultado mostrou uma fração menor que 13 como a média do sucesso obtida pelo acaso, um resultado em harmonia com o anterior.

COMPARAÇÃO DOS DOIS EXPERIMENTOS

Meu comunicador obteve 73 sucessos de 104 possíveis.
Tentativas casuais obtiveram 18 sucessos de 104 possíveis.
Meu comunicador obteve 51 sucessos de 53.
Tentativas casuais, em média, obtiveram 13 sucessos para os mesmos 53.

Os experimentos, para serem conclusivos, precisam se basear em um grande número de casos. Pouco seria provado, por exemplo, ao se comparar um único teste com uma cópia casual do jornal; pois caso acontecesse de se encaixar, poderíamos dizer que o teste original não foi suficientemente distinto em suas características para impedir a possibilidade de paralelos casuais; e ainda assim isso não refletiria a precisão do teste, nem falsificaria a sua origem espiritual. Mas se experimentos lidando com grande número de casos atingissem resultados casuais próximos às dessas sessões, teríamos assim evidências tendente a lançar dúvidas sobre a origem supra-normal dos testes. Nenhum caso do tipo chegou a mim, e os leitores possuem neste livro material suficiente para experimentos pessoais.

O teste experimental para coincidências tende ainda a fortalecer ainda mais a convicção de que a inteligência originária nos testes de jornal é um espírito capaz de usar capacidades sobre-humanas.

Os toques pessoais íntimos parecem constantemente servir igualmente para aprofundar minha convicção de que o comunicador é meu pai.

CAPÍTULO XVI

TESTES RECEBIDOS PARA OUTROS E RELATANDO FACTOS DESCONHECIDOS AO CONSULENTE

O especial interesse dos testes agora a serem registrados está no facto de que eles incluem informação que nunca esteve em minha posse. Esta informação foi algo inesperado para mim e para aqueles a quem ela foi entregue. Isso ainda demonstra que a 'leitura dos meus pensamentos' não é a explicação desses testes de jornal.

A primeira sessão inicia da maneira usual com testes para mim, e então continua, bem como as duas seguintes, dando testes para outras pessoas a quem tive de solicitar verificação, e cuja permissão de incluí-las neste livro é muito apreciada.

Incidentes tais como estes aumentam a dificuldade de supor que nossos resultados possam ser atribuídos a um conluio ou coincidência.

16 de março de 1920, às 14h48min

Nove foram os testes oferecidos para verificar na primeira página do *Times* do dia seguinte.

Resultado: 7 Corretos; 1 Inconclusivo; 1 Fracasso.

> 'Um pouco abaixo da metade da coluna 1 está March ou Marsh, ele não está certo quanto àquela letra. Ele conheceu alguém com esse nome na Terra, e sua mãe
>
> saberá em um momento a quem ele se refere. Ela se interessava não apenas no homem, mas também naquele pertencente a ele. O nome do último é dado um pouco mais embaixo. Envie o jornal a sua mãe e ela lembrará.'

Como este era o mês de março[30], o nome apareceu várias vezes, mas o interesse maior está nas últimas declarações. Meus pais por muitos anos foram amigos de o Sr. e a Sra. March, que residiam próximos dali em duas localidades durante os últimos anos da vida terrena de meu pai. ¾ descendo esta coluna, o que corresponde com a direção 'um pouco abaixo', está o nome da esposa do Sr. March. Eu não sabia o nome dela, e tive de fazer perguntas antes que isso fosse verificado.

'Cerca de um terço descendo a coluna 2, ou um pouquinho mais baixo, há uma data muito importante para a sua vida [não na de seu pai ou na de sua mãe, mas na sua).[31] O mês é dado e provavelmente o dia.' [(Pensando no meu aniversário em 3 dias, observei que eu podia adivinhar a que ele se referia)]. 'Ele ri e diz, "Melhor não adivinhar." Ele sabe no que você está pensando, algo a acontecer por agora, uma data muito importante para a família, mas não é isso o que ele quer dizer. A data no jornal não é aquela em que você está pensando.][32] Ele viu por clarividência Cambridge próximo a esta data.'

---

[30] Em inglês, março de escreve *March*.

[31] As observações entre colchetes foram omitidas das minhas notas enviadas àquela noite para a Sociedade para a Pesquisa Psíquica.

[32] *Ibid*.

O nome *Cambridge* aparece exatamente um quarto descendo a coluna 2, e a menos de 3 centímetros embaixo disso está *o 15 de março*. Por algum tempo não pude lembrar qualquer evento ligado a essa data, e assim olhei nos diários de meu pai. Lá notei muitas referências ao nosso Encontro Trimestral da Igreja caindo por volta desta data — digamos entre os dias 12 e 20 do mês. O encontro de março é o mais importante do ano, e é somente quando os candidatos podem se oferecer ao ministério wesleyano. Caso não passem, seu progresso é barrado. Foi uma satisfação para o meu pai quando eu passei com sucesso em tal encontro em março de 1889. Eu não pude agora descobrir se ele foi realizado no dia 15 daquele mês, mas necessariamente deve ter sido dentro de um dia ou dois daquela data. Minha convicção silenciosa de que ele se referia ao meu aniversário evidentemente divertiu meu pai, que observou que a família compartilhava nisso um interesse de uma forma que não se aplicava muito bem à ocasião que ele tinha em mente.

Uma verificação tão indefinida deve ser contada como 'inconclusiva'.

> 'No começo da coluna 1 há um nome geralmente associado a uma parte muito inicial da Bíblia. Suas razões para dá-lo é que você viu esse nome particularmente nos últimos dias.'

O primeiro nome na coluna é *Adams*. Certamente pensei, um ou dois dias atrás, em uma Sra. Adams que era uma velha amiga dos meus pais, e a quem encontrei recentemente após decorridos alguns anos.

Nesta sessão estive acompanhado de um clérigo desconhecido à Sra. Leonard e cujo nome não foi mencionado. Ele veio até mim porque algumas semanas antes recebi mensagens de um caráter fragmentário supostamente vindas de sua esposa, e pareceu possível que em sua presença algo mais pudesse vir. Os testes a seguir foram para ele, e ditos serem dados por sua esposa.

> 'Perto do topo da coluna 2, na primeira página do *Times* de amanhã, está o nome de batismo da mulher que acompanha este cavalheiro.'

A 10 centímetros do topo da coluna estava o nome *Anne Maria*. Meu amigo me disse durante nossa viagem de retorno, enquanto discutíamos esses testes, que o nome de sua esposa era Annie Maria. O controle da Sra. Leonard mais de uma vez observou a dificuldade que ela experimenta para distinguir entre Ann, Anne e Annie, já que eles soam ou lhe parecem muito semelhantes. Eu notei essa dificuldade com outros médiuns também.

Para resumir—

> 'Próximo a ele está o nome de batismo deste cavalheiro. Eles estão bastante juntos, possivelmente a 4 centímetros um do outro.' Aqui eu perguntei a meu pai, como *você* conhece esses nomes? Eu mesmo não os conheço!' Feda respondeu, 'Ele não os conhece, mas esta senhora foi com ele para procurá-los. Se corretos ela irá outra vez buscar por mais. O teste fica ainda melhor quando você não conhece os nomes.'

Imediatamente após os dois nomes acima veio *O Rev Frederick*. O nome do meu amigo é Frederic (sem o 'k'). Esses nomes apareceram em linhas adjacentes a 1 centímetro e meio um do outro como declarado.

‘Descendo cerca de um terço a coluna 2, está o nome de um local no qual esta senhora viveu e gostava.’

Desejando estar em posição de examinar esses testes no dia seguinte, perguntei durante o nosso retorno para casa qual cidade satisfaria a afirmativa. O Rev. Frederic citou duas. Uma era o lar da infância dela e a outra Cambrige. Ele incluiu a última porque, embora sua esposa de facto não residisse lá, ela lá se hospedou em longas visitas ao tio dela, um professor universitário, e ficou bastante ligada ao local. Descendo um quarto nesta coluna aparece *Cambridge*.

Esses 3 testes, assim confirmados, foram aceitos por meu amigo como indicativos de que sua esposa estava em contato conosco. Ela forneceu o nome dela e o dela de um jeito inconfundível, e nomeou o lugar que ele sabia estar associado na mente dela com as recordações mais agradáveis. Muitas outras evidências de sua identidade foram dadas, tanto então quanto numa entrevista posterior com a Sra. Leonard. Elas são certamente difíceis de explicar em qualquer outra base além da comunicação de um lado espiritual da vida.

A sugestão de que esses nomes foram descobertos por explorar a minha mente está fora de questão; nem se pode dizer que foram obtidos da mente do meu amigo, pois os testes foram dados apenas minutos após ele entrar em uma casa onde ele era desconhecido. Eles devem ter sido procurados antes de a Sra. Leonard por os olhos nele.

Não seria inteiramente natural que a esposa, percebendo sua intenção de estar presente, se disporia a ajudar fornecendo matéria evidencial deste tipo como prova suplementar de sua identidade?

A explicação dos alegados comunicadores é consistente e cobre todos os factos. Poderia qualquer suposição alternativa dar conta de metade dos factos?

23 de abril de 1920, às 15h

Foram fornecidos 9 testes para verificação na primeira página do *Times* do dia seguinte.

Resultado: 7 Corretos; 1 Inconclusivo; 1 Fracasso.

Agora prossigo para um incidente que descarta ainda mais a hipótese de telepatia de mentes terrenas. Durante uma sessão em 26/03/1920, eu expliquei que, devido à ausência de casa, seria impossível manter meu compromisso para aquela quinzena, e que eu enviaria um amigo. Eu não dei a menor pista de quem seria, mas fiz com que deixasse um médico conduzir a entrevista, entrevista, esperando que ele pudesse entrar em contato com seu irmão. Eu não fiquei nem um pouco surpreso, portanto, quando meu pai respondeu que ele estaria presente e que traria o amigo do meu amigo, com quem ele já havia comparecido a uma sessão. Eu entendi a referência; 15 meses antes acompanhei este doutor a um clarividente, e embora nada de interessante transpirasse lá, meu pai aludiu à ocasião quando a seguir lhe falei com a Sra. Leonard, dizendo que esteve presente e viu o amigo do meu amigo tentando sem sucesso impressionar o clarividente com seus pensamentos. Parece assim que o meu propósito de enviar este doutor já era conhecido ao comunicador. Por nenhum meio normal poderia a Sra. Leonard estar ciente disso, e a teoria da telepatia dificilmente pode ser invocada para explicar o que se segue.

23 de abril de 1920, às 15h

A primeira série de testes que me foi dada nesta data mostrou-se ser para o meu amigo médico, vinda do irmão dele, que havia se comunicado com sucesso com ele através da Sra. Leonard desde a minha visita anterior.

> 'A primeira série de testes são para o seu amigo do comunicador espiritual dele cujo nome está por volta da metade da coluna 1 da primeira página do *Times* de amanhã.'

Exatamente na metade daquela coluna aparece o nome Dyson, que está correto.

'Muito próximo a isso está o nome do seu amigo ou um quase similar.'

Seis centímetros abaixo *Dyson* está o nome *St Andrew's*. Até receber os comentários sobre esses testes eu não sabia que o seu segundo nome era Andrews. 'Quase similiar', o apóstrofo faz a diferença.

> 'Um pouco abaixo, digamos três quartos descendo, está o nome de um lugar que eles visitaram juntos e que gostaram muito.'

O Dr. Dyson, ao inspecionar o jornal, encontrou neste local uma menção a *Filey*, um local em que ele o seu irmão frequentemente passaram as férias juntos.

'Um pouco acima está o nome de um amigo em comum deles.'

Ele escreve que quase imediatamente acima dos nomes anteriores aparecem *Jones* e *Davies*, e que ambos poderiam ser o amigo em comum.

> 'Perto do topo da couna 1 está o nome de um grande amigo que morreu e está com o espírito do jovem homem' (i.e., com o irmão do doutor).

A carta dele continua: 'A primeira notícia no topo da coluna 1 contém o nome *Jack*. Este deve ser Jack Nancarrow; ele é absolutamente o único grande amigo que morreu que eu tive. Além disso, em toda a primeira metade da coluna 1, não há nenhum outro nome ou sobrenome de qualquer amigo meu.'

De todas as informações acima eu não sabia de nada, exceto a amizade com Nancarrow e o nome Dyson. Claramente, portanto, não houve leitura de minha mente. Nem é fácil ver como, ainda que esses factos fossem-me conhecidos, a leitura da mente pudesse explicar tal junção e seleção precisa do *Times* como forma de característica peculiar desses testes. A informação fornecida por meus dois amigos, o clérigo e o doutor, foi tão surpreendente para eles quanto inesperada para mim.

21 de maio de 1920, às 15h

Foram dados 6 testes para verificar na primeira página do *Times* do dia seguinte.

Resultado: 3 Corretos; 1 Inconclusivo; 2 Fracassos.

Nesta sessão estive acompanhado pelo clérigo referido em conexão com os testes de 16/03/1920. Como na ocasião anterior, o comunicado era sua esposa, e o primeiro teste dizia respeito a sua filha Margaret, que sentou conosco, e cujo nome eu estava, obviamente, ciente.

‘Na coluna 1, descendo um terço, está o nome da filha dela.’

O nome *Margaret* está a 5 centímetros do primeiro terço da coluna 1.

‘Na coluna 2, perto do topo, está nomeada a localidade onde o marido dela nasceu. Pode haver alguma razão para dizer “localidade”, então é melhor que isso seja escrito assim.’

Próximo do topo desta coluna aparece *Plymouth*. O local de seu nascimento, como eu soube depois por meu amigo, foi em uma cidade a menos de 20 quilômetros de Plymouth.

‘No meio da coluna 2 está uma frase, não um nome, em que esta senhora gostaria de aplicar por seu marido e filha a si mesma. Isso seria muito apropriado; mas ela gostaria que uma palavra da frase fosse alterada, e eles reconhecerão imediatamente que palavra é essa.’

Perto da metade da coluna 2 havia o seguinte:

‘Ao pôr de sol,
E de manhã,
Iremos nos lembrar deles,—Mamãe.’

Evidentemente que a palavra a ser mudada é ‘deles’, e em seu lugar inserida a palavra ‘dela’.

CAPÍTULO XVII

TESTE RECEBIDO ANTES DE A MÁQUINA TIPOGRÁFICA ESTAR EM POSIÇÃO

Ao considerar a importância destes testes de jornal, é acima de tudo importante perceber a hora em que eles foram oferecidos. A sessão de 13/02/1920, na qual foram dados os testes discutidos no Capítulo XIV, *terminaram* às 17h15min, e uma cópia desses testes foi postada em Londres por volta das 18h daquela noite.

De forma a pesar a relevância deste facto, tomado em conjunto com a precisão geral das verificações no dia seguinte, será necessário saber o método e o momento da impressão, e particularmente a hora na qual a máquina tipográfica para a primeira página é produzida e colocada em ordem.

A seguir, o relato de uma visita de inquérito ao escritório de impressão do *Times*.

INQUÉRITOS QUANTO À HORA EM QUE AS NOTÍCIAS-TESTE ESTÃO NA MÁQUINA TIPOGRÁFICA

Na quarta-feira, 02/02/1921, eu visitei os trabalhos de impressão do *Times*, acompanhado de um amigo que obteve as permissões necessárias. Em resposta ao meu pedido por informação sobre as preparações para a primeira página do dia seguinte, fomos conduzidos a uma sala em que vimos tinas de longas colunas. Três dessas tinas

foram apontadas como sendo os receptáculos em que seria colocado todo o material para as primeiras três colunas do jornal do dia seguinte.

Àquela hora, 16h30min, as tinas guardavam poucos caracteres impressos, mal suficientes para imprimir um quarto de uma coluna. Perguntamos onde naquele momento estavam os anúncios em que aquelas tinas conteriam presentemente? Para a resposta o guia nos levou a uma sala em que vários linotipos estavam sendo trabalhados, e explicou que todos os anúncios de 'Nascimentos, Casamentos, Mortes, In Memoriam' eram divididos entre os operadores dessas máquinas, que as reproduziam na forma de barras de caracteres (cujo nome técnico eu esqueci), e que essas barras de caracteres seriam colocadas nas tinas que vimos primeiro. Assim, parece que após as notícias chegarem ao local (e serem presumivelmente listadas pelos funcionários), elas são dispersas entre muitos operadores, e não são novamente coletadas em um só lugar até reaparecerem como caracteres nas tinas acima mencionadas. Pareceu importante saber a que horas essas tinas conteriam seu complemento total de caracteres, e fomos assegurados de que isso não ocorreria até tarde da noite.

Após um passeio pelos trabalhos repassamos as tinas às 17h, e encontramos o atendente diurno preste a deixar o local. Ele disse ser incapaz de afirmar com qualquer grau de certeza a posição final de qualquer notícia em particular, e que o funcionário noturno, então prestes a assumir o seu lugar, não poderia saber até tarde da noite, quando a parte principal da máquina tipográfica chegasse e fosse arrumada.

Dando uma última olhada antes de partir, vimos vários tipos de notícias todas juntas naquela porção da tina correspondente à metade superior da primeira coluna do jornal. Olhando cuidadosamente um anúncio em particular, notei que sua posição ficava a 10 centímetros do topo, mas no jornal da manhã seguinte o anúncio foi encontrado próximo do fim da coluna.

Assim parece claro que mesmo um acesso desimpedido às 17 horas não permitiria a alguém saber a última posição de qualquer nome, nem mesmo o conteúdo da maioria dos anúncios; pois muitos deles não estavam ainda sequer na máquina tipográfica, existindo somente em papéis separados no escritório ou no departamento de linotipo. Um escrutínio dos caracteres nas tinas tarde da noite possibilitaria uma ideia mais ou menos precisa da posição que os nomes poderiam assumir. Mas àquela hora minha sessão estava terminada, e as notas já postadas à Sociedade para Pesquisas Psíquicas.

Qualquer pessoa permitida a colecionar testes do material nas obras impressas, antes do horário das minhas sessões, teria duas alternativas. Ele poderia escrutinizar as letras assim que chegassem, notando a ordem alfabética e o número total de notícias destinadas a essas 3 primeiras colunas, ou ele poderia inspecionar depois os linotipos e ver o que estava sendo escrito por eles. Ele poderia em qualquer caso suceder em observar o conteúdo total dessas colunas do dia seguinte, mas teria se de basear em estimativas da provável posição em que nomes particulares poderiam assumir no jornal do dia seguinte.

É evidente que mesmo alguém em uma ligação telefônica com o escritório do *Times* no momento de minhas sessões, tal pessoa não seria capaz de receber informações relevantes para esses testes, a menos que se relacionasse aos itens da 'Coluna de Nascimentos', tendo letras iniciais primeiro no alfabeto. Por exemplo,

alguém saberia que Adams ou Brown estava enviando uma notícia de nascimento, ele poderia com alguma confiança assumir que isso apareceria próximo ao topo da coluna 1. Mas a inspeção dos testes recebidos mostra quão poucos exemplos deste tipo aparecem; de facto parece como se meu comunicador propositalmente evitava, como regra geral, a parte superior da primeira coluna. Houve uma preferência evidente para testes estando no terço superior da coluna 2.

A Sra. Leonard não possui telefone, nem qualquer telegrama foi trazido para dentro após a minha chegada.

A seguinte Nota Editorial no final do meu artigo sobre Testes de Jornal no *Journal of the Society for Psychical Research* ´para maio de 1921.

"Os leitores do artigo do Sr. Drayton Thomas podem perguntar que procedimento é seguido em relação à montagem na máquina tipográfica de tais anúncios no *Times* como referidos nos 'testes.' Sir William Barrett, F.R.S., gentilmente nos ofereceu duas cartas que ele recebeu do diretor do *Times* que jogou luz sobre essa questão. A primeira carta é a seguinte:

'PRINTING HOUSE SQUARE, E.C.4,
'19/10/1920

'Os pequenos anúncios no *Times* (que incluem Nascimentos, Mortes e Casamentos) chegam a toda e qualquer hora do dia, e começamos a montá-los às 17 horas. Acho que metade deles frequentemente está montada antes das 20 horas, e às vezes mesmo uma proporção maior do que essa. Além disso, você pode verificar que muitos dos anúncios são ordenados para aparecer por duas ou três inserções. Consequentemente, alguns deles ficam na máquina tipográfica por dois dias.

'Caso queira me dar qualquer exemplo particular, farei inquéritos com prazer.'

"Em resposta ao convite contido na última frase da carta acima, Sir William Barrett escreveu pedindo por particularidades concernentes à notícia em particular referida acima e dada em uma sessão quando o Sr. Drayton Thomas estava acompanhado de um amigo o Rev. Frederic ——

"A resposta do diretor do *Times* vai assim:

'25/10/1920.

'Em resposta à sua carta da mesma data, eu tive a cópia original do anúncio referido pelo Rev. F. —— trazida até mim, e descobri que ela estava no escritório às 09h27m da manhã de 16 de março, e inserida no dia seguinte. Na hora referida — 4 ou 5 de 16 de março — a cópia já estando montada há um tempo considerável, e naturalmente foi vista por muitos membros de nossa equipe.'[33]

"As sessões do Sr. Drayton Thomas foram realizadas em vários horários entre 11h45m e 18h30m. Assim parece pela declaração feita na primeira carta pelo diretor do *Times* que no momento da sessão as notícias particulares referidas nos testes podiam em alguns casos já estarem montadas na máquina tipográfica; em outros provavelmente não; em qualquer caso sua última posição na página não seria conhecida por meios normais até tarde da noite. Nós podemos portanto concluir que, deixando de lado outras

[33] Para a descrição desses testes, ver as páginas 158-9.

evidências que temos da honestidade da Sra. Leonard, a possibilidade de conluio ou fraude pode ser descartada para explicar os factos.

Quanto aos métodos que os 'comunicadores' do Sr. Drayton Thomas possam ter adotado para adquirir o conhecimento necessário ao seu propósito, estamos bastante no escuro, infelizmente. Os testes de jornal diferem dos testes de livro neste aspecto, já que no mínimo alguns dias antes de um teste de livro ser dado, os livros ficavam todos prontos em suas estantes e, supondo clarividência, a qualquer momento poderiam ser vistos clarividentemente."

CAPÍTULO XVIII

EXEMPLOS DE TESTES DE JORNAIS, INCLUINDO ALGUNS DOS PRIMEIROS RECEBIDOS

NESTA seleção de testes, alguns de características menores foram inclusos por estarem de algum modo relacionados aos seus equivalentes mais interessantes.

10 de outubro de 1919, às 15h
Nesta data recebi os primeiros testes da Public Press. A maioria foi corretamente verificada na manhã seguinte, entre eles o seguinte: —

'Olhe no jornal *Times* de amanhã, e na segunda coluna da primeira página, próximo ao meio, estará o seu nome e o do seu pai, o seu vindo primeiro.'

Ao olhar no *Times* do dia seguinte, viz., 11 de outubro, achei descendo exatamente um quarto a segunda coluna da primeira página um anúncio de casamento contendo o nome *Charles John Workman*. Isso satisfez o teste, meu nome sendo Charles, e o de meu pai, John. Então olhei na coluna correspondente do jornal em muitos dias antes daquela semana, mas isso não mostrou outra conjunção de nossos nomes.

'Na primeira coluna, e muito em linha com o acima, há um endereço mencionado que o seu pai conhece bem; ele conhece a cidade e a localidade.'

Encontrei na coluna 1, nivelado exatamente com os nossos nomes na coluna 2, o endereço *Ventnor, I.W.* Este era o único endereço satisfazendo a descrição, e ele respondia ao teste com perfeição; pois meu pai trabalhou na ilha, e visitou Ventnor com frequência no dever profissional.

'Agora uma tentativa de clarividência no plano físico. Ele acha que próximo a isso há uma palavra parecendo Loo ou Loos.' (Achando isso muito vago, perguntei se o verbo 'to lose'[34], ou o adjetivo 'loose'[35], era o que se queria dizer). 'É mais como o nome de uma cidade, ou mesmo de uma pessoa.'

Eu mentalmente concluí que se essa palavra lá estivesse, ela provaria ser French Loos, que se ouviu durante a guerra. Ao discutir a probabilidade disso com um amigo aquela noite concluímos que, se tal nome aparecesse naquela parte do jornal na manhã seguinte, isso seria um item evidencial notadamente bom para uma inteligência supranormal. Para a minha considerável surpresa, eu descobri, em uma notícia de 'Casamento Dourado' seguinte e próximo aos nossos nomes 'Charles John' na coluna 2, que alguém vivendo na *Loose Court* se casara na Igreja de *Todos os Santos, Loose.* Assim soube pela primeira vez o facto de que uma vila Kentish tinha esse nome. Dificilmente pode-se supor que a aparição de um nome tão incomum na exata posição descrita no dia seguinte é atribuível ao acaso.

24 de outubro de 1919, às 15h

Nesta sessão recebi 8 testes para verificar no *Times* do dia seguinte. Desses houve 5 corretos, 2 inconclusivos e 1 fracasso.

'No *Times* de amanhã, primeira página, coluna 2, e mais perto do topo, antes de um quarto para baixo, está o nome do seu Tio Alfred.'

Eu perguntei se os seus três nomes estariam lá, e foi-me dito para buscar por apenas dois. Ao inspecionar o *Times* da manhã seguinte, descobri que o nome *Alfred* estava a 7,5 centímetros do topo da coluna 2, e o nome *William* imediatamente abaixo dele. Embora fosse do meu conhecimento que o segundo nome de Alfred começava com W, eu não acho que cheguei a saber seu significado, e tive de consultar os registros da família antes de descobrir que seu nome completo era Alfred William Thomas. Ficou evidente que o meu comunicador sabia mais sobre Alfred do que eu mesmo, e ficou igualmente claro que ele possuía um conhecimento superior do conteúdo do jornal do dia seguinte. Respondendo à minha questão quanto à fonte do seu conhecimento, respondeu que foi ao escritório do jornal e selecionou os testes o melhor que pôde das preparações incompletas para o jornal, e 'havia acabado de chegar de lá'. O facto de que ele alega ser o irmão de Alfred tem um peso interessante sobre o seu conhecimento dos nossos nomes familiares.

'Quase como se em conjunção com o antecedente está o nome de uma conexão nossa por casamento.'

---

[34] O verbo *to lose* significa 'perder'. (N. T.)

[35] O adjetivo *loose* pode significar relaxado, folgado, entre outras possibilidades. (N. T.)

À primeira vista isso pareceu oferecer uma variedade ampla de escolha, mas a busca descendo a coluna revelou apenas um nome preenchendo os requisitos do teste, e este estava a apenas 5 centímetros de Alfred. Em nenhuma das colunas pôde outro ser achado; havia apenas um, e esse um próximo a 'Alfred', *o nome de uma família a quem estamos ligados pela esposa de Alfred*.

> 'Enquanto ele olhava, viu um anúncio três ou mais vezes maior do que a média.'

O comprimento médio desses anúncios era de 4 a 5 linhas, e era verdade que a 10 centímetros de 'Alfred', e a apenas 5 centímetros do nome de nossa conexão familiar, estava o mais comprido de todos, não menos do que 15 linhas.

Os três testes acima estão bem próximos, como se uma pequena porção do jornal houvesse sido tirada e vasculhada por testes adequados dentro de seus estreitos limites. Uma experiência prolongada desses testes mostra que esse é frequentemente o caso; algumas vezes os testes estão dispersos, mas normalmente há um aglomerado em um ponto.

Eu tomei a precaução de procurar no *Times* do dia anterior, mas não encontrei uma única referência correta; elas estavam apenas corretas para o dia declarado.

O teste seguinte foi dado na mesma ocasião, e é interessante por sua continuação em uma sessão subsequente.

> 'Vire duas páginas e olhe no topo da quinta, em algum lugar por volta do meio ou digamos, entre a terceira coluna e a meio caminho. Lá no topo é mencionado algo que ele gostaria muito de lhe dar, e você acharia aceitável.' Aqui Feda pareceu estar confusa sobre a palavra 'artigo'. Ela o mencionou inquisitivamente, então hesitou e disse que ele se referia ou a um artigo de jornal, ou 'uma coisa', mas ela não sabia qual. Finalmente desistindo, ela pronunciou a palavra 'financeiro', e concluiu seus esforços com as palavras, 'Financeiro, uma soma de dinheiro.'

Isso me deixou no escuro quanto ao que se queria, até que ao inspecionar a página 5 na manhã seguinte, no topo da quarta coluna eu vi um cabeçalho em realce que incluía as palavras 'Compra de Investimentos'. Tendo uma considerável soma de dinheiro no banco, esperando para ser investida em uma propriedade de confiança, minha mente esteve muito ocupada com investimentos. Eu visitei meu corretor apenas 3 horas antes, enquanto passava por Londres em meu caminho a Datchet, onde esta sessão ocorreu. Imagina-se se a confusão de Feda sobre a palavra 'artigo' surgiu de sua imaginação que fosse algo adequado para um presente, enquanto meu pai tentava informá-la de que ele pensava em um *artigo sobre finanças*?"

A SEQUÊNCIA PARA O ACIMA

Na sessão seguinte Feda reintroduziu o assunto dizendo 'Ele quer saber sobre os últimos testes. Você descobriu sobre o presente que ele gostaria de dar a você?' A isso respondi, 'Sim, era algo particularmente apropriado. Feda continuou, 'O que ele quis

dizer com “Ligando para alguma coisa”? Isso não se relaciona a ele mesmo, não é o teste, mas algo aconteceu só então fazendo um elo curioso. Ele disse que era mais apropriado ligar no caminho.’ A última observação foi significante; pois eu não dei informações sobre o assunto, minha única observação tendo sido a resposta dada acima. Concluí que, enquanto meu pai e eu entendemos a alusão, Feda permaneceu ignorante do seu significado.

Que eu tivesse ligado para o meu corretor e feito um investimento por volta do meio dia, e então prosseguido para Datched para ser dito, por meio dessa referência ao *Times* do dia seguinte, que meu pai teria gostado de me dar um investimento, foi notável demais para uma coincidência. Pode valer a pena adicionar que, na conclusão do negócio, falei com o corretor sobre o filho dele, morto na guerra, e fiz alguma referência quanto à possibilidade de comunicação. Não seria possível que minha forte corrente de pensamento, então voltada por uns poucos minutos a experiências de comunicação com meu pai, possa ter atraído sua atenção e levado-lhe algum conhecimento dos meus arredores e do negócio que me levou àquele escritório? Ele teria cerca de 3 horas para procurar por uma referência apropriada entre as preparações para o jornal do dia seguinte. Que pudesse ter havido um conluio entre o corretor e a médium é praticamente impensável; o primeiro foi enfático em expressar sua descrença na possibilidade de comunicação.

NOTA SOBRE OS TESTES DE JORNAL DE 10 E 24 DE OUTUBRO DE 1919

Eu tive a precaução de chamar um amigo cético, e dar-lhe uma cópia dos testes em meu caminho para casa dessas sessões, assim protegendo a evidência caso a precisão quanto às datas e horas fosse posta em dúvida. Percebendo por esta época que esses testes eram prováveis que continuassem, iniciei, como disse antes, a fazer cópias duplicatas, enviando a segunda por correio na mesma noite ao secretário da Sociedade para a Pesquisa Psíquica. Assim duas pessoas tinham cópias desses testes antes de os jornais do dia seguintes serem publicados, e isso me protege contra deslizes da memória e acusações de imprecisão.

As notas enviadas à Sociedade para Pesquisas Psíquicas, 20 Hanover Square, Londres, W. I., foram preservadas, e por cortesia do secretário podem ser inspecionadas.

4 de dezembro de 1919, meio-dia

Foram oferecidos 5 testes para averiguação na primeira página do *Times* do dia seguinte.

Resultado: 3 Corretos; 2 Inconclusivos.

Esta sessão ocorreu mais cedo do que a maioria, e uma das primeiras observações feitas referente aos testes foi que eles eram selecionados quando as preparações para a edição do dia seguinte no escritório do *Times* ainda não haviam progredido como de costume. Recordando isso, a diferença na posição declarada no teste a seguir é especialmente interessante.

> ‘Na página 1 e coluna 1, a cinco centímetros do final, ele achou ter visto o nome Hutchinson por clarividência.’

Primeiramente escrevi o nome como Hutchison, mas ao soletrá-lo alto foi-me dito para inserir um ‘n’ após o ‘i’, fazendo Hutchinson. Procurando na manhã seguinte no local informado, não pude encontrá-lo, mas ao ir do final da primeira coluna ao topo da segunda, achei-o lá na forma corrigida, *Hutchinson*. A chegada de uns poucos anúncios de nascimento e casamento mais seria suficiente para explicar a mudança de posição desta notícia.

3 de setembro de 1920, às 15h45m

Houve 6 testes dados para averiguação na primeira página do *Times* do dia seguinte.

Resultado: 4 Corretos, 2 Inconclusivos.

> ‘Quase na metade da coluna 1 da primeira página há um nome — coloque isso de outro modo — ele é fortemente lembrado de condições americanas. Há duas palavras em linhas diferentes que o lembram da América.’

A uns 3 centímetros do topo da metade inferior da coluna 1 aparece o nome *Hudson*, e isso é repetido na linha seguinte. Feda inquestionavelmente usou as palavras ‘em linhas diferentes’, mas em minhas cópias das notas enviadas àquela noite para a Sociedade para Pesquisas Psíquicas, eu parafraseei para ‘em modos diferentes’, porque isso foi o que supus querer dizer com ‘linhas diferentes’. Foi uma surpresa descobrir na manhã seguinte que ‘linhas diferentes’ eram linhas de impressão. Este é um de muitos incidentes mostrando o quão inteiramente independente da mente do consulente é o planejamento desses testes.

O seguinte é de minha irmã que, tendo se juntado a meu pai alguns meses antes, já havia começado a frequentar essas sessões com ele, tomando uma parte crescente nos experimentos.

> ‘Sua irmã disse que ela achou ter visto clarividentemente, em algum lugar da coluna 2, um endereço na Itália. Ela quer saber se ela já é realmente clarividente.’

Na porção mais baixa da metade superior da coluna dois aparece *La Mortola*, *Ventimiglia*, *Itália*.

10 de dezembro de 1920, às 17h57m

Dez testes foram fornecidos para averiguar na primeira página do *Times* do dia seguinte.

Resultado: 6 Corretos; 2 Inconclusivos; 2 Fracassos.

> ‘No *Times* de amanhã, coluna 2 da primeira página e próximo ao topo, ele acha que a uns 3 centímetros, está o nome de um amigo, um homem, a quem você ajudou recentemente.’

Lá havia precisamente *Leslie*. Recentemente discuti livros e outros assuntos com o Sr. Leslie Curnow e, apenas uma semana antes, passei uma noite em seus aposentos para estudar alguns problemas psíquicos os quais ele foi gentil o suficiente para pedir minha opinião.

> ‘Muito próximo, quase em conjunção com ele, está outro nome que será uma pista adicional para ele.’

Perpendicularmente acima o nome Leslie, e separado somente por uma única linha, estava *Queen Square*. Como o Sr. Curnow está na equipe do *Light*, cujos escritórios estão na Queen Square, isso é conclusivo; especialmente porque raramente me encontro com ele fora deste endereço. Mas como ambos os nomes acima estavam incorporados na seção intitulada 'In Memoriam', pareceu necessário descobrir se eles apareceram lá na mesma data no ano anterior. Eu descobri que enquanto *Leslie* lá esteve 12 meses antes, *Queen Square* não.

'Descendo cerca de três quartos na coluna 1 estão os nomes de dois parentes de sua esposa, a quem ele vê frequentemente no outro lado.'

Logo acima de três quartos desta coluna aparecem os nomes *Emilie Mary*. A irmã de minha esposa se chamava Emily, e a mãe dela Mary. Ambas enviaram com frequência mensagens para ela nessas sessões.

04 de fevereiro de 1921, às 18h20m

Dez testes foram oferecidos para averiguação na primeira página do *Times* do dia seguinte.

Resultado: 5 Corretos; 4 Inconclusivos; 1 Fracasso.

'No *Times* de amanhã, coluna 2, página 1, e descendo um quarto, há um nome de santo que pertence a um membro da minha família, não é John. Seu proprietário está comigo, e o vejo frequentemente.'

Descendo um quarto está *James*, o nome do tio do meu pai, que morreu em 1879. Eu incluo este pequeno teste porque ele serviu como um marco de referência para o seguinte.

'Muito próximos existem dois nomes sugerindo fortemente Catolicismo Romano.'

A menos de 5 centímetros acima de James aparecem os nomes *Costa Ricci*, e imediatamente acima de Ricci estão as letras R.I.P. O nome Ricci está bem ligado aos jesuítas, Lorenzo Ricci tendo sido General da Sociedade em 1759 e proeminente em atividades que culminaram em sua expulsão da França. Matteo Ricci, 1552-1610, foi um proeminente jesuíta missionário à China, e houve outros. Costa foi o célebre pintor italiano cujo quadro 'The Madonna and the Child Enthroned' está na Galeria Nacional. As letras R.I.P próximas a esses dois nomes completam a sugestão. Provavelmente ninguém familiarizado com a história da Igreja Romana falharia em ser lembrado disso por tal conjunção. Meu pai fez um estudo cuidadoso da história dos jesuítas.

'Na coluna 1, e logo acima da metade, está o nome de alguém que lhe escreveu recentemente; ele não é um parente e seu pai não o conheceu quando vivo. Ele se interessa por assuntos psíquicos. Seu pai sente que esse cavalheiro irá lhe escrever novamente muito em breve.'

A apenas 5 centímetros da metade da coluna 1 está o nome *Manta*. Será objetado que Manta não é Mann. Entretanto, incluí este teste por sua sugestividade; porque eu

tenho um amigo chamado Mann, cuja descrição se encaixa perfeitamente. Ele escreveu várias vezes antes sobre questões psíquicas, e *apenas quatro dias após a sessão recebi outra carta dele*.

Em várias ocasiões, quando a palavra requerida não estava presente na página, meu comunicador selecionou, como no exemplo precedente, outro que se aproxima no som ou na escrita daquele que ele precisa.

> 'Ao final da coluna 1 está o nome do seu Tio Alfred, e perto estão certas palavras que se referem à sobrinha dele, 'E', não um nome, mas palavras.'

A doze centímetros do final dessa coluna aparecem os nomes *William Thomas*, o nome completo do meu tio sendo Alfred William Thomas. Três centímetros abaixo disso está a notícia de uma morte por *falha do coração*, que se conecta com a morte recente de sua sobrinha 'E' por falha do coração após uma operação.

CAPÍTULO XIX

O SIGNIFICADO DOS TESTES BEM SUCEDIDOS E NOTA SOBRE PSICOMETRIA

O SIGNIFICADO DOS TESTES BEM SUCEDIDOS

EM uma revisão das mensagens de teste apresentadas para consideração nas páginas anteriores, provavelmente será acordado que — nenhuma teoria de colusão, nem coincidência, podem ser suficientes para explicar a maneira como elas foram verificadas pelo *Times*. A relevância dos nomes encontrados na parte indicada desse jornal para o dia seguinte, sendo clara e precisa em sua maior parte, não requer nenhuma leitura engenhosa de significados que não estivessem na superfície.

Os exemplos fornecidos são apenas uma pequena fração do número recebido nos últimos dois anos, alguns dos quais foram retirados de outros jornais, além do *Times*, e alguns também de revistas anteriores à data de publicação.

Este tipo de evidência é nova e representa um desejo por parte de seus criadores de produzir resultados ainda mais impetuosos e conclusivos do que as correspondências cruzadas e testes de livros que, há alguns anos, o precederam, resultados que não podem ser atribuídos ao exercício de qualquer poder conhecido da mente humana, subliminar ou não.

Suponhamos que a médium tenha tal desenvolvimento de habilidade clarividente que lhe permita vagar à vontade, e em plena consciência, em torno dos escritórios e departamento de impressão do *Times*. Desta forma, ela poderia verificar se certos nomes apareceriam no jornal de amanhã, mas como isso a ajudaria a estimar a posição provável em que esses nomes apareceriam? É verdade que, se houvesse avisos de nascimento de famílias cujas letras iniciais fossem A, B ou C, seria seguro supor que esses avisos estariam na parte superior da coluna 1, onde esses são invariavelmente colocados. Mas essa suposição não nos ajuda muito, já que meu comunicador mostrou preferência pela segunda coluna e deu comparativamente poucos nomes da parte superior da primeira.

Continuando a nossa suposição e assumindo que a médium observa que um determinado anúncio já está organizado para alguma posição definitiva, como podemos imaginar o processo pelo qual ela descobre que um nome neste parágrafo pode ser vinculado a um evento na vida de meu pai?

Tendo descoberto que o nome Leek (veja a página 146) apareceria na coluna 2, por que método devemos supor que a médium soube que o nome Goodwin seria colocado perto dele, embora na primeira coluna? E, além disso, como ela sabia que esse nome poderia ser usado para indicar alguém a quem minha irmã e eu costumávamos conhecer há mais de quarenta anos?

Caso se sugira que a relevância de Leek e Goodwin foi extraída da minha própria mente, pode ser perguntado em resposta: 'De quem foi a inteligência que realizou a façanha?' Nem essa sugestão de exploração das lembranças do consulente explica ocasiões em que o nome no jornal do dia seguinte foi vinculado com factos desconhecidos ao consulente e só descobertos por ele ao fazer consultas subsequentes.

O facto notável é que os nomes sendo organizados em um lugar na imprensa do dia seguinte foram corretamente indicados quanto à posição e, em seguida, ligados a incidentes que às vezes eram e às vezes não eram conhecidos ao consulente. Isso foi feito com muita inteligência. *De quem a inteligência conseguiu o feito?* Se selecionado de minha própria mente — Quem fez tal muito judiciosa seleção? Se dissermos que foi a médium quem fez, temos que assumir habilidades para as quais não temos provas e passar para a região da pura adivinhação. A fraude consciente está fora de questão nestes casos, e de uma inteligência subconsciente suficiente não temos provas.

Uma Consideração dos Poderes Necessários para a Composição de Testes de Jornais Bem Sucedidos

Difícil como se provou imaginar qualquer extensão de faculdades humanas conhecidas pela qual a médium poderia ter produzido os testes de livro, fica ainda mais difícil quando tentamos supô-la a autora dos testes de jornal e, sobretudo, daqueles que contêm provas internas da identidade de meu pai.

Será lembrado (ver Capítulo IX) que descobrimos as seguintes habilidades necessárias para a produção dos testes do livro: —

1. Tal grau de clarividência que permitiria fazer observações minuciosas em lugares distantes e manter a lembrança das coisas vistas.
2. Capacidade de extrair o significado geral de páginas impressas em casas distantes.
3. E fazer isso apesar do facto de que os livros em questão não estão abertos no momento.

Para o qual, para a produção de mensagens de livros particulares e pessoais, foi necessário adicionar: —

4. Capacidade de obter conhecimento de acontecimentos no lar e na vida privada do consulente relacionado tanto com o presente quanto com o passado distante.

5. Uma inteligência que sabe como escolher dentre os nossos anfitriões de memórias os itens adequados para associação com a passagem do livro, ou inversamente, de encontrar uma passagem adequada para a memória particular pescada dos abismos de nossa mente.

Esta é uma lista formidável de requisitos e parece ridícula se não fosse compilada na tentativa de explorar as possibilidades de uma explicação alternativa. Os factos nos desafiam. Eles devem ser explicados. Eles foram repetidamente produzidos. Por quem? Somente por aqueles que possuem e exercitam as habilidades listadas acima. A sugestão de truque ou colusão foi descartada do tribunal; é impossível. A Sra. Leonard possui as faculdades necessárias? Apenas uma pessoa imaginativa e crédula ousaria afirmar isso; nenhum poder físico ou mental conhecido pela ciência poderia realizar o que foi repetidamente feito. As próprias mensagens muitas vezes afirmam, e invariavelmente assumem, que seu autor está na vida espiritual.

A AUTORIA DOS TESTES DE JORNAL

Deixe-nos agora aventurar-se no exame da suposição de que os testes de jornal são produzidos por algum fragmento indescritível da personalidade da Sra. Leonard.

A fraude e a colusão estão aqui ainda mais excluídas do que antes. Se um espírito não é o autor, então a Sra. Leonard deve ser. Nesse caso, devemos acrescentar ainda a lista hipotética de suas habilidades: —

6. Poder para obter informações sobre os nomes que devem aparecer na imprensa do dia seguinte.
7. E um conhecimento de suas posições aproximadas na página.
8. Poder para verificar muitos detalhes da vida terrestre do meu pai, incluindo alguns que me eram desconhecidos e apenas verificáveis ao inspecionar seus diários ou questionando os parentes.

Devemos lembrar que o jornal não está na máquina tipográfica na hora em que esses testes são fornecidos e que os nomes em questão só podem ser vistos com várias folhas de papel distribuídas entre os operadores nas salas de impressão. Como esses nomes são examinados, e como são estimadas suas posições finais, posições que não assumirão por algumas horas após o término da sessão? Nós somos totalmente ignorantes de qualquer poder humano, seja de pessoas normais ou hipnotizadas, pelo qual isso possa ser realizado.

Mas o clímax da proeza envolve aqueles testes em que memórias antigas relacionadas ao meu pai são incorporadas. Podemos imaginar qualquer habilidade pela qual a Sra. Leonard poderia efetivamente sondar as memórias de minhas relações — várias das quais há pessoas que ela nunca viu — e selecionar incidentes apropriados a partir daí? Os diários do meu pai, que sempre foram firmemente fechados a chave e cadeado, oferecem algumas sugestões que me ajudaram a verificar os testes; podemos supor que algum fragmento da personalidade da Sra. Leonard descobriu sua localização e, assim, os leu para perceber a relevância de suas alusões à matéria, posteriormente conectadas por uma associação inteligente e verificável com nomes de pessoas e lugares que aparecem no *Times* e no *Telegraph* no dia seguinte às sessões?

Tais tentativas nos levam aos reinos da imaginação, onde deixamos bem para trás de nós todos os factos provados e as experiências relacionadas aos poderes humanos, físicos ou mentais.

A explicação dada pelo meu comunicador é simples e de acordo com tudo o que foi descoberto quanto à possível interação da inteligência espiritual com a vida mundana.

Nem os testes de livros e jornais são a única prova fornecida. Todas as minhas sessões abundam em referências a tais ações e ambientes que não seriam conhecidos da Sra. Leonard normalmente, também com referências à vida terrestre do meu pai; além disso, *elas incluem uma ampla gama de toques indescritíveis que são irreproduzíveis na impressão fria, mas em que vejo a personalidade do meu pai, que eu conheci tão bem durante sua vida na Terra, soar verdadeira*.

Nossa busca por uma explicação alternativa falha, a da ação espiritual permanece sozinha no campo.

Passemos então a outra fase do inquérito e perguntamos se Feda, o controle da Sra. Leonard, representa a inteligência pela qual essas mensagens de teste são planejadas? Nós já assumimos, por razões de argumento, que a habilidade clarividente da Sra. Leonard a habilita a andar à vontade, onde os preparativos para o *Times* do dia seguinte estão em andamento; mas vamos agora supor que Feda pode fazer isso, e que ela verifica a posição provável de inúmeros nomes. Isso explicaria uma mensagem como a aparição do nome 'Loose' na coluna designada, embora, em nossa suposição, se esperasse que Feda fizesse um trabalho mais preciso na transmissão de nomes do que ela geralmente faz; pois, neste caso, não haveria essa responsabilidade para o erro na transmissão de um nome entre o comunicador e Feda para o qual há provas constantes. Digamos que Feda vê o nome e resolve surpreender o consulente ligando-o às próprias reminiscências dele; sua tarefa seguinte seria explorar a memória dele para o material adequado. Um controle pode fazer isso?

Um conhecimento imperfeito com o poder da psicometria[36] é capaz de desconcertar o investigador inexperiente. Ele descobre que um psicometrista, ao segurar na mão algum objeto de seu guarda-roupa, pode lhe contar vários assuntos relacionados às suas ações passadas. Ele não tem meios de perceber o ponto em que o psicometrista passa para a recepção de informações de inteligências superiores, e ele pode facilmente cair no erro de assumir que uma boa sensitiva pode, por contato com algo de sua propriedade ou pessoa, como quando lhe segura a mão, 'contar-lhe todas as coisas que ele já fez'. Não é assim, e o sensível inteligente seria o primeiro a admitir isso.

Certas impressões fugazes, muitas delas curiosamente precisas, podem ser adquiridas pela faculdade psicométrica; mas isso não deve ser confundido com qualquer poder como a exploração à vontade da mente e da memória do consulente. O psicometrista toma o que vem e é limitado em sua escolha; se ele pudesse segurar minha mão e dizer a si mesmo: 'Eu desejo saber a conexão que essa pessoa pode ter com Leek', e então recebe da minha memória os nomes dos meus amigos, é uma questão para a qual apenas a experiência prolongada pode fornecer uma resposta. Não conheço esses resultados.

[36] Veja a nota sobre psicometria ao final do capítulo.

Mas se um médium *pudesse* fazer isso, assumiríamos que Feda o faria ainda mais facilmente. Até o presente todas as minhas experiências com Feda não conseguiram encontrar nela qualquer rastro de habilidade para explorar meus pensamentos ou reproduzir minhas memórias; a evidência toda aponta para o outro lado. Vou restringir-me a um incidente ilustrativo. Meu amigo, o Sr. G. Bird, conhecia meu pai muito bem e, ao saber que eu acreditava estar em comunicação com ele através da Sra. Leonard, pedi-me que tentasse o seguinte teste. 'Lembro-me', disse ele, 'que o Sr. Thomas conheceu um visitante em nossa casa. Anos depois, quando nos mudamos para Londres, seu pai veio nos ver, e olhando o nosso álbum se deparou com a fotografia do visitante de quem eu lembro. Ele fez uma observação curiosa, e é possível que ele, caso você lhe pergunte, se recorde o que era incomum neste contexto.' Eu prometi repetir isso ao meu comunicador e perguntar-lhe o que ele podia lembrar da circunstância.

Agora, o ponto inteiro deste incidente reside no seguinte facto, sobre o qual eu não disse nada ao Sr. Bird até que o experimento foi concluído. Lembrei-me claramente disso, por volta da época aludida pela primeira vez, havia uma senhora de cor visitando o Sr. e a Sra. Bird, e como ela era uma amiga deles, parecia mais do que provável que no álbum deles houvesse uma foto dela. Eu acreditava totalmente que a observação que se esperava que meu pai lembrasse se revelasse relacionada com a cor da senhora, e quando, através da Feda, perguntei se ele poderia reviver essa memória do álbum, eu esperava obter a resposta: 'Ela era negra.'

Nada do tipo aconteceu; o comunicador sabia muitas coisas sobre o Sr. Bird e sua casa antiga, mas não conseguiu se lembrar da observação trivial sobre a fotografia ou mesmo distinguir o visitante particular perguntado. Se Feda estivesse 'lendo a minha mente', ela poderia ter obtido um resultado impressionante, o qual, por mais que me enganasse quanto à presença e à memória de meu pai, teria demonstrado a capacidade de aproveitar o pensamento proeminente na mente do consulente no momento, um pensamento que também esteve forte comigo por vários dias anteriores. Então eu esperava que essa experiência forneceria a palavra 'negra', que escrevi em antecipação e o motivo disso, e entreguei isso em um envelope fechado ao Sr. Bird antes de ir à médium.

Feda sempre falhou na tentativa de chegar ao meu pensamento. Em conversas com ela sobre este ponto, eu percebi que, ao começar seu trabalho como controle com a Sra. Leonard, ela tirava algumas impressões do consulente, além de mensagens de comunicadores espirituais. Ela, no entanto, logo instruiu que era dever de um bom controle discriminar e recusar constantemente todas as impressões que emanavam do consulente. Assim, alguém suspeita que, com uma qualidade inferior de mediunidade, ou quando um controle não é experiente e cuidadoso, os consulentes podem ocasionalmente receber certa quantia de suposta 'matéria evidencial' que tem origem em si mesma e não na mente de amigos espirituais.

É uma das complicações do nosso assunto, e é digno de uma investigação cuidadosa. Eu não acho que isso resulte em algo pior do que um mal-entendido parcial por parte de inexperientes consulentes que, talvez muito facilmente, assumam que todas as 'evidências' são igualmente valiosas, desde que se possa provar que as informações recebidas não poderiam ter vindo normalmente antes da notificação do sensitivo. Pois seria de facto uma sessão pobre em que tal psicometria, seja feita pelo sensitivo ou pelo controle, não se misturasse com mensagens emanando de fontes superiores. O

desentendimento dos dois fluxos de conhecimento fornece um trabalho saudável para esse julgamento sensato e equilibrado que deve proteger o inquiridor no lado mental, ainda que um coração puro e uma aspiração piedosa o protejam no espiritual.

Da digressão acima, retornamos à questão da origem das nossas mensagens do *Times*. Estou convencido de que a fraude, consciente ou inconsciente, por parte do médium ou do controle, não poderia explicar os factos; e que nenhuma suposta extensão de clarividência ou de outras faculdades na médium, nem de 'pesca' pelo controle na mente do consulente, pode nos ajudar a resolver o problema. Eu comparei todas as explicações sugeridas, até onde sei, com a minha experiência de mensagens de jornal, estendendo-se por um período de dois anos, e não conheço nenhuma, exceto uma, que cubra mais do que a periferia externa da evidência. *Que meu pai liga suas memórias passadas com a matéria descoberta em preparação para a imprensa do dia seguinte é a única explicação logicamente adequada aos factos.*

Que a crítica cautelosa deve esforçar-se para esgotar todas as possibilidades de explicação antes de aceitar essa crença não é motivo de reclamação.

É certo e sábio, e se gostaria de tê-la assim. Mas a evidência precisa ser considerada *em sua totalidade*: as chamadas explicações que não levam em conta os factos mais difíceis, ou as teorias que dependem da crença em pressupostas habilidades subconscientes para as quais não temos provas, são apenas obstáculos colocados no caminho do avanço do conhecimento. Quando as verdadeiras inferências foram extraídas dos factos, é possível proceder de novo, aproveitando o conhecimento conquistado para resolver outros problemas e, assim, aumentar a luz sobre o significado da vida e a interação dos reinos dos espíritos e terreno.

Aqueles cujas mentes são, por constituição ou treinamento, lógicas e cautelosas, estou ciente, acham mais fácil compartilhar minha convicção se pudessem conceber os métodos pelos quais esses testes de jornal são realizados. Muitas vezes me perguntam se o comunicador não explica como a coisa é feita? Minha própria curiosidade sugeriu muitas perguntas, e meu pai nunca se cansou em seus esforços para elucidar, na medida do possível, seus métodos para obter os testes. Fragmentos dessas conversas são registrados no próximo capítulo. Ele se representa como um experimentador, aprendendo pela experiência como realizar com sucesso um esquema concebido por um grupo de mentes mais velhas e mais avançadas para o benefício daqueles que estão se esforçando seriamente para entender. Este grupo, percebendo o quão desconcertante é a nossa incerteza sobre a possível extensão da habilidade telepática e o grau em que este poder humano pode representar muitos dos fenômenos da mediunidade, inventou diversos métodos para nos ajudar a eliminar esse elemento. Os testes de livro eram muito mais difíceis de explicar por qualquer extensão imaginável da telepatia do que alguns dos fenômenos que os precediam; e agora as mensagens de jornal foram planejadas para levar esse processo de eliminação um passo adiante.

NOTA SOBRE PSICOMETRIA

A psicometria é descrita pelo Sr. J. Arthur Hill como 'A recolha de informações sobre a história de um objeto ou de seu dono, por tocá-lo'. Ele acrescenta: 'A coisa é um facto, mas como ela ocorre é desconhecido, mesmo para o psicometrista'.

Na *Encyclopædia of Occultism* de Spence, ela é definida como se segue: ‘A faculdade de ler as características, os arredores, etc., de pessoas, segurando na mão pequenos objetos que elas tiveram em sua posse’.

Uma breve descrição da minha primeira experiência desse poder pode iluminar o tema. Tendo sido apresentado a uma senhora que foi dita dar informações sobre as pessoas, tocando emsuas cartas, pedi permissão para colocar isso à prova. A senhora, que é a esposa do prefeito de uma importante cidade provincial, prontamente aceitou, e entreguei-lhe uma carta recebida alguns anos antes de um amigo que havia morrido. A carta que, dificilmente preciso dizer, ela não tentou ler, não fazia referência à saúde dele. Em primeiro lugar, recebi uma descrição apropriada de seu caráter pessoal, e então veio essa frase: ‘O escritor tem um espírito forte em um corpo frágil; de facto, seu domínio sobre a vida física é tão leve que ele deve cuidar especialmente para que ele não se afaste de seu revestimento corporal antes do devido tempo. Isso parecia suficientemente preciso para justificar uma experiência adicional, que eu pedi e recebi permissão para fazer.

Na próxima reunião desta senhora na casa de um amigo comum, vim preparado com quatro cartas que foram colocadas em envelopes idênticos. Estes foram entregues a um assistente, que foi convidado a selecionar um do pacote e passar para a psicometrista. A carta não foi examinada pela última, mas pressionada contra a testa durante a apresentação da descrição. Deslocando-me para o outro lado da sala, sentei-me de costas para os outros e escrevi o que era dito. Quando a primeira carta foi psicometrizada, ela foi restituída ao seu envelope e um número marcado a lápis sobre ele, correspondente ao número encabeçando as minhas anotações. Este método evitou o meu conhecimento, durante o progresso do experimento, de qual carta estava sendo psicometrizada. A segunda e a terceira foram tratadas de forma semelhante. Assim, obtive três descrições psicométricas sem saber quais cartas estavam sendo tratadas. Somente no final do experimento foi possível emparelhar as cartas com suas descrições.

Os resultados, embora não inteiramente corretos, foram suficientemente impressionantes:

1. O escritor da carta número um foi considerado artístico em um grau incomum. Isso era verdade; ela é uma cantora profissional e uma desenhista amadora extraordinariamente talentosa.
2. A carta número dois foi escrita por alguém que estava frequentemente em um lindo jardim contendo uma grande área de água decorativa. Isso também estava correto; seu escritor vivia naquela época em uma mansão que ficava em seu parque e com extensos jardins de variedade e beleza incomum, incluindo um lago de barco. Apenas dois dos meus amigos tinham um lago em seus terrenos, e esse era um deles.
3. A terceira carta teria sido escrita por uma pessoa excessivamente cansada. Por alguns instantes, a psicometrista não pôde dar mais informações e expressou o medo de que a sensação de cansaço evitasse a recepção de impressões adicionais. No entanto, ela acrescentou (e isso pareceu ilógico) que o escritor parecia ser um menino na escola. Eu descobri, ao comparar as cartas, que isso veio de um jovem sobrinho, então, no Colégio Dover, e eu me perguntei se um vislumbre casual da letra infantil poderia ter sugerido a ideia de que o escritor fosse um estudante; mas não havia nada para explicar a referência ao cansaço, que concluí que deveria estar errada. Não foi até contar esta experiência na casa dele que eu aprendi sua aplicabilidade. Meu sobrinho me

surpreendeu exclamando: ‘Isso é perfeitamente verdade. Eu sempre escrevo minhas cartas quando estou muito cansado para fazer qualquer outra coisa. Eu vim da tarde do futebol e escrevi para você antes do chá.’

Eu não gostaria de basear um argumento em dados tão escassos, mas ofereço o acima para ilustrar as definições dadas da Psicometria. Um dos primeiros e provavelmente ainda um dos melhores livros sobre o assunto é o intitulado *The Soul of Things*, escrito pelo professor Denton em 1884, que, descobrindo que sua esposa e filho possuíam o poder, fez um experimento prolongado. É desejável que outros conduzam experimentos igualmente cuidadosos com essa faculdade evasiva.

A Sra. Leonard fez poucas tentativas em psicometria, e essas poucas não lhe incentivaram para continuar naquilo para o qual ela aparentemente não tem habilidade.

Parece seguro assumir que nenhum poder psicométrico na Sra. Leonard, mesmo que ela segure a mão, o que ela não faz, poderia explicar a informação que era incognoscível no momento pelo consulente e posteriormente mostrada correta.

Além disso, é difícil ver por que, supondo que a Sra. Leonard possa obter a matéria adequada da minha mente, ou psicrometricamente da minha pessoa, há muitas vezes uma dificuldade insuperável em dar nomes e outros itens simples que me são familiares. É uma experiência curiosa, depois de ter recebido referências corretas para páginas de livros espalhados pela biblioteca, ouvir o controle que se esforça para soletrar um nome que eu conheço como sendo aquele inevitavelmente requerido para preencher uma descrição explícita. Esses esforços geralmente não conseguem ultrapassar a letra inicial do nome requerido; nem minha concentração sobre esse nome parece tornar as coisas mais fáceis. Muitas vezes, durante esses episódios, pareceu que as coisas que *não são do meu conhecimento* são mais facilmente transmitidas do que as coisas que eu conheço. Essa falha frequente na obtenção dos nomes e informações bem conhecidas, na hipótese psicométrica de testes de livro, seria um fenômeno a exigir explicação.

Esta pequena nota sobre a psicometria pode se aproximar com o seguinte extrato do livro de Sir William Barret, *Psychical Research*, página 198:

‘Certos sensíveis são ditos poder detectar, ou ‘psicometrizar’, como eles chamam, a influência deixada em objetos materiais usados por uma pessoa ausente ou falecida. Seja este o caso ou não, há alguns fenômenos surpreendentes e bem atestados relatados pelos antigos mesmeristas que aparentemente indicam que alguma influência específica é deixada em um objeto material pelos passes de um mesmerizador. As objeções científicas a uma efusão específica talvez não sejam tão formidáveis agora que estamos familiarizados com certos factos físicos e psíquicos que teriam sido considerados absolutamente incríveis há um século.’

CAPÍTULO XX

TESTES DE JORNAL COMO VISTOS DO OUTRO LADO

FOI em outubro de 1919 que ouvi falar de testes de jornal, um do *Morning Post* que me foi mostrado por amigos que eu tinha apresentado à Sra. Leonard. Na minha próxima sessão, Feda começou a falar sobre isso, e declarou que meu pai sugeriu isso ao comunicador, e agora estava preparado para me dar um do *Times*. As observações que vieram foram, em substância, as seguintes:

> 'Esses testes foram inventados por outros em uma esfera mais avançada do que a minha, e eu peguei suas ideias. Isso pode ser feito mesmo quando não percebemos de onde o pensamento se origina, assim como quando as mentes na terra recebem inspiração. Nós podemos visitar esses ajudantes mais altos, e, mesmo quando longe deles, estar muito conscientes de sua assistência. Ainda não estou ciente de como se obtém esses testes e me pergunto se os guias mais elevados exercem alguma influência para que um anúncio adequado entre em posição na data conveniente; eu pensei nisso, mas não sei. Esses testes serão melhores do que os testes do livro, porque são mais definidos, e seu objetivo será provar que podemos obter informações *de outros lugares* do que a mente ou arredores do consulente; Será inútil invocar 'a mente subconsciente' como uma explicação aqui. Fui levado para o escritório do *Times* e não encontrei o caminho por mim; os ajudantes são abundantes quando nos ocupamos de um trabalho desse tipo.'

Este primeiro teste do *Times* foi surpreendentemente bem sucedido, e notei que as palavras de teste escolhidas se dividem em grupos, várias ocorrendo próximas. Comentando sobre isso na sessão seguinte, foi-me dito que eu poderia assumir que elas seriam frequentemente encontradas assim, como uma área pequena concentrada e as outras ignoradas, a menos que alguma palavra casual lá acontecesse de chamar a atenção. Quando um trecho fosse examinado, outro poderia ser selecionado, se necessário.

Ao dar o terceiro conjunto destas mensagens, meu comunicador observou:

> 'Você notará dos itens selecionados que há uma classe pessoal e uma classe impessoal. É o interesse pessoal que me atrai e sugere um teste específico, e é muito mais fácil formar um teste quando posso ver uma associação pessoal nele. Estes serão os melhores na minha seleção.'

Um olhar sobre as provas deste período mostra quão surpreendentemente verdadeiro isso foi, nomes de família e associações sendo o assunto de quase todos os melhores resultados.

Naquele momento, não percebi que os três conjuntos dos testes de jornal já recebidos eram os precursores de uma longa série; mas ficou evidente que o comunicador assim os considerava, pois ele conseguiu combinar uma declaração sobre este ponto com uma observação em itálico na *Windsor Magazine*, em dezembro de 1919. Solicitei que pudéssemos mudar do *Times*, para que não desse margem à crítica que a restrição a um único jornal sugerisse algum tipo de colusão. Olhei adiante, e descobri que eu deveria me sentar com a Sra. Leonard em uma data cerca de cinco dias antes de a *Windsor Magazine* ser publicada. Por conseguinte, solicitei que os testes fossem selecionados dessa revista. A sugestão foi aceita de bom grado, e no dia 21 de novembro, além dos testes do *Times*, vieram seis da *Windsor*, dos quais cinco se mostraram precisos. Entre eles estava o seguinte:

‘Na página 10, desconsiderando propagandas e contando do início da matéria de leitura, há uma mensagem pessoal que começa cerca de um quarto para baixo do lado esquerdo. Tome-o como uma mensagem particularmente aplicável agora mesmo, em vista do facto de que você está começando em uma parte mais importante de suas investigações psíquicas.’

Um quarto abaixo desta página havia uma breve declaração delimitada por ela própria e impressa em itálico; ela começava perto do lado esquerdo com as palavras: ‘Esta história é a primeira de uma série. . .’ Omitindo a palavra ‘história’ e tomando-a como uma mensagem pessoal, percebi que ela foi selecionada para servir como uma declaração de que esses testes formariam uma série. Como já os recebi regularmente por dois anos, essa promessa foi abundantemente cumprida.

Devo acrescentar que vários dias se passaram depois desta sessão antes que eu pudesse obter uma cópia da *Windsor Magazine*.

O ano de 1920 representa uma segunda etapa no esforço do experimentador para me explicar e, aparentemente, para entender mais completamente para si mesmo, o problema desses testes. Durante o período inicial, pouco se dizia que o método utilizado diferia muito do que se seguiu na obtenção de testes de livros.

Mas em janeiro de 1920, expressou-se que, às vezes, ao obter material para esses testes, não havia visto nem o tipo de metal nem o parágrafo impresso, mas ‘algo diferente’. Este ‘algo diferente’, o comunicador não sabia a princípio como designar, e foi denominado ‘o espírito, o fantasma ou o duplo etéreo da palavra’, ou a sua ‘aura’, e finalmente concordamos em empregar o termo ‘etérico duplicado’. Ele mostrou-se tão profundamente interessado no problema, e desejoso de investigá-lo ainda mais. No mês de novembro seguinte, seus pontos de vista haviam progredido, como será observado nas seguintes notas de uma conversa naquele mês:

‘Às vezes, ao obter esses testes, acho que estou vendo, quando na verdade não é algo visto, mas a operação de um poder de materializar o pensamento desse algo; eu vejo não a coisa em si, mas algo que eu criei através da sensação. Talvez a fotografia forneça uma ilustração adequada, quando você só pode ver a imagem à medida que você revela a chapa; agora sou capaz de desenvolver a ideia sentida até torná-la visível para mim. Mas, mais do que isso, eu vislumbrei uma ideia que gostaria muito de trabalhar mais completamente, ou seja, a que eu posso assim ver coisas que *serão em breve*. É muito como quando você percebe a chegada de um homem cuja sombra você vê se aproximando em uma esquina; uma vez que a sombra sugere ao homem, você sabe que um homem aparecerá quase imediatamente. Parece-me que neste lado temos um poder, capaz de desenvolvimento, pelo qual é possível interpretar as “sombras” das coisas, mas que na verdade não existem no momento. Eu vi sombras, e pensei nelas os próprios objetos. Temo que você tenha dificuldade em entender isso.

Eu perguntei:

‘O que produz essa “sombra” do objeto?’

Ele respondeu:

‘É exatamente isso que desejo descobrir. Eu suspeito, mas não estou certo, de que o que está prestes a se materializar na Terra tem sua contraparte espiritual, o que se reflete, digamos, na atmosfera ou éter, mas não é visível para todos. Admitindo que cada *objeto* possa ter essa contraparte, você perguntará como um *evento* ainda por acontecer pode ter sua contraparte espiritual?

Eu penso da mesma maneira que uma intenção pode ser sentida por um sensível antes de ser posta em prática pelo consulente. Às vezes, quando um homem se propõe a cometer um assassinato, a vítima pretendida sente uma sensação de perigo iminente. Os animais sentem isso ainda mais do que os seres humanos, percebendo o que está prestes a acontecer. Agora, as coisas que vejo são frequentemente as equivalências espirituais das coisas que estão prestes a assumir a forma; alguns dos meus testes do *Times* podem ser chamados sombras de uma substância. Quando você vê uma sombra é apenas um esboço, e você não procura detalhes, e isso explica a dificuldade desses testes; nem sempre podemos observar suficientemente detalhes.’

Doze meses após a conversa acima, o assunto foi novamente referido na minha pergunta sobre como o erro poderia ocorrer ao dizer que ele viu a palavra ‘chuva’ em uma posição particular do jornal do dia seguinte: ele havia perdido as duas letras do meio da palavra, que provou ser ‘passas’.[37] As observações decorrentes do meu inquérito foram, em substância, as seguintes:

‘Não consigo sempre ver essas palavras. Os testes de livros foram mais fáceis de fazer, provavelmente porque os livros estavam sempre presentes; enquanto que é de outra forma com testes de jornal, que devem, portanto, ser obtidos de outra maneira.’

Eu perguntei:

‘Você agora entende o que é que você opera no escritório do *Times*?’

Ele respondeu:

‘Ainda é um quebra-cabeça. Em uma ocasião pensei ter visto a página completa montada; certamente parecia ser assim, e eu notei alguns itens que acreditava serem corretos. Mas ao voltar para o escritório um pouco depois — pois frequentemente vou duas vezes para ter certeza dos testes — descobri que a página ainda não estava montada, e isso me surpreendeu e foi muito desconcertante.’

Eu perguntei:

‘Você entende isso agora?’

Ele respondeu:

[37] Em inglês, *chuva* se escreve ‘rain’, e *passas*, ‘raisin’. (N. T.)

‘Não, não bem. Você se lembrará da minha observação inicial de que eu parecia às vezes ter a sombra do que seria. Agora, quando na minha esfera é fácil distinguir entre uma coisa e sua forma-pensamento, mas quando estou trabalhando no seu plano, não é tão fácil dizer a diferença. Por exemplo, ao ter um pensamento de sua mente, eu posso ter certeza de se relaciona com algo já feito ou com algo que você pretende fazer. Eu me acho ajudado ou dificultado por condições na obtenção desses testes. Recorde o que foi dito anteriormente sobre “o evento futuro que lança sua sombra antes”, e também sobre o “duplo etérico”. Vou investigar mais.’

O acima foi dado através de Feda, mas depois na sessão, quando meu pai controlava, ele novamente aludiu ao assunto e disse:

‘Quando os itens de teste são escolhidos, eles ainda não existem na forma que eles terão tomado quando o jornal for publicado, e então eu tenho que me colocar em uma posição para saber o que *será*, e não o que é. Naturalmente, você deseja saber como eu posso estar ciente da posição que esses itens assumirão na página impressa? É claro que meus cálculos podem estar errados ou as posições podem ser alteradas posteriormente. Eu sou capaz de sentir o que me parecem ser folhas e tiras de jornal com nomes e várias informações nelas. Eu percebo itens adequados e, depois, visualizo uma duplicata da página com esses itens caindo em seus lugares. No começo, não consegui fazer isso. Parece-me que é uma habilidade que lança alguma luz sobre a predição, uma visão do que *é para ser*, mas baseada naquilo que *já é*. Agora suponha que eu deseje dar o nome de “Thomas” como teste; a não ser que já estivesse em algum jornal no escritório, não conseguiria obtê-lo. Mas caso eu descubra que é um dos nomes recebidos para inserção, a seguir tento visualizá-lo na posição que deve assumir sobre a página em questão.’

Eu então perguntei:

‘Como você pode verificar se o nome chegou ao escritório?’

Ele disse:

‘Eu acho que eu pego isso das letras, porque eu certamente pareço ver muitos pedaços de jornal e obter muitas coisas deles. Mas a operação importante é a visualização subsequente. Se essa teoria minha estiver certa, acho que ela será demonstrada pelo exame desses testes; pois deve ser possível fornecer itens verificáveis a partir do jornal para o dia de depois de amanhã.’

Eu perguntei:

‘Você acha que isso poderia ser feito com anúncios que ainda não chegaram ao escritório?’

Ele respondeu:

‘Pode ser mais difícil. Mas para retornar ao meu método; eu recebo informações de que certas palavras serão usadas, pois as percebo nas instalações. Frequentemente

percebi alguns itens de letras e depois visualizava o papel, quando eles caíam em posição; e às vezes vejo mais detalhes ao visualizar que eu não senti nas letras. Estes últimos parecem entrar como uma reflexão tardia, mas geralmente estão relacionados aos itens primários. Suponha que eu receba "Charles", e depois o visualizei como aparecendo no topo da coluna 2; eu também posso obter um nome "D" por perto, do qual eu não estive consciente anteriormente, mas que me aparece agora devido à sua conexão com anúncio "Charles". Isso é muito difícil de explicar.'

No início do período, nós dois supusemos que quanto mais tarde a hora da sessão, mais

acurados seriam os testes. A experiência, no entanto, modificou essa visão, e ficou evidente que havia outras condições de sucesso muito mais importantes do que a hora do dia. Em março de 1921, meu pai disse:

> 'Eu acho que há pouca diferença se a sua sessão é de tarde ou de noite, pois a minha conclusão é que eu não obtenho os testes dos preparativos reais para a impressão. O que eu certamente sei é que, quando vou ao escritório, seja antes ou mais tarde, eu posso sentir que certo assunto está lá e que sua posição no papel será tal. Eu uso a palavra "sentir", mas também é um "ver". Considere que na Terra sentimos tudo em primeiro lugar, mas, se levado adiante, a consciência atinge o estágio de ver e ouvir. Os homens dizem: "Eu vejo", quando eles entendem uma ideia. Eles implicam que eles veem com a mente. Eu acho que o que eu experimento é uma extensão disso. Mas lembre-se que é imperativo que eu tenha algo sobre o qual trabalhar, pois não consigo ver com o olho de minha mente uma condição que não está presente lá. Só posso ver ou sentir aquilo para o qual existe uma base.'

Durante a nossa última conversa, antes da redação deste capítulo, o assunto foi aludido, em consequência da minha afirmação de que uma curiosidade fora expressa sobre como os testes do *Times* foram obtidos. Meu pai respondeu:

> "Temo que nada que você possa dizer permitirá uma compreensão completa; pois eles são feitos por um processo que não é fácil para os que seguem na Terra, e que se relaciona com "um futuro próximo que é um presente", um pouco simbolizado pela sombra vista de um homem ao redor de uma esquina. Eu acho que há um prenúncio etérico — caso se possa usar a expressão — das coisas a serem feitas. Lembre-se de que, embora as palavras ainda não estejam na máquina tipográfica, os pensamentos de alguém estão nelas, alguém formulou a redação dos avisos enviados para o escritório para inserção. Eu costumava observar, ao fazer testes de livros, que era mais fácil sentir livros que tinham sido lidos, pois parecia que o pensamento do leitor permaneceu no livro, possivelmente em alguma forma áurica; mas se você começar a explicar *isso* às pessoas em geral, elas não entenderiam isso. No geral, eu acho que o método usado para testes de jornal pode ser dito depender de "uma habilidade para psicometrizar o sempre presente AGORA". Nem todo espírito poderia fazer isso; é um poder que tem de ser desenvolvido.

Perguntei:

> 'Como você obtém a posição exata da palavra que você deseja?'

Ele respondeu:

> ‘Por uma pequena extensão do que acabei de tentar descrever. Provavelmente seria impossível obter algo muito à frente, mas apenas dentro de um certo número de horas, e não posso dizer quantas.’

Eu disse:

> ‘Talvez você só possa obter a informação que já chegou ao escritório?’

Ele respondeu:

> ‘Possivelmente algo pode ser obtido de um anúncio no caminho para o escritório, se o emissor pensasse fortemente no momento em que eu estivesse lá selecionando os testes; pois semelhante atrai semelhante, e um certo grau de ligação se formaria para mim pelo meu contato com os anúncios já no escritório. É muito interessante. Eu não acho que seria possível obter uma prova para o dia seguinte ao dia seguinte, ou, mesmo que possível, que isso resultasse em mais do que uma confusão do dia seguinte com alguns do dia posterior.’

Ao repetir uma pergunta feita anteriormente sobre se ele sentia as palavras e, ocasionalmente, também as via, ele respondeu que esta era uma descrição suficientemente correta do que lhe parecia ser uma cristalização ou materialização do pensamento. Os extratos e resumos acima mencionados podem ser suficientes para indicar a tendência de muitas conversas que tivemos sobre o assunto. Os estudantes podem se queixar de que poucas informações foram colocadas diante deles, enquanto outros, sem dúvida, aproveitaram seu direito de ignorar porções menos interessantes. Uma terceira classe de críticos pode ser muito educada para expressar sua opinião, mas eu naturalmente suponho que alguns irão seguir o caminho fácil, assegurando-se que este capítulo descreve apenas a maneira pela qual eu fui enganado pela médium. Se estes estiverem abertos a considerações de lógica, devem lembrar que, durante dois anos, tive cerca de vinte e quatro conversas com o meu comunicador nesta fase do assunto, e nessas conversas não lhe pedi que propusesse teorias, mas apenas *para explicar factos realizados*.

Certas informações fornecidas no dia anterior foram encontradas precisas na imprensa pública na manhã seguinte. Minhas notas foram postadas durante a noite e são retidas pela Society for Psychical Research. Essas notas podem ser comparadas com as edições do *Times* a que se referem por qualquer pessoa que deseje fazer a verificação por ela mesma. A proporção de sucesso obtido apresenta um fenômeno impressionante e inexplicável, que é, penso eu, único na história dos estudos psíquicos, e um que coloca sérios questionamentos sobre a forma como foi realizado.

Nenhuma teoria de fraude ou colusão pode ser mantida diante das centenas de testes recebidos durante os anos subsequentes a outubro de 1919, ainda mais considerando sua relevância para coisas que não estão dentro do conhecimento da médium. Eles devem ser ou ignorados ou considerados ter a influência de um agente extramundano. Meu comunicador afirma que eles foram especialmente concebidos para compelir o reconhecimento deste último. Ele está ciente do argumento de que a médium

pode ter desenvolvido uma faculdade de ver a distância, e, portanto, se esforçou para dar provas suficientes de tal caráter que obrigasse uma explicação diferente, testes envolvendo sua memória de dias há muito passados. Destes ele diz,

> 'Eu acho que eles devem impressionar as pessoas mais do que os testes de livros. Se eu aqui viesse e me limitasse a dar minhas lembranças, isso poderia ser creditado à telepatia da sua mente. Mas como eu te direciono para o jornal do dia seguinte para itens que batem com o que é dito aqui, fica claro que a telepatia não pode explicar; você encontra no documento o que procura, mas dado de uma forma que você não esperava e sobre o qual você não poderia, na natureza do caso, saber nada. Dois conjuntos de memória são combinados para produzi-los, minhas memórias de há muito tempo e minha lembrança do que encontrei nesta manhã entre os preparativos para a imprensa.'

CAPÍTULO XXI

A IDENTIDADE DO COMUNICADOR

A transmissão de nomes através de Feda apresenta uma dificuldade considerável, pois, apesar dos ótimos sucessos em que um novo nome foi apanhado corretamente, ela geralmente mostra alguma hesitação e perplexidade, se o nome está sendo comunicado a ela pelo som ou pela ortografia; na verdade, geralmente economizamos tempo pegando a letra inicial e deixando isso assim, confiando no tempo ou no contexto para lançar mais luz. Mas pelo método do jornal não é necessário que Feda conheça o nome requerido; ela transmite uma descrição mostrando onde ele pode ser encontrado no *Times* na manhã seguinte, juntamente com declarações como definir a pessoa com quem o nome está vinculado para a ocasião. Desta forma, temos em um grande número de casos capazes de obter facilmente o nome necessário.

Durante os dois anos e meio de investigação que precederam a aparição dos testes de jornal, o comunicador provou-me abundantemente que eu estava realmente em comunicação com meu pai, e que não fui enganado por uma credulidade fácil nem vitimado pela personificação. Com o advento deste novo tipo de evidência, notei rapidamente quão habilmente isso foi usado para dar provas adicionais de identidade. Os 'testes Leek' serão lembrados a este respeito; mas mesmo antes da data da primeira dessas referências, de facto, desde o início da série, recebi mensagens envolvendo conhecimento íntimo de nomes familiares, presentes e passados, como nenhum estranho poderia facilmente obter.

Muitos destes terão sido notados entre os exemplos dados antes; seu número é considerável, e o seguinte pode ser suficiente para ilustrar o caráter geral do todo. São anexadas notas breves mostrando a relevância de cada teste juntamente com sua verificação.

Há retenção, aqui e ali, de itens incidentais que têm pouco interesse, exceto sua posição predita com precisão em relação a outros que servem para se unir.

10 de outubro de 1919, às 15h.

Esta foi a sessão em que os testes do jornal começaram. Eles deveriam ser verificados a partir da primeira página do *Times* do dia seguinte. Entre eles estava o seguinte:

'Ele tem a ideia de que sabão é mencionado no topo da página'.

Como a palavra 'sabão' não apareceu nesta página, concluí que o teste falhou. Na próxima sessão eu fiz alguns observações sobre o sucesso geral dos testes do jornal, mas não alusivo a este particular até Feda perguntar se não havia um item descrito como perto do topo da página? Eu disse: (Sim) uma menção de sabão, mas isso falhou.

Ela continuou:

'Ele diz que era o nome de um famoso fabricante de sabão; ele percebeu, e não sabia se sabão era mencionado ou algum nome sugerindo sabão; ele acabou de se lembrar disso.'

Vinte anos antes, conhecíamos uma família, alguns dos quais estavam envolvidos na fabricação de sabão. Estávamos interessados em ouvir detalhes do processo e, depois de anos, qualquer referência a essa bem conhecida empresa trouxe à mente nossas associações com essa família. Olhando novamente para o jornal, eu descobri esse nome de família proeminente entre os avisos no topo da primeira coluna. Não pode ser um caso de associação mental, o nome familiar trazendo ao meu comunicador a ideia de sabão que estava fortemente ligada em nossas mentes com essa família? Na sessão seguinte depois disso, fiz uma pergunta:

'Havia um nome no jornal que é o de um fabricante de sabão, mas ele pode dizer algo mais sobre o que se conecta a esse nome?'

Feda respondeu:

'Não sugere sabão agora, mas em um tempo passado. Não é o sabão de alguém, mas *alguém* que ele conheceu na Terra e muito bem.'

Eu perguntei:

'Onde e quem?'

A resposta foi:

'Sim, ele sabe, mas não consegue passar.'

O interesse dessas respostas centra-se no facto de que uma senhora desse nome, e relacionada aos fabricantes de sabão, fora contratada por um membro da nossa família. Todos nós a conhecemos bem durante os anos de 1897 a 1900. Além dessa família, não conhecemos ninguém ligado à fabricação de sabão.

Nessa sessão, o número de testes fornecidos para verificação do *Times* do dia seguinte foi de seis. Destes, quatro foram encontrados corretos, um foi inconclusivo, e um falhou.

21 de novembro de 1919, às 15h.

O número de testes fornecidos para verificação na primeira página do *Times* do dia seguinte foi de treze. Resultado: 6 Corretos; 1 Inconclusivo; 6 Fracassos. Após a alusão a algo descendo um terço na segunda coluna, o teste continuou:

'Também nas imediações está o nome de um lugar onde o Sr. Hine residiu.'

Conversávamos em uma sessão anterior sobre esse cavalheiro que, quarenta anos atrás, fora amigo pessoal de meu pai e um oficial proeminente em sua igreja em Baldock, em Hertfordshire. Como ele foi há muito tempo removido para Londres, eu estava incerto sobre o local a que ele se referia, e estava interessado em encontrar na manhã seguinte no topo da segunda coluna o endereço antigo e familiar, *Baldock, Herts*.

27 de fevereiro de 1920, às 15h30m.
O número de testes dado para verificação na primeira página do *Times* do dia seguinte foi onze.
Resultado: 4 Corretos; 6 Inconclusivos; 1 Fracasso.

'Por volta do meio da coluna 1 está o nome de um lugar do qual sua mãe gostava muito na infância. Ela passou momentos muito felizes lá, e se lembra de duas senhoras idosas de lá.'

No dito local ocorre '*I. de W.*' A Ilha de Wight era o lugar natal de minha mãe: as duas senhoras idosas eram a mãe de minha mãe e tia.

'Muito perto está um nome que sugere música para ele'.

Cinco centímetros abaixo está o nome *Harper*, que pode ser pensado como aquele que toca harpa. Ele serviu para vincular o teste anterior com o seguinte.

'Perto deste está o seu próprio nome, e muito perto, provavelmente, no mesmo anúncio, o nome de um parente próximo da sua esposa, alguém que morreu.'

No anúncio seguinte acima de *Harper* está *Thomas*, e também *Frances*. Minha esposa tem uma tia Frances, agora morta.

'Dobre a página para dividi-la em metades iguais à direita e à esquerda, e na primeira coluna completa além do vinco, à direita e menos de um quarto descendo, está uma mensagem dele para a sua mãe'. (Perguntei: 'Como terei certeza qual é?') (Perto disso há um nome ou iniciais que caberiam muito bem.'

Exatamente onde indicado há um anúncio no qual ocorrem as palavras, *Portland. . . Ansioso para entrar em contato,* e na propaganda paralela adjacente é repetida duas vezes a seguinte linha: *I.W. e D. e I.W.T.* Tudo isso se encaixa muito bem. Um dos primeiros circuitos do meu pai foi Portland; nós sempre pensamos nisso em conexão com coisas que ele nos contou sobre sua residência lá, e não temos outras associações com isso além dele. Que ele está ansioso para entrar em contato com minha mãe é claro por suas frequentes alusões e mensagens para ela nessas sessões. As iniciais são aplicáveis. Seu nome era Drayton, e quando morava na Ilha de Wight se casou, e o nome de solteira da minha mãe era Dore. Assim, as iniciais podem ser interpretadas

como ‘Ilha de Wight e Drayton, e Ilha de Wight e Thomas’, ou, indicando a mudança de nome da minha mãe, ‘Ilha de Wight e Dore, e Ilha de Wight e Thomas’. Então se verá que as iniciais e o nome do local são igualmente adequados como as instruções indicaram que seriam.

13 de agosto de 1920, às 17h55m.
Nove testes foram dados para verificação na primeira página do *Times* do dia seguinte foi nove.
Resultado: 5 Corretos; 4 Inconclusivos.
Seguindo um teste a ser encontrado um pouco abaixo da coluna 2: —

> ‘Um pouco mais abaixo há o nome de um dos primeiros lugares onde eles moraram depois do casamento. Ele gosta desses testes que voltam no tempo e exigem pensar.’

Uns 8 centímetros mais baixo na coluna paralela está *Victoria*, o nome de sua primeira igreja e localidade após o casamento. O nome havia aparecido anteriormente nestes testes (ver página 95), ligado ao meu local de nascimento.

20 de agosto de 1920, às 19h20m.
Oito testes foram dados para verificação na primeira página do *Times* do dia seguinte. Resultado: 6 Corretos; 2 Inconclusivos.

> ‘Um pouco abaixo da metade da coluna 1 está o nome de algumas pessoas a quem sua mãe tem visto ultimamente. A palavra “visto” não é muito apropriada, digamos “tem lembrado” ou “tem estado em contato”. Seu pai conhecia essas pessoas quando vivo.’

O nome *Georgina* aparece no local designado. É o nome de uma senhora que é uma das amigas mais velhas dos meus pais, e ela ficou com a mãe algumas semanas antes. O uso do plural é apropriado, pois a visita foi organizada por correspondência com a filha da senhora, que também era amiga de meu pai. Até onde me lembro, sempre aludimos a essa senhora como ‘Georgie’, curta para Georgina, seu nome próprio.

3 de setembro de 1920, às 15h45m.
Seis testes foram dados para verificação na primeira página do *Times* do dia seguinte.
Resultado: 4 Corretos; 2 Inconclusivos.

Antes de dar esses testes, houve um esforço infrutífero para me dizer o sobrenome de um ministro que trabalhou com meu pai. O nome foi dado como Rev. Benjamin B——, mas Feda não conseguiu pegar o nome final na íntegra. Quando pedi a localidade em que trabalharam juntos, fui informado que isso, e também o sobrenome, seriam objetos de teste. No final da sessão, meu pai, ao controlar, deu o nome como ‘Browne’. Lembramo-nos do Rev. Benjamin Browne, com o qual meu pai realizou uma importante empresa educacional no ano de 1884. Em nossa família, ao se referir a esse cavalheiro, era nosso costume quase invariável usar ambos os nomes, Benjamin Browne. Este teste foi redigido da seguinte forma:

‘Na coluna 1 e descendo cerca de um terço está o sobrenome do Reverendo Benjamin’.

Ele aparece logo abaixo do meio caminho em *o Rev. Benson-Brown*.

‘Ele não tem certeza sobre o seguinte, já que ele não viu, mas sentiu isso. Mais baixo nesta coluna ele acha que está nomeado o lugar, muito próximo ao que conhecemos acima. Pode até ser o nome do próprio lugar, mas se não for, é tão bom quanto, pois é muito próximo; no entanto, ele espera que seja o nome certo.’

Mais baixo nesta coluna, a menos de 3 centímetros do final, aparece *Kent*. Vivemos em Kent quando conhecemos esse ministro, que residia em Margate.

1º de outubro de 1920, às 16h12m.

Onze testes foram dados para verificação na primeira página do *Times* do dia seguinte.

Resultado: 4 Corretos; 3 Inconclusivos; 4 Fracassos.

‘Cerca de um quarto descendo a coluna dois está o nome George’.

Isto está certo.

‘Um nome que parece Ratcliffe está perto desse. Ele conhecia um com esse nome.’

Em 1896-7, meu pai dedicou uma atenção considerável às questões de Lei Conexional em nome de um dos seus trabalhadores da igreja chamado Ratcliffe, cujo status na igreja houve uma aguda controvérsia. Ele frequentemente aludiu ao assunto nos últimos anos, pois foi um dos incidentes notáveis em sua carreira ministerial. O nome aparece menos de 3 centímetros mais baixo do que ‘George’ na coluna paralela, a saber, a coluna 1.

‘Um quarto descendo a coluna 3; perto disso há uma referência a escrever, ou palavras ou algo equivalente.’

Começando um quarto abaixo da coluna três, a palavra *Escrita* ocorre cinco vezes no espaço de 8 centímetros.

Em um período inicial desta sessão, foi feita referência a uma parenta chamada Norah, e foi dito que este nome seria introduzido entre os testes daquele dia. Somente ao escrever minhas anotações, percebi que esse teste havia sido omitido. Na sessão, seguinte portanto, mencionei a omissão, dizendo: —

‘Quando perguntei sobre Norah durante a sessão anterior, você disse que o nome estava sendo introduzido nos testes desse dia; mas não foi mencionado.’

A seguinte resposta foi dada sem hesitação:

‘Houve um teste no qual Norah deveria ter aparecido. Eu tinha a intenção de dá-lo. O nome veio na segunda coluna, e acho que estava muito próximo ao meio.’

Ele está a exatamente 6 centímetros da metade da coluna 2. Aqui, temos uma dica de que os comunicadores podem se esquecer de dar alguns dos itens com os quais eles vieram preparados.

7 de janeiro de 1921, às 18h50m.

Nove testes foram dados para verificação na primeira página do *Times* do dia seguinte.

Resultado: 7 Corretos; 2 Fracassos.

Após uma referência a algo na parte superior da coluna 2, ele acrescentou:

> 'Muito perto está o meu nome e o de outro do meu lado da família'.

Exatamente 2,5 centímetros acima de um quarto descendo esta coluna, e no mesmo aviso, aparecem os nomes de *John* (seu próprio nome) e *Mary* (da sua irmã).

> 'Na coluna 1, três quartos abaixo, há o nome de um local em que vivemos alguns anos atrás; mas dado em conexão com isso há o nome de um amigo que não viveu naquele lugar, mas em um lugar onde moramos antes.'

Exatamente onde descrito aparece *Louisa*, e, imediatamente abaixo, *Herts*. Nós moramos em Hertfordshire em 1876-8, *depois de deixar Leek*, no qual o último local viveu Louisa, a mãe do meu pai. O fraseio deste teste ilustra de novo a maneira de Feda de chamar regiões de 'locais', e parentes, 'amigos', a menos que o comunicador perceba o deslize e o corrija.

Depois de dar um teste um quarto descendo a coluna 5, Feda continuou:

> 'Mais baixo naquela coluna pareceu haver uma referência a um lugar no exterior, sobre o qual ele e sua mãe conversaram quando ele estava no plano terreno.'

Isso pode parecer uma descrição bastante vaga, mas foi verificado pelos nomes que *Austrália* e *Sydney* vinham imediatamente abaixo das palavras-chave anteriores. Houve uma vez muita discussão de Sydney, Austrália, quando uma conexão familiar, que morava lá, visitou a Inglaterra e passou um feriado conosco. Ele era nosso único elo com o lugar.

20 de janeiro de 1921, às 15h45m.

Nove testes foram dados para verificação na primeira página do *Times* do dia seguinte.

Resultado: 8 Corretos; 1 Inconclusivo.

Depois de uma alusão a algo 8 centímetros abaixo da terceira coluna da habitual página inicial do *Times*, ele procedeu:

> 'Um pouco acima há um nome que era bem conhecido na família em dias antigos, e quase no mesmo lugar há um nome dado de forma abreviada, um bem conhecido na família também.'

Isso se encaixa perfeitamente com o nome *Benjamin*, que aparece a menos de 3 centímetros do topo da coluna 3, e pela letra 'C' na linha superior. É um 'C' maiúsculo por si só, e evidentemente pretende representar o nome de uma pessoa. Nós costumamos usá-lo assim: uma alusão a 'C' seria imediatamente compreendida em nosso círculo familiar.

‘Na parte superior da coluna 2 há o nome de um lugar que você viveu quando conectado com condições nas quais Margaret seria especialmente interessada.’

A 5 centímetros do topo está *I. de W*. Quando morava em Newport, I. de W., eu me envolvi no mesmo tipo de negócio perseguido pelo pai da minha tia Margaret quando vivo. Há uma dica clara de identidade aqui; pois foi apenas por referir-se a cartas familiares que descobri o facto sobre o pai da minha tia Margaret, que seria bem conhecido do meu pai.

‘Muito perto há o nome de um segundo lugar, que você conheceu bem quando viveu no primeiro lugar; você ia até ele, ouvia falar dele e pensava nele.’

A próxima palavra foi *Ventnor*, e a declaração sobre ela está correta.

Deve ser lembrado pelo crédulo e tímido de que o desfile de nomes extraídos de livros de referência, ou coletados por inquérito diligente, é um dispositivo favorito de impostores e imitadores na Terra e pode ser usado de maneira semelhante por essas pessoas quando elas passam para o próximo estágio de existência e procuram animar suas horas fazendo truques naqueles que tentam se comunicar com seus entes queridos através de médiuns. Esses críticos tímidos geralmente não conhecem nada pela experiência de primeira mão, mas pertencem às classes ‘temerosas e incrédulas’, a quem a descoberta e avanço em qualquer departamento de atividade humana deve pouco ou nada. Sua imaginação vê demônios que parecem ser extremamente sábios e capazes, enquanto ‘os espíritos dos homens justos feitos perfeitamente’ são feitos para parecer inativos ou impotentes. Eles concedem muita pouca margem para a força de uma inteligência saudável e carinho pessoal nos assuntos de ambos os mundos, colocando uma confiança que é quase patética em suas próprias imaginações e reservando pouco para o Governante do Universo, cujo nome é o Amor e quem dá Seus anjos responsabilidade sobre nós. O incidente relacionado com a transfiguração do nosso Senhor não é concedido o seu devido peso com eles; eles estão em um terreno muito mais próprio com o texto: ‘Não somos ignorantes de seus artifícios’.

Nem na Escritura nem na experiência há base para supor que os agentes do mal são oniscientes. Dê-lhes o alcance suficiente e eles revelam-se no devido tempo; o engano não pode ser mantido indefinidamente.

O meu comunicador transmitiu mensagens consistentes (ou ele mesmo falou ao dispensar a ajuda da Feda) por mais de cinco anos, durante o qual tivemos cem conversas de cerca de duas horas cada. Eu digo ‘consistentemente’, querendo dizer que ele falou como meu pai falaria, quer se referisse aos seus dias na terra, seus amigos, meu trabalho e ambiente, ou suas próprias aspirações. A personalidade soa verdadeira, e nos muitos pequenos toques e viradas de pensamento, que não pode ser facilmente reproduzido na impressão, não há nada que choque na percepção sensível de um relacionamento próximo.

A evidência adicional de identidade proporcionada pelo advento das mensagens de teste de jornal poderia ser facilmente exibida com tal extensão que cansaria a todos, exceto os leitores mais determinados. Talvez tenha sido dado o suficiente para explicar a convicção de que estou em contato com meu próprio pai. A cada mês, dificilmente

uma sessão passava sem referências a nomes, indicados corretamente, revelando um conhecimento de nossos amigos que eu esperava que meu pai retivesse, reforçando firmemente minha impressão que ninguém além dele poderia ter planejado esses testes.

Não é o caso de uma série de nomes terem a chance de que alguns deles sejam apropriados; não há 'pesca' para os nomes, nenhuma sugestão vaga aplicável a quase qualquer consulente; meu comunicador evidencia um conhecimento íntimo de nossas relações e amigos e consegue, por meio desse novo tipo de teste, introduzir vários nomes que não foram transmitidos anteriormente nem mencionados ao ouvido da médium quando acordada. A impressão feita sobre mim foi cumulativa e logicamente atraente. Estou convencido de que não é outro que o meu próprio pai, que repetidamente conseguiu dar uma prova positiva de sua identidade.

CAPÍTULO XXII

OBSERVAÇÕES FINAIS SOBRE A EVIDÊNCIA FORNECIDA PELOS TESTES DE JORNAL E SEU SIGNIFICADO

VERIFICOU-SE que, embora alguns desses testes sejam meras declarações do que estará na imprensa de amanhã, outros vão além disso e revelam um conhecimento íntimo de nossa família e lembranças da vida terrena do meu pai. Telepatia dos vivos é uma teoria que se decompõe diante dessas experiências. Alguma dessas hipóteses poderia explicar o método pelo qual o conhecimento de nossas relações e as lembranças de há muito tempo se entrelaçam com as previsões do jornal do dia?

É certo que muitas dessas previsões foram corretas, mas se elas foram obtidas por meios normais ou supranormais não é a questão principal; pois uma nova linha de informação é aparente, informações sobre questões que, mesmo sem impedimentos de acesso aos escritórios do *Times*, não poderiam ser dadas, e que a médium dificilmente seria imaginada possuir.

O problema é este: *como esses dois fluxos de conhecimento se fundem?*

Há provas cumulativas pelas quais eu sou logicamente obrigado a concluir que a inteligência, que se comunica comigo através da Sra. Leonard, conseguiu obter itens dos preparativos para o jornal do dia seguinte e, já possuindo pleno conhecimento da nossa história familiar, compõe uma amálgama dos dois para o propósito muito definido de demonstrar sua identidade.

Também pode ser dito sobre esses testes de jornal, a partir dos exames de livros que os precederam, que foram introduzidos por uma inteligência diferente da nossa, nem solicitados nem antecipados por nós. Eles revelam a completa lembrança da família e outros nomes que esperamos que nossos amigos conservem, mas que as limitações e confusões da mediunidade de transe ordinária proporcionam a eles uma pequena oportunidade de demonstrar.

É importante perceber a relação entre esses testes e outras partes da conversa que ocorrem durante o transe da Sra. Leonard. Esses testes ocupam apenas uma pequena fração de uma conversa de duas horas, ainda assim eles servem para o uso importante de

provas presuntivas de que as matérias não verificáveis aludidas tão livremente não são enunciações dos sonhos da mente da Sra. Leonard. Uma vez que a matéria evidencial se mostra correta, pode-se presumir que as partes não evidenciais são, amplamente, precisas também, já que elas são originárias da mesma fonte.

Essas conversas íntimas com meu pai fornecem evidências frequentes de que ele está em contato com meus feitos e pensamentos, bem como com os de seus amigos ainda na Terra. Elas muitas vezes produzem novas provas de sua identidade. Elas lhe dão oportunidade de explicar algumas das dificuldades de comunicação verbal entre os dois mundos e, consequentemente, oferecem uma esperança de diminuí-las, facilitando uma compreensão mais completa das leis pelas quais essa comunicação ocorre.

Conselhos sábios, tais como um pai ofereceria, em vista de sua pesquisa mais ampla sobre a vida e seu significado, são dados de tempos em tempos, juntamente com incentivo e sugestão em relação ao meu trabalho. Ele também tenta descrever as ocupações e a felicidade de seu estado atual. Ocasionalmente, ele auxilia os espíritos recém-chegados a se comunicar com suas relações, a quem eu possa ter levado comigo para esse propósito; deste modo, fomos capazes de trazer consolo e felicidade a vidas dolorosas e, aliás, fornecer provas adicionais da possibilidade de se comunicar com os falecidos.

Por causa do intenso interesse de minhas conversas com os do Outro Lado da vida e sua reação, totalmente refrescante e edificante, na vida cotidiana, muitas vezes me encontro desejando que essas experiências possam ser compartilhadas por outros, e especialmente por aqueles que, como eu, estão envolvidos em trabalho cristão e filantrópico. Mas, por enquanto, parece inevitável que muitos sem oportunidades devem se contentar em aprender com os poucos que aproveitam as facilidades para este estudo. Nas causas responsáveis pela escassez de oportunidades, não preciso entrar aqui; quem sabe elas possam ser solucionadas com o tempo, e a disseminação de conhecimento preciso será um passo em direção a essa conquista.

Enquanto isso pode vir de forma espontânea, a alguém aqui e ali, experiências que são surpreendentes ou desconcertantes, iluminadoras ou aterrorizantes, de acordo com a individualidade do receptor. Pode-se suspeitar que os dons psíquicos no observador, que tornam esses fenômenos espontâneos possíveis, facilitariam a comunicação direta com o próximo mundo, uma comunicação tão desejada e procurada por métodos apropriados.

Outros são, naturalmente, tão dotados de dons psíquicos que eles gostam, ao longo de suas vidas, de algum contato visual, auditivo ou impressionante com esse ambiente espiritual ao qual os cinco sentidos não respondem. Essas pessoas geralmente são suficientemente discretas para falar pouco dessas experiências, e ainda assim somente para amigos compreensivos e simpatizantes, senão o mundo ficaria surpreso ao saber quanto da comunicação vem de forma direta e até mesmo não solicitada.

Há ainda uma outra classe de pessoas que têm contato com a vida acima de nós, um toque que é completamente espiritual e raramente, se alguma vez, toma a forma de uma manifestação visual, por palavra ou outro tipo físico. Eu aludo para aqueles que desfrutam de uma sensação de comunhão com uma Inteligência Superior. Muitas vezes isso toma a forma de orientação quando estão em perplexidade; de elevação e conforto

em tempos de tristeza; ou, a melhor de todas, a percepção da paz e da harmonia em sua relação com a Divindade.

É a experiência desejada para todo o povo cristão nas palavras da Bênção: *a comunhão do Espírito Santo esteja conosco para todo o sempre. Amém*.

Nesta experiência mais elevada, temos comunhão em vez de comunicação. É certo que a comunicação verbal pode ser realizada com aqueles espíritos que são os nossos próprios amigos ascendidos ao próximo estágio da vida nos reinos invisíveis pelo olho humano; no entanto, tais relações por palavras só são possíveis em circunstâncias cujas leis são ainda pouco investigadas e compreendidas. Mas a comunhão sem palavras que inúmeras pessoas experimentam, seja com o Espírito de seu Mestre, ou com 'os espíritos dos homens justos feitos perfeitos'; seus amigos e anjos da guarda, está, acredita-se, ao alcance de todo homem que, humildemente, e na confiança da oração, busca a experiência.

Podemos lembrar a alusão de Tennysonts a esta comunhão com seu amigo Arthur H. Hallam:

In Memoriam (Excerto)

'Não te verei. Ouso eu dizer
Que espírito algum jamais rompeu o laço
Que o detém longe do solo nativo,
Onde primeiro caminhou, preso ao barro?

Nenhuma sombra visual de alguém perdido,
Mas ele, o próprio Espírito, pode vir
Onde todo o nervo do sentido está entorpecido;
Espírito a Espírito, Espectro a Espectro.

Ó, portanto, da tua visão inacessível*
Com deuses em êxtase não conjecturado,
Ó, da distância do abismo
De uma mudança dez vezes complicada,

Desce, e toca, e entra; ouve
O desejo forte demais para as palavras nomearem;
Para que, nesta cegueira da estrutura*,
O meu Espectro sinta que o teu está perto.'

E na estrofe seguinte (XCIII In Memoriam) é dado um sábio conselho respeitando o estado de mente e emoção essencial para tal comunhão:

Este é o prosseguimento do Canto XCIV de In Memoriam, onde Tennyson estabelece as condições morais e psicológicas necessárias para que a comunhão espiritual mencionada no excerto anterior ocorra. O poeta argumenta que o contato com os mortos exige uma quietude interior absoluta, quase uma santidade doméstica.

Mantendo a justa posição e respeitando a numeração das notas:

In Memoriam (Canto XCIV)

‘Quão puro de coração e são de cabeça,
Com que divinos e audazes afetos
Deveria estar o homem cujo pensamento pretenda
Uma hora de comunhão com os mortos.

Em vão tu, ou qualquer um, chamarás
Os espíritos do seu dia dourado,
A menos que, como eles, tu também possas dizer:
Meu espírito está em paz com tudo.

Eles habitam o silêncio do peito,
Imaginações calmas e belas,
A memória como um ar sem nuvens,
A consciência como um mar em repouso:

Mas quando o coração está cheio de ruído,
E a dúvida espera junto ao meu portal,
Eles podem apenas escutar às portas,
E ouvir a discórdia doméstica* lá dentro.’

A comunhão sem palavras é para todos, as comunicações verbais estão, no momento presente, ao alcance de poucos.

A mente pacífica, olhando para o céu com adoração e confiança, e concernente ao plano terreno com um amor prático que dá serviço, simpatia e esperança para todos — essa condição interior facilita a comunhão espiritual que é a mais alta e a melhor, e que traz sua própria demonstração de imortalidade para aqueles que experimentam sua alegria.

As combinações verbais tratadas neste livro são outra coisa, sem dúvida, uma coisa muito menor, e ainda assim de um valor para a vida e a religião muito pouco percebido pelas Igrejas. Estou ciente de que todos os cristãos que leem essas páginas pensam que minhas provas são desnecessárias para eles; pois como já possuem algo melhor, podem assumir com confiança tudo o que eu me proponho provar. Há, no entanto, inúmeras pessoas a quem a experiência, ou mesmo a fé da comunicação verbal com amigos afastados seria um passo para a realização daquela comunhão superior que eu falei. A garantia da possibilidade de comunicação eliminaria as incertezas mentais e proporcionaria um forte incentivo para se empenhar após essa comunhão que é encontrada por aqueles que procuram com sinceridade, vendo que ‘Ele não está longe de cada um de nós; pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos.’

O facto de ter falado com amigos que deixaram a Terra refresca e aumenta a convicção das possibilidades de comunhão com o Mestre que deixou a Terra dezenove séculos atrás, e que encorajou seus seguidores a manter contato com Ele, prometendo que, por sua parte, Ele não deixaria de manter contato com eles. A fé na atividade e o interesse do Único são revivificados por demonstrações de atividade e interesse carinhoso de muitos que o seguiram em Reinos Invisíveis.

As pessoas ignorantes e tímidas disseram que os estudos psíquicos são prejudiciais. A resposta óbvia é que o resultado depende do caráter do aluno. Nada é tão bom que não possa ser usado para o mal; nenhum ambiente é tão puro que uma mente malvada não possa resistir. Judas teve o companheirismo de Jesus e ouviu seus ensinamentos incomparáveis, mas ele fez mal mesmo na presença de seu Mestre. Os puros de coração, enquanto iluminados por um conhecimento preciso, estão seguros em qualquer lugar; mas os que entretêm um pensamento e motivo malignos não estão seguros em lugar nenhum. Tendo obedecido a injunção apostólica para 'tentar os espíritos', agradeço humildemente a Deus pelo alto resultado na minha vida interior, e aqui afirmo pelo encorajamento dos outros que não extraí senão benefícios. A confiança em Deus e a boa vontade para os homens não diminuiu, mas aumentou.

Em conclusão, resta dizer de que modo o assunto-matéria deste livro representa o crescente volume de evidências para a comunhão espiritual contribuída nos últimos anos de todas as partes do mundo civilizado e à luz da qual muitos registros curiosos da história antiga podem ser mais claramente compreendidos. Considero os exames de livros e jornais como uma adição aos 'sinais e maravilhas', pelos quais muitos na próxima vida estão tentando atrair a atenção dos mortais para a realidade de sua vida e para o verdadeiro significado de nossa existência temporária na Terra.

O conhecimento extenso certamente transformaria as ideias convencionais sobre a morte e inspiraria maior desejo de viver em harmonia com os propósitos sábios do Infinito, que, como um pai, observa a tudo e a todos neste mundo e no próximo.

APÊNDICE A

REFERÊNCIAS PASSADAS E ATUAIS AOS FENÔMENOS ASSOCIADOS

Embora o desenvolvimento dos testes de livro seja recente, sua ideia subjacente retroage às experiências de Sir William Crookes e do Rev. Stainton Moses.

O primeiro, em seu *Notes of an Inquiry into the Phenomena called Spiritual*, escreveu o seguinte: —

> 'Uma senhora escrevia automaticamente por meio da prancheta; experimentei descobrir o meio de provar que o que ela escrevia não era devido à "ação inconsciente do cérebro". A prancheta, como o fazia sempre, afirmava que, ainda que fosse posta em movimento pela mão e pelo braço dessa senhora, a *inteligência* que a dirigia era a de um ser invisível, que se servia do cérebro da senhora como de um instrumento de musica, e fazia, assim, mover-lhe os músculos.
>
> Disse eu, então, a essa inteligência: "Vê o que há neste aposento?" — "Sim", escreveu a prancheta. — "Vês este jornal e podes lê-lo?" acrescentei, colocando o dedo sobre um número do *Times* que estava em uma mesa atrás de mim, mas sem olhá-lo. — "Sim", respondeu a prancheta. — "Bem", disse eu, "se podes vê-lo, escreve a palavra que está agora coberta por meu dedo, e dar-te-ei crédito". A prancheta começou a mover-se lentamente, e com alguma dificuldade escreveu a palavra "*however*". Voltei-me e vi que a palavra *however* estava coberta pela extremidade do meu dedo.

Quando fiz essa experiência, tinha evitado, de propósito, olhar para o jornal, sendo impossível à senhora, embora o tentasse, ver uma só das palavras impressas, porque estava assentada perto de uma mesa, além de que o jornal estava sobre outra, que se achava atrás de mim, e o meu corpo interceptava-lhe a vista'.

Isto foi publicado no *Quarterly Journal of Science* de janeiro de 1874.

Spirit Teachings (Memorial Edition), publicada pela London Spiritualistic Alliance, Ltd., London, págs. 31-3, registra um teste de livros dado a Stainton Moses através de sua escrita automática no ano de 1873. A referência é a seguinte:

'Eu perguntei como foi possível dar uma informação tão precisa. Respondeu-me que isso era extremamente difícil, possível apenas quando um estado extremamente passivo e receptivo do médium era alcançado. Além disso, diz-se que os espíritos possuem acesso a fontes de informação, de forma que eles podiam refrescar a sua lembrança imperfeita'.

'Eu perguntei como? Pela leitura; sob certas condições, e com um fim especial em vista; ou por inquérito, como o homem faz, embora para espíritos isso seria mais difícil, embora possível.

'Poderia o meu próprio amigo adquirir informação assim? Não; ele deixou a Terra há muito tempo, mas ele mencionou os nomes de dois espíritos acostumados a escrever ocasionalmente, que poderiam realizar essa façanha. Eu pedi que um deles fosse trazido. Eu estava sentado à espera de um aluno em uma sala, não a minha própria, que era usado como um escritório, e cujas paredes estavam cobertas de estantes de livros.

A escrita se aquietou, e após um intervalo de alguns minutos, outro tipo de escrita apareceu. Perguntei se o espírito recém-chegado poderia demonstrar-me o poder alegado.

'Você consegue ler?

'Não, amigo, eu não posso, mas Zachery Gray pode, e Reitor. Eu não sou capaz de me materializar, ou comandar os elementos.

'Há algum desses espíritos aqui?

'Vou trazer um por um. Vou enviar. . . . Reitor está aqui.

'Disseram-me que você pode ler. É isso mesmo? Você pode ler um livro?

'(A caligrafia do espírito mudou).

'Sim, amigo, com dificuldade.

'Você me escreveria a última linha do primeiro livro da Eneida?

'Espera — *Omnibus errantem terris et fluctibus aestas*'.

'(Isto estava correto).

'Exato. Mas eu poderia ter sabido. Você poderia ir até a estante, pegar o último livro, mas um da segunda prateleira, e ler para mim o último parágrafo da página 94? Eu não o vi, e eu sequer sei seu nome.

"Irei provar em breve, por meio de uma curta narrativa histórica, que o papado é uma novidade, e surgiu ou cresceu de forma gradativa desde o tempo

primitivo e puro do Cristianismo, não só desde a era apostólica, mas mesmo desde a lamentável união da Igreja e do Estado por Constantino".

'(O livro em questão revelou-se ser um esquisito, chamado *Rogers' Antipopriestian, an attempt to liberate and purify Christianity from Ropery, Politikirkality, and Priestrule*. O trecho dado acima era preciso, mas a palavra "narrativa" foi substituída por "relato").

'Como vim parar em uma frase tão apropriada?

'Eu não sei, meu amigo. Foi coincidência. A palavra foi alterada por erro. Eu percebi quando aconteceu, mas não mudei.

'Como é que você leu? Você escreveu mais devagar, e aos trancos e barrancos.

'Escrevi o que me lembrava, e depois fui buscar mais. Ler requer um esforço especial, é útil apenas como teste. Seu amigo acertou na noite passada: podemos ler, mas apenas sob condições são muito boas. Vamos ler mais uma vez, escrever, e, depois, tirar uma prova do livro: "O Papa é o último grande escritor daquela escola de poesia, a poesia do intelecto, ou melhor, do intelecto misturada com a fantasia". É isso que está escrito. Vá à mesma prateleira e pegue o 11º livro. (Eu peguei um livro chamado *Poetry, Romance, and Rhetoric*.) Uma página ser-te-á mostrada. Pegue-a e leia, e reconheça nosso poder, e a permissão que o grande e bom Deus nos dá, para mostrar-lhe o nosso poder sobre a matéria. A Ele seja a glória. Amém.

'(O livro abriu na página 145, e havia a citação perfeitamente verdadeira. Eu não tinha visto o livro antes; certamente não fazia ideia do seu conteúdo)'.

O *Journal of the American Society for Psychical Research*, Vol. VIII, 1914, página 413, contém a tradução de um documento lido pelo Dr. Geley perante uma reunião da Sociedade Francesa de Pesquisas Psíquicas, presidida na época por Camille Flammarion. O artigo aborda o tema das correspondências cruzadas, mas o incidente sintetizado abaixo lembra bastante o problema dos testes de livros. Uma vez que as frases do teste não foram tomadas de um livro, mas presumivelmente improvisadas para a ocasião pelo comunicador, isto evitou a dificuldade preliminar de extrair ideias de uma página impressa. Ainda assim nos vemos com o problema costumeiro de uma mensagem que só pode ser entendida em seu significado pleno comparando-a com os parágrafos a serem encontrados em outros lugares.

A Sra T. sentou-se em Paris com uma amiga que escrevia automaticamente. Outra amiga foi visitar Wimereux. A experiência anterior indicara uma estreita relação entre as suas duas amigas, pois elas sabiam o que ocorria em algum momento particular nos arredores de cada uma. Em um exemplo, uma mensagem de 23 palavras foi escrita por cada senhora na mesma hora, e descobriu-se que eram idênticas quando comparadas. A automatista que escreveu em Paris afirmou que ela foi capaz de ver por clarividência, na forma de luzes, os operadores espirituais que dirigiam o experimento; o principal deles assinava *Roudolphe*.

Em 16/09/1913, a automatista em Paris anuncia que uma dessas luzes está indo e vindo rapidamente. Ela então escreve três frases que não contêm qualquer significado ou à Sra. T ou a ela mesma. Elas eram:

'Bem comportados como os alunos em um convento para jovens moças bem instruídas'

‘Seus grandes olhos doces são usados para observar a passagem’.
‘A nova dama da moda cujos olhos’.

No dia seguinte lá chegou por correio um documento escrito na noite anterior pela automatista em Wimereux. Após uma rápida introdução, em que Roudolphe explica a ideia do seu experimento, prossegue: —

‘O CERVO NO BOSQUE’.

‘Alguma vez você encontrou, querida amiga, enquanto andava nas matas, o cervo que vive e vagueia pelos ramos folhosos, às vezes... [aqui a automatista notou uma pausa na escrita] às vezes em rebanho, pulando assustados, tão graciosos e fascinantes? Alguma vez já se perguntou o que aqueles belos animais pensavam, e o que eles virariam depois? Longe de mim fazer seu horóscopo (o que, afinal de contas, não seria de nenhum interesse para eles), mas me parece que a mentalidade deles deve ser muito diferente daquela que anima o cervo da floresta... [outra pausa] de veículos estranhos correndo sem a ajuda das pernas de um animal, e naqueles carros ou entre as veredas mais ou menos frequentadas, eles contemplaram mulheres com olhos alongados como os deles mesmos, mulheres delicadas e elegantes. Quem pode nos dizer se... [outra pausa] ficam tão incomumente grandes sob o traço do lápis não é uma corça da floresta no sofrimento das recordações retrospectivas? Querida amiga, eu tive alguns problemas porque a Srta. R. tentou entender, mas eu confio que fui bem sucedida com esta historinha infantil. Ótima boa noite, Roudolphe’.

Eu agora repito essa comunicação, inserindo em itálico as frases acima desconexas nas lacunas representadas nas pausas. Ver-se-á que faz um todo completo e inteligível.

‘Alguma vez você encontrou, querida amiga, enquanto andava nas matas, o cervo que vive e vagueia pelos ramos folhosos, *às vezes bem comportado como os alunos em um convento para moçoilas bem instruídas*, às vezes em rebanho, pulando assustados, tão graciosos e fascinantes? Alguma vez já se perguntou o que aqueles belos animais pensavam, e o que eles virariam depois? Longe de mim fazer seu horóscopo (o que, afinal de contas, não seria de nenhum interesse para eles), mas me parece que a mentalidade deles deve ser muito diferente daquela que anima o cervo da floresta. *Seus grandes olhos doces são usados para observar a passagem* de veículos estranhos correndo sem a ajuda das pernas de um animal, e naqueles carros ou entre as veredas mais ou menos frequentadas, eles contemplaram mulheres com olhos alongados como os deles mesmos, mulheres delicadas e elegantes. Quem pode nos dizer se *a nova dama da moda cujos olhos* ficam tão incomumente grandes sob o traço do lápis não é uma corça da floresta no sofrimento das recordações retrospectivas?’

Em seus comentários sobre isso e sobre o documento precedente o Dr. Geley observa que ambas as médiuns eram ignorantes do significado e intenção das frases que escreviam. ‘Ambas trabalharam como máquinas trabalhando em uma única direção idêntica, e uma inteligência independente’.

Examinando o documento para a explicação desses fenômenos, vimos que os espíritos operantes alegaram a capacidade de viajar rapidamente para e das automatistas,

influenciando seus escritos alternadamente até que o experimento fosse completo. Isso me lembra da resposta dada a Stainton Moses quando ele observou que seu teste de livro foi escrito vagarosamente e por ajustes e inícios, 'Escrevi o que me lembrava, e depois fui buscar mais'.

The Earthen Vessel, por Lady Glenconner, publicado por John Lane, em 1921, contém vários exemplos de testes de livros, também uma Introdução por Sir Oliver Lodge, F.R.S., sobre o problema que eles apresentam, e sua aparente relação com as palavras cruzadas e alusões literárias complexas que, por alguns anos passados, chamaram a atenção da Sociedade para a pesquisa Psíquica.

Um Relatório sobre o assunto dos Testes de Livros recebido pelos membros da Sociedade para a Pesquisa Psíquica foi escrito recentemente pela Sra. H. Sidgwick (ver *Proc. S.P.R.,* Parte LXXXI).

APÊNDICE B

TESTES DOS TÍTULOS DOS LIVROS

Títulos Aparecem com os Testes de Livros.

NOVE meses após a primeira aparição dos testes de livros, começaram a ser misturadas referências aos títulos dos livros, uma ou mais palavras de um título sendo feitas o assunto de um teste. Exemplos dessa mistura podem ser vistas na comunicação a seguir, copiadas das atas de 30/04/1918, com as verificações juntas. Deve-se ter em mente que a Sra. Leonard nunca visitou nossa casa.

> 'Em sua sala de estudos há livros entre a janela e a lareira, e um tipo de desigualdade divide as estantes parte do caminho para cima. Eles são uma séria particular de livros, e nem todo mundo os leria. Eu posso sentir quando os livros são do tipo popular, e aqueles não são'.

Eu reconheci essa descrição como precisa em cada detalhe.

> 'O quarto livro a partir da esquerda na segunda estante de cima é um que pula uma época, saltando de um século para outro'.

A segunda página daquele livro, parte do índice, refere-se nove vezes a séculos ou períodos da literatura francesa diferentes; e 190 páginas, uma porção substancial do volume, traça sua história dos primeiros dias à época atual.

> 'Uma palavra como "Interologia" tem a ver com o assunto do livro. A palavra "Inter—" está certa, e o restante dela pode ser acrescido pela palavra "—ologia", embora esta não seja a palavra usada. Isso tem a ver com o livro inteiro".

Era uma leitura francesa publicada pela 'International Correspondence Schools', cujo título aparece inteiro atrás. Assim a primeira parte, 'Inter—' foi dada com precisão, enquanto a segunda porção foi apropriadamente designada pelo compreensivo termo '—ologia', cobrindo a ideia de ensinar línguas por meio de livros-texto e correspondência.

‘Um nome próprio começando por “P” é proeminente, e você o verá com facilidade’.

De facto, pois 100 páginas são dedicadas a Paris, e o nome é repetido não menos do que 15 vezes no índice, onde, suponho, meu comunicador o encontrou.

‘A curta distância do último livro há um cujo título sugere um assunto sobre o qual muito tempo se perdeu. No mundo espiritual não há necessidade de discuti-lo! Nem haveria na Terra se as pessoas tentassem torná-lo real por elas mesmas, ao invés de discuti-lo tanto’.

Imediatamente acima do livro precedente estava o *Paraíso* de Dante. Isso me deixou em dúvida quanto ao que se quis dizer que perdeu-se tempo em discuti-lo; assim na entrevista seguinte eu perguntei, e foi-me dito que tempo foi perdido quando as pessoas expressavam incerteza sobre a existência do Paraíso e argumentavam para mostrar falsa a sua realidade, quando, por simplesmente perceber o Divino nelas mesmas, aqui e agora, elas podem estar certas de que o Paraíso as aguarda no Além. Esse ensinamento eu reconheci como um pensamento familiar dos sermões do meu pai, uma exposição da crença de São Paulo que nossa experiência do Espírito Santo é ‘o penhor da nossa herança’, uma certeza satisfatória pessoal das alegrias por vir. (Ef. i. 14) (2 Cor. v. 5, etc.).

John Wesley considerou que isso era uma parte importante de sua missão para dar proeminência a sua doutrina. Isso foi fortemente enfatizado pela igreja wesleyana, e não é de pouco interesse vê-la assim reinterada por alguém que, após pregá-la na Terra, provou sua verdade em outro lugar.

‘Continuando naquela prateleira, pegue o sexto livro a partir da esquerda, e na página 57 está algo aplicável à guerra atual. A passagem está além da metade do caminho descendo a página, digamos cinco oitavos, e se encaixa no estado de guerra muito bem, um tipo de declaração, digamos um resumo’.

Este livro era o *Inferno* de Dante, e tal título parecia apropriado considerando o então estado de guerra mundial. Na metade do caminho descendo a página começa a sentença:

‘Crowds beneath the water there suspire,
And make those bubbles on the top appear,
Where’er thou turn’st thine eyes.’

[Que sob as águas multidão suspira,
E em borbulhões a água entumece,
Por toda essa extensão, que vista gira]

Eu tomo essas linhas como intencionadas pelo meu comunicador serem aplicáveis aos dez milhares de marinheiros que, até então, perderam suas vidas no mar. Um tipo de resumo dos infortúnios navais e perdas de vidas em navios marcantes, navios hospitais, caça-minas, e navios de passageiros. Mas seu verdadeiro significado não me ocorreu. Contrário ao meu costume, eu li a passagem na entrevista seguinte, e sem fazer qualquer comentário inquiri se essas eram as linhas pretendidas? A resposta veio imediata: —

‘É isso. Ele achou que se aplicava apropriadamente aos submarinos e à agitação que eles causavam embaixo d’água’.

Esta era uma nova ideia para mim, e por um momento eu questionei sua relevância, dizendo que eu não tinha pensado nesse tipo de conexão, mas supus que se aplicava aos vários afogados, embora julgasse a palavra ‘suspira’ um tanto inaplicável.

‘Ele não sabia que a palavra era “suspira”’, exclamou Feda, ‘mas ele estava certo de que era uma palavra implicando uma manifestação de vida, de algum modo; pareceu-lhe sugerir algo como bufar ou espirrar, alguma ideia baseada no ato de respirar, e ele considerou isso uma referência apropriada à característica peculiar desta guerra, os U-boats’.[38, 39]

Essas observações sobre a passagem, feitas uma quinzena após o teste ter sido verificado, são interessantes como reveladoras do ponto de vista independente assumido pelo comunicador, e o facto de que eu não percebi a completa relevância da passagem até ser posteriormente explicada. Será visto pela observação da palavra ‘suspira’, que o método usado pelo comunicador neste período permitiu-lhe extrair o sentido geral sem qualquer certeza de descobrir a palavra ou palavras reais como elas apareceram impressas. Quanto à relevância de tais referências aos U-boats, só se precisa observar a data em que ela foi feita para perceber sua força.[40]

A declaração a seguir foi feita sobre este mesmo livro: —

‘Um importante nome começando com “C” ocorre muito nele.’

A palavra CANTO em letras capitais aparece no topo de não menos do que 252 páginas; assim este pequeno teste foi verificado.

Ainda foi dito que:

‘Ou no título ou no começo do livro há um nome importante começando com “A”’.

Voltando ao prefácio do nome da família de Dante é visto na quinta linha a partir do início, ‘Alighieri’.

‘À distância de um palmo do último, e possivelmente o livro imediatamente a seguir, está um título dando em uma palavra o estado atual da guerra’.

---

[38] A definição do dicionário para a palavra *suspiro* é ‘buscar uma respiração profunda, suspirar ou respirar’.

[39] U-Boot (em alemão: Unterseeboot, literalmente “barco submarino”) é o termo derivado do sistema da Marinha da Alemanha de dar nome aos seus submarinos, com uma letra “U” seguido de um número. (N. T.)

[40] Na “quinzena negra” de 17 a 30 de abril, quase 400 mil toneladas de mercadorias britânicas foram afundadas. O número de navios britânicos, aliados e neutros afundados subiu de 234 em fevereiro para 281 em março, para 373 em abril e para 287, 290 e 227 em maio, junho e julho. O total de U-Boats em operação subiu de 105 em 1º de fevereiro para 129 em 1º de junho; de fevereiro a abril apenas nove foram destruídos (a maior parte por minas). (N. T.)

O livro mais próximo era o *Purgatório* de Dante.

> ‘Lembre-se que a distância pode ser em qualquer direção. Dentro daquela distância acima do último está um título descrevendo o que o seu pai espera você um dia possa usar. Não é um item comum como um chapéu’.

No processo de verificar esse teste eu percebi que, como o *Purgatório* estava na estante do topo, um erro evidentemente tinha sido feito ao dizer que este título ficava acima dele. Como uma pesquisa ao longo dos títulos ao redor fracassou em encontrar qualquer coisa aplicável, eu registrei este como um fracasso, e disse isso na entrevista seguinte. Ao ouvir isso, Feda pareceu se referir ao comunicador, e então disse que um erro fora feito ao descrever a posição; não era acima, mas abaixo do livro anterior.

> ‘Ele está inclinado a pensar que o que ele pretendia está contido em um subtítulo ou está na folha de guarda. Olhe dentro dos livros logo abaixo’.

Eu voltei para casa sem muita expectativa de sucesso, mas a investigação 15 cm abaixo de Purgatório revelou meia dúzia de números do Bartholomew’s County Maps, que têm sobre suas capas uma marca registrada que consiste em um globo tendo em volta o nome do editor e *por cima uma coroa*. Além disso, e ainda dentro de curta distância de um palmo, havia 11 números de um livrinho de instruções com um tipo similar de marca incluída no título e *por cima uma coroa*. Havia nada menos do que 17 coroas dentro da distância estipulada. Tal referência simbólica a uma coroa era inteiramente apropriada ao hábito de se expressar de meu pai em seus dias terrenos. Observe a pista óbvia oferecida, ‘não um item comum como um chapéu’.

> ‘Um tanto à esquerda disso está um título no qual é mencionado algo que deveria ser evitado. Você pode ressentir-se de qualquer um que sugira que você precisa evitá-lo. Lembre-se que isso é dado apenas como um teste’.

Uns poucos centímetros à esquerda estava um livro por Anatole France com a palavra ‘Crime’ proeminente em seu título, *Le Crime de Sylvester Bonnard*. Na entrevista seguinte perguntei se tinha sido observado que o título estava em francês?

> ‘Não, seria tudo a mesma coisa para ele em qualquer língua que estivesse escrita. Você pode tentar em algum dia com um livro em chinês, japonês, ou outra língua estrangeira. Apenas tenha certeza de que primeiro foi lido por alguém que o compreendeu completamente’.

Esta indicação de limitação sugere que, neste período, pouca confiança foi posta em clarividência, e que o ‘sentir’ dos títulos era acompanhado por algo semelhante a psicometria, uma percepção dos pensamentos que foram evocados nas mentes daqueles que o leram.

Títulos usados como Testes—Ilustrações de muitas Sessões

Ao dar mais exemplos de testes de títulos, seria tedioso registrar com todos as direções explícitas dadas para encontrar o título requerido. A frase mais frequentemente usada era ‘dentro de um palmo’, e o palmo era para ser medido a partir de um livro, a

posição a qual era exatamente definida pela referência à sala, a posição das estantes, número da estante, e o número do livro a partir da esquerda ou direita como declarado. Nada era deixado ao acaso exceto o comprimento do palmo; meu palmo possui 23 cm.

Os exemplos a seguir, com a única exceção do primeiro, foram encontrados dentro da distância dos livros dados como medidas centrais. Não se deve supor que as centenas de livros nas minhas estantes permaneceram em seus lugares habituais durante esses experimentos. Eles foram desarranjados de propósito continuamente, os números sendo removidos de forma aleatória de uma parte da sala para outra. A única diferença observável era minha dificuldade em encontrar os livros requeridos no curso dos meus estudos habituais. Sua constante mudança me incomodava, mas aparentemente não fez diferença para a precisão do meu comunicador em testes de localização.

A correspondência entre as declarações recebidas e a presença de títulos apropriados dentro dos espaços indicados, dificilmente podem atingir o leitor com a mesma força que eu senti quando os descobri pela primeira vez. À medida que os meses se passavam, e o experimento continuava a ser bem sucedido, fiquei absolutamente convencido de que a inteligência dando essas mensagens através da Sra. Leonard e de seu controle esteve de facto em minha sala de estudos tomando nota da posição dos meus livros. E essa nova prova era suplementar a um considerável corpo de evidência apontando para a mesma direção.

O seguinte é de interesse pelo comentário junto:

> ‘Dentro de um palmo parece haver um título sugerindo um crescimento, e crescimento do tipo certo também; em conexão com esse livro você se lembrará de B., um homem famoso, que concordaria de coração com o ideal expresso pelo título e com os ideais do livro todo’.

O título nesta ocasião se mostrou estar bem além da distância de um palmo, de facto a distância foi de 32 cm, e era *Aggressive Christianity*, pela Sra. Booth. Que a Cristandade deveria crescer em influência por atividades agressivas era, como o mundo inteiro está ciente, a firme convicção do falecido General Booth, que, com a ajuda da autora, sua esposa, fundou o Exército da Salvação.

Quanto à interessante questão de por que as iniciais em vez dos nomes são geralmente dadas, eu não entrarei aqui. Que os nomes são conhecidos é fornecido por evidência adequada, mas a exata natureza do processo de comunicação deve ser estudada antes que alguém possa completamente apreciar a razão de por que alguns factos podem ser dados e outros apenas indicados de soslaio.

> ‘Quase seguinte ao último mencionado, seguinte ou o segundo, está um título que expressa o que todos deveríamos evitar, não apenas os estudantes do oculto, mas todos os cristãos também’.

Segundo ao livro acima estava *Agnosticism*.

> ‘Acima do 14º livro, ou bem próximo disso, há um título que irá lembrá-lo de seu tio Alfred’.

Temendo que isto não fosse suficientemente claro, perguntei se o título iria me lembrar dos seus gostos ou do seu nome? Foi-me dito que a ligação seria clara e imediata. Apesar de tal garantia, eu estava preparado para o fracasso, já que nunca lembrei meu tio por nada vindo das minhas prateleiras, exceto por dois volumes que ele me dera em meus tempos de estudante e que não eram suscetíveis de estarem nesta parte do aposento.

Mas quando, ao voltar para o meu escritório, eu olhei com uma leve curiosidade para a fileira de livros imediatamente acima do 14º, um deles por uma ligação dupla trouxe esse tio à minha mente. Era um livro escrito pelo pai dele, e em suas costas estava um nome que, exceto por uma inicial, era idêntica ao seu. O nome do tio era A. W. Thomas, e sobre o título aparecia J. W. Thomas. Este livro ficava *perpendicularmente* acima do número 14.

Tem sido um bom ano para frutas, e meu pai fez algumas referências à produção do nosso jardim e a conserva que ele notou estava sendo feita em nossa casa. Ele não disse 'conserva', entretanto, mas usou o termo mais simples que ele invariavelmente usava quando na Terra. Entre os testes dados estava o seguinte, que foi encontrado dentro de um palmo a partir de um certo livro que estávamos discutindo:

> 'Algo lá o lembra de sua geleia'[41].

Eu achei difícil acreditar que qualquer livro meu pudesse responder a essa descrição, seja pelo título, editora, ou nome do autor. Pareceu inacreditável. Mas a inspeção mostrou que, estando acima dos outros, e a apenas 5 cm de distância do livro idêntico que foi meu guia para ele, havia um pequeno volume com o simples título de *James*. Eu posso com certeza dizer que nunca antes notei a sugestão das três primeiras letras para este nome comum.

Duas referências eram saudações pela estação.

> 'Dentro de um palmo está um título expressando seus votos de Natal para você'.

O título era *Heart's Ease*. Isso foi dado antes do Natal; durante a primeira sessão em janeiro veio outra:

> 'Dentro de um palmo está um título expressando os votos de Ano-Novo para você em particular; ele gostaria de incluir Clara (o nome da minha esposa), mas receia que ele deve deixá-la fora disso. Você verá pelo título o que se quer dizer; abra no mesmo nome ou subtítulo, e isso lhe dará a pista de por que ele não pode incluir a Clara nisso'.

Eu achei impossível imaginar qualquer título que, enquanto um voto de Ano Novo, não seria igualmente aplicável a minha esposa e a mim mesmo. Mas meu pai frequentemente exibe uma engenhosidade mental que me surpreende. Imediatamente abaixo do livro no qual o palmo era para ser medido, eu achei *O livro que Enoque*, editado pelo professor Charles, e exibindo o lema da Oxford University Press, *Dominus*

[41] Em inglês, geleia se escreve *jam*. (N. T.)

Illuminatio Mea[42]. Nenhum voto para o Ano Novo poderia ser mais gratificante do que esta oração por iluminação Divina, embora o facto de isto estar acoplado com o nome de Charles forneça uma pista fácil ao motivo de porque isso foi assinalado como sendo pessoal para mim. Meu nome é Charles. Esta oração, junto com o nome Charles, é encontrada tanto nas costas do livro quanto na página de título.

> 'Dentro de um palmo está um livro que nos leva a uma era antiga, uns mil anos ou mais'.

Este era *The Minor Prophets*.

A seguir, um exemplo do modo com que o comunicador é capaz de me deixar perplexo, mesmo naquelas raras ocasiões em que eu tenho uma clara ideia dos livros que se encontram no local de onde ele está selecionando o teste.

> 'Chegando agora à estante mais baixa próxima a porta, há um título perto da porta sugerindo grego ou relativo à Grécia'.

Neste caso, eu era capaz de lembrar que os livros mais próximos da porta sobre a estante mais baixa foram comprados, usados para fins de referência. Eu ainda não tinha usado os livros, e pensava neles coletivamente como 'Os Primeiros Pais da Igreja'. Que eles se relacionavam com o grego era certo, mas eu esperava alguma referência no prefácio de escritos gregos, ou possivelmente uma citação grega na folha de rosto. Que não nada havia nada grego ou relativo à Grécia nos títulos propriamente ditos achava bastante certo. Qual não foi o meu espanto ao ver que o segundo a partir da porta incluía em seu título o nome 'Atenágoras'. Isso sugere inteiramente a Grécia, e o livro afirma que Atenágoras foi um filósofo de Atenas.

A ilustração a seguir similarmente se volta ao nome de um autor. Isso foi antecedido pela observação,

> 'Isto é muito interessante', e continuou, 'Próximo ao último livro nomeado, ele viu um contendo um nome muito próximo ligado a esta médium. Estritamente falando, é o título, mas ele está incerto se ele obteve a conexão do título ou da página de título'.

A exatos 30 cm do livro aludido havia um que tinha o seguinte tanto nas costas quanto na página de título: *With God in my Garden. Fifty-two talks to Children. Leonard E. Dowsett*. Embora o nome Leonard tenha mais de uma forma de escrever, aqui ele está idêntico com o da médium. Tivesse eu sido perguntado em meu caminho para essa sessão, e era a minha vigésima, se o nome Leonard aparecia em minhas estantes, eu teria respondido que, se de facto aparecia, eu certamente não tinha observado o facto.

> 'Dentro de um palmo está um título sugerindo metal manchado; ele não acha que queira dizer isso, mas isso o impressionou assim'.

[42] O Senhor é Minha Luz (N. T.)

À distância exata de um palmo estava o livro de A. C. Benson, *The Thread of Gold*. Um fio de ouro vai, no decorrer do tempo, se manchar. É curioso em como nesses testes uma vaga ideia parece ter sido pega pelo meu comunicador que, embora quase sempre correto de algum modo, é frequentemente qualquer coisa menos óbvio ou o que a maioria das pessoas pensaria ao ver tais títulos. Ainda assim, mesmo para nós, as leis da associação mental produzem uma variedade grande de resultados, e farão isso até mesmo com a mesma pessoa em épocas diferentes e sob condições alteradas.

> 'Dentro de um palmo está um título que expressa para ele "os olhos da juventude", ou como visto pelos olhos da juventude, deu-lhe a ideia muito claramente. Ele acha que essas palavras não estão lá, mas o título é apenas visto pelos olhos da juventude'.

Perto ficava o livro de Sulley, *Children's Ways*.

> 'Dentro de um palmo está um título expressando uma aventura que lhe seria muito interessante, um curso de conduta, uma condição, mas pelo modo de ser uma aventura. Isso lhe atrairia, mas você teria que ter cuidado. Ele acha e espera que você não queira entrar nisso. Há motivos por que isso não seria aconselhável no momento'.

O livro era o de Dean Plumtre, *The Spirits in Prison*, que lida com a missão de nosso Senhor para com as infelizes almas do mundo espiritual inferior. Aqueles que leram as vívidas narrativas do Rev. G. Vale Owen terão pouca dificuldade em perceber a relevância a essa alusão.

> 'Também dentro de um palmo está um livro com uma palavra no lado de fora, mas não propriamente no título, significando bastante atualizado. Ele acha que não está no título, ainda assim está fora do livro'.

Este era *A Harmony in the Gospels*, na *Versão Revisada*.

> 'Dentro de um palmo está um título sugerindo um ensinamento que é bastante revirado e distorcido para se encaixar nas ideias particulares de certas pessoas, assim causando muitos mal-entendidos'.

Este era *The Indwelling Spirit*. Aqui nós temos um dos factos centrais da Cristandade,; em nível que é experimentalmente entendido e apreciado nós temos iluminação para o intelecto, amor para o coração, força e orientação para a vida. *Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele*. — Rom. viii. 9. Tivesse esse ensinamento recebido constantemente o destaque que possui no Novo Testamento, a história da Cristandade nos teria poupado de seus capítulos sombrios.

> 'Cerca de três livros distante está um título muito notável. Refere-se àquele no qual devemos fixar nossa visão mental e sempre esforçar-nos mais rapidamente em sua direção'.

Aqui, não infrequentemente, meu pai aproveita o que serve ao seu propósito e ignora o restante. Algumas vezes ele se fixa no nome do autor, algumas vezes no título completo, e em outras vezes, como neste exemplo, sobre umas poucas palavras

especiais. Ele me deixa descobrir o exato curso de seu pensamento, no que raramente há dificuldade em fazê-lo. *Books which Influenced our Lord and His Apostles* era o título completo. Conhecendo meu pai como conheci, e compreendendo as aspirações de sua vida íntima, é fácil reconhecer a significância sobre as suas palavras centrais, e com a reverência mais profunda ligada a esses estudos, que me abriram novos céus bem como uma nova terra, eu me inclino, como faz meu pai, diante deste nome exaltado, 'NOSSO SENHOR'.